

Universidade de Brasília  
Instituto de Letras  
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas  
Programa de Pós-Graduação em Linguística

## O uso do *tu* no português brasileiro falado

EDILENE PATRÍCIA DIAS

Brasília  
2007

Universidade de Brasília  
Instituto de Letras  
Departamento de Lingüística, Português e Línguas Clássicas  
Programa de Pós-Graduação em Lingüística

## O uso do *tu* no português brasileiro falado

EDILENE PATRÍCIA DIAS

Dissertação apresentada ao Departamento de  
Lingüística, Português e Línguas Clássicas  
do Instituto de Letras da Universidade de  
Brasília como requisito parcial à obtenção do  
título de Mestre em Lingüística.  
Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Marta Pereira  
Scherre

Brasília  
2007

## **Banca Examinadora**

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Marta Pereira Scherre (presidente)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Edair Maria Gorski (titular)

Prof. Dr. Marcos Araújo Bagno (titular)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Orlene Lúcia de Sabóia Carvalho (suplente)

## **Agradecimentos**

Agradeço à querida Marta pela excelente orientação acadêmica, pela compreensão em relação aos meus pontos fracos e pelo entusiasmo com que saudava meus pontos fortes.

Às colegas de curso, que se tornaram grandes amigas, Karla Patrícia e Maria do Carmo, pelo ouvido emprestado nas horas de angústia, pelos conselhos e por serem exemplos acadêmicos e de determinação que procurei seguir.

À amiga Helena Guerra-Vicente que, com seu entusiasmo, me incentivou a iniciar o curso de mestrado.

À amiga Janaína pelas inúmeras demonstrações de amizade e também pela grande ajuda com as gravações de várias pessoas.

Aos meus irmãos Feliciano e Fernanda e minha amiga Verônica por colaborarem com as gravações de algumas pessoas.

À minha irmã Kátia, pela gravação de algumas pessoas, pela revisão da versão final desta dissertação e, principalmente, pelas palavras tranquilizadoras.

À minha mãe, Edite, e ao meu pai, Alécio. Às minhas irmãs, Márcia e Regina, e meu irmão, Humberto. Agradeço a todos eles por compreenderem as minhas ausências da vida familiar durante o período em que escrevi esta dissertação.

Ao Arnaldo pelos momentos de alegria, que várias vezes me ajudaram a recuperar o fôlego, e pela ajuda fundamental com o computador.

A todos os meus informantes pela imensa generosidade em compartilhar comigo momentos íntimos e assuntos pessoais nos quais, devido ao grau de intimidade de nossos relacionamentos, minha participação não estaria incluída.

Por uns caminhos extravagantes,  
irei ao encontro desses amores  
– por que suspiro – distantes.

Rejeito os vossos, que são de flores.  
Eu quero as vagas, quero os espinhos  
e as tempestades, senhores.

*Entusiasmo* - Cecília Meireles

I shall be telling this with a sigh  
Somewhere ages and ages hence:  
Two roads diverged in a wood, and I –  
I took the one less traveled by,  
And that has made all the difference.

*The road not taken* - Robert Frost

## Índice

Índice de Tabelas.....	iii
Índice de Quadros.....	iii
Índice de Gráficos .....	iii
Resumo .....	iv
Abstract.....	v
Introdução .....	1
1. Os Pronomes T/V .....	7
1.1 Introdução.....	7
1.2 Francês .....	13
1.3 Alemão .....	14
1.4 Sueco.....	15
1.5 Russo.....	16
1.6 Espanhol Ibérico .....	17
1.7 Espanhol Americano.....	19
1.8 Inglês.....	20
1.9 Conclusão .....	23
2. Pronomes e formas de tratamento em português.....	27
2.1 Breve histórico dos pronomes pessoais de segunda pessoa do português .....	27
2.2 Pronomes e formas de tratamento no português europeu e no português brasileiro .....	28
2.3 Trabalhos sobre o uso do <i>tu</i> no português brasileiro .....	34
2.3.1 Rio de Janeiro, capital .....	34
2.3.2 Recife - Pernambuco .....	36
2.3.3 Fortaleza – Ceará .....	38
2.3.4 Blumenau, Chapecó e Lages – Santa Catarina .....	39
2.3.5 Capitais e cidades do interior de Santa Catarina e Rio Grande do Sul .....	41
2.3.6 Brasília – Distrito Federal .....	43
2.4 Conclusão .....	45
3. Pressupostos teóricos e metodológicos.....	47
3.1 Princípios sociolinguísticos: estratificação social e conformidade individual .....	47
3.2 A função social da variação.....	50
3.3 Estudos em tempo aparente.....	52
3.4 Metodologia da pesquisa.....	54
3.4.1 O <i>corpus</i> .....	54
3.4.2 A amostra.....	55
3.4.3 Fatores analisados .....	57
3.4.5 O tratamento estatístico dos dados.....	59
4. Análise dos resultados .....	61
4.1 Fatores analisados .....	64
4.1.1 Tipo de fala .....	65
4.1.2 Faixa etária do falante .....	69
4.1.3 Sexo do falante.....	75

4.1.4 Estilo de vida do falante .....	78
4.1.5 Relacionamento com o interlocutor .....	81
4.1.6 Faixa etária do interlocutor.....	83
4.1.7 Sexo do interlocutor .....	85
4.1.8 Lugar do diálogo .....	87
4.1.9 Tipo de referência .....	89
4.1.10 Formas verbais .....	90
4.2 Conclusão .....	91
Conclusão.....	95
Bibliografia .....	99

## Índice de Tabelas

Tabela 2.1: Emprego das formas de tratamento <i>tu</i> e <i>você</i> (Sette 1980:105) .....	37
Tabela 2.2: <i>Tu, você, o senhor</i> : totalização dos dados em Soares (1980) .....	39
Tabela 4.1: Totais de referências à segunda pessoa .....	61
Tabela 4.2: Função sintática do sintagma nominal .....	61
Tabela 4.3: Distribuição dos dados de <i>tu</i> , <i>cê</i> e <i>você</i> por sexo e faixa etária .....	62
Tabela 4.4: Totais de referências à segunda pessoa com dados agrupados .....	64
Tabela 4.5: Tipo de fala e frequência de <i>tu</i> .....	69
Tabela 4.6: Faixa etária do falante e frequência de <i>tu</i> .....	70
Tabela 4.7: Frequência de <i>tu</i> por informante .....	72
Tabela 4.8: Frequência de <i>tu</i> por faixa etária e tipo de diálogo .....	74
Tabela 4.9: Sexo do falante e frequência de <i>tu</i> .....	75
Tabela 4.10: Frequência de <i>tu</i> por sexo e faixa etária do falante .....	76
Tabela 4.11: Estilo do falante e frequência de <i>tu</i> .....	79
Tabela 4.12: Relacionamento com o interlocutor e frequência de <i>tu</i> .....	82
Tabela 4.13: Faixa etária do interlocutor e frequência de <i>tu</i> .....	84
Tabela 4.14: Sexo do interlocutor (feminino ou masculino) e frequência de <i>tu</i> .....	86
Tabela 4.15: Sexo do interlocutor (mesmo ou oposto) e frequência de <i>tu</i> .....	87
Tabela 4.16: Lugar do diálogo e frequência de <i>tu</i> .....	88
Tabela 4.17: Tipo de referência e frequência de <i>tu</i> e <i>cê/você</i> .....	89
Tabela 4.18: Frequência de <i>tu</i> por tipo de referência e tipo de fala .....	90
Tabela 4.19: Formas verbais e frequência de <i>tu</i> e <i>cê/você</i> .....	91

## Índice de Quadros

Quadro 2.1: Esquema simplificado do sistema de formas de tratamento em Portugal .....	30
Quadro 3.1: Padrões de mudança no indivíduo e na comunidade .....	53
Quadro 3.2: Caracterização dos informantes .....	56

## Índice de Gráficos

Gráfico 4.1: Faixa etária do falante x Uso de <i>tu</i> .....	71
Gráfico 4.2: Correlação idade x Uso de <i>tu</i> .....	71
Gráfico 4.3: Frequência de <i>tu</i> x Faixa etária e tipo de diálogo .....	74
Gráfico 4.4: Faixa etária e sexo do falante x Uso de <i>tu</i> .....	77



## Resumo

O objetivo deste trabalho é analisar a variação *tu/você* entre falantes brasileiros descrevendo quais fatores lingüísticos e sociais condicionam a variação em diferentes faixas etárias. O estudo verifica se a variação nos pronomes de segunda pessoa acontece porque estes formam um par de pronomes do tipo T/V, segundo a definição proposta por Brown e Gilman (1960), e se o fenômeno em questão revela processo de mudança lingüística em progresso ou de gradação etária. O estudo foi realizado dentro dos pressupostos da sociolingüística variacionista descritos por Weinreich, Labov e Herzog (1968). São analisadas amostras de fala de pessoas de três faixas etárias, de 13 a 19 anos; de 20 a 29 anos; e de mais de 30 anos, nascidas em Brasília ou que tenham se mudado para a cidade com até cinco anos de idade. As amostras foram obtidas por intermédio de gravações de conversas espontâneas. O uso de entrevistas sociolingüísticas foi evitado porque o pronome *tu* tende a aparecer predominantemente em conversas informais em relacionamentos íntimos.

A análise dos dados demonstra que a freqüência de uso de *tu* diminui com a idade, isto é, quanto mais velho o falante, menor a freqüência de uso deste pronome. Os homens usam mais *tu* que as mulheres. A escolha entre um e outro pronome é condicionada por fatores diversos nas diferentes faixas etárias. Entre falantes com menos de 30 anos, o uso de *tu* aparece com interlocutores da mesma idade principalmente como marca de intimidade, em momentos de descontração quando os interlocutores falam em tom de brincadeira e em observações irônicas. Os falantes mais velhos tendem a usar mais o *tu* para fazer brincadeiras. O estilo de vida do falante, entre alternativo e conservador, é também um fator importante, as pessoas com estilo alternativo usam mais *tu* que as conservadoras. Assim, os resultados apontam tanto para uma mudança em curso: os usos do pronome *tu* estão se expandindo; quanto para um caso de gradação etária: a freqüência de uso de *tu* diminui à medida que o falante se estabelece profissionalmente.

## Abstract

The aim of this research is to analyze the variation of the second person singular pronouns *tu/você* among speakers from Brasília, and describe the conditioning factors of the variation within different age groups. The study verifies whether the variation happens because these pronouns form a pair of the type T/V, according to the definition proposed by Brown and Gilman (1960), and whether it is a case of change in progress or a case of age grading. The study was carried out according to the principles of linguistic change described by Weinreich, Labov and Herzog (1968). Samples of speech of people born in Brasília, or that moved to the city before five years old, from three age groups were analyzed: from 13 to 19 years old; from 20 to 29 years old; and older than 30 years old. The samples were obtained by recording natural speech. Classical sociolinguistic interviews were not used because the pronoun *tu* tends to appear mainly in informal conversations of people in intimate relationships.

The analysis of the data demonstrates that the frequency in the use of *tu* diminishes with the age, that is, the older the speaker, the lower the frequency of this pronoun. Men use more *tu* than women. The choice between one or the other pronoun is conditioned by different factors within each generation. Among speakers less than 30 years old, *tu* appears in interlocutors of the same age group as a mark of intimacy, in relaxed moments when speakers use a playful tone and in ironic observations. Older speakers tend to use *tu* more when making jokes towards each other. The lifestyle of the speakers, between alternative and conservative, is also an important factor; alternative people use more *tu* than conservative ones. The results point not only to a change in progress: the uses of *tu* are expanding, but also to age grading: the frequency of *tu* gradually diminishes when speakers start their professional lives.

## Introdução

As formas de tratamento em uma comunidade refletem valores e atendem a interesses de seus integrantes, pois são instrumentos importantes para a caracterização dos relacionamentos e dos contextos sociais onde esses relacionamentos ocorrem. A escolha entre as formas disponíveis para se dirigir à segunda pessoa é condicionada por fatores sociais e ideológicos e a conformidade do indivíduo em relação às normas de uso reflete sua atitude quanto aos valores sociais do grupo em que está inserido. Fatores psicológicos também podem condicionar a escolha da forma de tratamento expressando sentimentos como afeição, hostilidade, admiração, adulação, raiva, desprezo, desejo de expressar ironia, irritação, distância. Pode-se perceber a importância da escolha de tratamento e os conflitos que uma escolha imprópria pode gerar no trecho de um artigo da *Folha de S.Paulo*, transcrito a seguir:

Então, chegam duas mulheres, mãe e filha, a mais velha querendo mostrar a "curiosidade" do bairro à mais nova. A atitude é de visitantes de zoológico. "Não te falei que ele existia?", pergunta a mãe a uma filha envergonhada. "Você é famoso por aqui, viu?", diz a ele.

"Tudo bem?". "Tudo", responde Raimundo, resignado. "Nós podemos ouvir a conversa do senhor?", pergunta ao repórter. Raimundo não gosta de ser "você" e de o repórter, mais novo, ser "senhor", e resolve o conflito social com uma palavra: "Não". As duas se afastam decepcionadas.

(Dávila, Sérgio. "Raimundo, sem-teto e cronista de São Paulo", *Folha de S.Paulo* de 25/12/05, p. C1)

No trecho destaca-se o uso de duas formas de tratamento de segunda pessoa. A senhora trata o morador de rua por *você* e o repórter por *o senhor*. Se a questão etária não é a causa da diferença, o repórter é mais novo que o morador de rua, como explicar o tratamento diferenciado? Para justificar o uso de formas diferentes no mesmo contexto – conversa informal na rua –, é necessário apelar para mais de uma dimensão: o tratamento do morador de rua pode estar relacionado ao estabelecimento de distância, caso a falante tenha em seu repertório o pronome *tu*, sem indicação de posição inferior; o tratamento dado ao repórter, o mais formal, pode estar relacionado ao respeito profissional. A explicação dada pelo próprio repórter para a diferença – conflito social – pode também estar em jogo. Pode-se ainda considerar a possibilidade de uso de uma forma não marcada, *você*, em contraste com uma forma marcada, *o senhor*. Se essa hipótese for verdadeira para a falante, a questão do conflito

social não explicaria sua escolha para o tratamento de Raimundo. Ela poderia ter demonstrado que o repórter é alguém de quem se sente distanciada, talvez pelo fato de não ser morador do bairro ou por nunca tê-lo visto antes, em contraste com Raimundo, que pode ser considerado seu vizinho. O fato importante é que, na interpretação dada pelo repórter, foi a escolha das formas de tratamento usada pela senhora o fator determinante para o insucesso de sua tentativa de aproximação e não a atitude "de visitantes de zoológico".

Como se vê, não é tarefa simples interpretar todas as informações que podem estar contidas na forma escolhida por um falante para se referir ao seu interlocutor. Além das formas expressas no artigo citado acima, no português brasileiro pode-se também usar o pronome *tu* para referência da segunda pessoa.

Sobre os pronomes de segunda pessoa no português, Faraco (1996: 63-64) afirma que em Portugal “*tu* é ainda de uso corrente no tratamento íntimo e *você* é usado no tratamento entre iguais não solidários ou, mesmo, no tratamento não solidário de um interlocutor de *status* social inferior”, enquanto no Brasil “*você* é o pronome de uso comum para o tratamento, estando o pronome *tu* restrito a algumas variedades regionais”.

No entanto, deve-se ressaltar que o tratamento da variação *tu* e *você* no português brasileiro como regionalismo não é atualmente generalizado entre lingüistas. Entre outros, Paredes Silva (2003) estudou o reaparecimento do pronome *tu* na fala carioca e Lucca (2005) estudou o uso deste pronome como marca de solidariedade entre rapazes brasilienses.

Pode-se argumentar, assim, que o sistema pronominal do português brasileiro parece ainda não ter encontrado o equilíbrio. As regras de utilização das formas de tratamento *tu*, *você* e também *o senhor* não parecem tão claras quanto em outras línguas. Em algumas ocasiões pode-se observar o uso de mais de uma forma com o mesmo interlocutor e no mesmo contexto. O tipo de relacionamento entre os interlocutores não é, portanto, o único aspecto considerado pelos falantes ao escolher uma forma de tratamento.

O Distrito Federal, pelas características particulares de sua fundação, apresenta um campo fértil para estudos sobre variação e mudança lingüística. Um caminho considerável já foi percorrido desde o encontro de falares de diversas regiões brasileiras na direção do estabelecimento de um sotaque brasiliense com características próprias, da difusão à focalização dialetal. Segundo Bortoni-Ricardo (2000: 331), citando Le Page, “um dialeto

focalizado é percebido como uma entidade distinta. A difusão dialetal, por outro lado, é o resultado do contato entre variedades, fenômeno associado com a mobilidade geográfica”.

Há ainda muito que estudar desse dialeto emergente, identificar que traços permaneceram das várias contribuições regionais recebidas. Estudos (Adant 1988, Corrêa 1998) indicam que as variantes menos marcadas são as que permanecem no sotaque brasiliense. Os primeiros moradores de Brasília vieram principalmente do Sudeste e do Nordeste do Brasil, regiões que apresentam usos distintos para as formas de tratamento. O uso de *você*, tomando-se por base afirmações como a de Faraco acima, é o menos marcado, no entanto, não se pode afirmar que *você* tenha *status* categórico no Distrito Federal.

O recente trabalho de Lucca (2005) sobre a variação *tu/você* em Brasília teve como objeto de pesquisa jovens de três regiões administrativas do Distrito Federal e analisou as diferenças no uso de *tu* entre os gêneros. A conclusão a que chegou é que o *tu* é usado nas três regiões estudadas, em maior grau naquelas em que os moradores são de procedência nordestina.

Em Brasília é possível observar a variação *tu/você* em diversos ambientes e faixas etárias. Pude observar o uso de *tu* e *você* por um rapaz que trabalha como caixa em uma livraria/café em Brasília. Ao se dirigir a mim, cliente bastante freqüente do café, usa *você*, porém, ao se dirigir à colega de trabalho com idade próxima à sua, pouco mais de 20 anos, usa *tu*. Se eu não fosse alguém relativamente conhecido, por ser aproximadamente 15 anos mais velha, poderia ter recebido o tratamento *a senhora*? Os funcionários mais velhos da loja recebem *tu* ou *você*? Outros exemplos da variação *tu/você* que fazem parte do *corpus* estudado nesta dissertação são:

Exemplo (1): Conversa entre quatro amigos em uma praça de alimentação de um centro comercial; no trecho reproduzido falam apenas três pessoas:

FD – sexo feminino, 17 anos, estudante de segundo grau;

TO – sexo masculino, 17 anos, estudante de curso superior;

BR – sexo feminino, 17 anos, estudante de curso superior.

TO	Negócio ruim todo mundo faz uma vez na vida.
BR	Mas <b>VOCÊ</b> faz freqüentemente.
TO	Freqüentemente?
FD	Éita!
TO	Nem sei mais que guria é essa, véi.
FD	Não!

TO Não! Nem falo mais com ela.  
 FD Cara, eu não agüento!  
 TO A culpa não é minha.  
 FD **TU** tava sóbrio!  
 BR Ø tava, Ø tava.  
 FD A primeira vez **CÊ** tava sóbrio  
 BR É, a primeira vez **CÊ** tava sóbrio.  
 TO Eu só falo essas coisas... [interrompido]  
 FD É ruim, mas sempre Ø fica, né, véi?  
 TO Tá, véi, mas ó, a primeira vez, véi, foi... [interrompido]  
 [todos falam juntos]  
 FD Não, que ela tem a maior barriga assim, e usa blusa muito curta!  
 TO **TU** também não pode falar nada, Dona M.  
 FD A M. chega virou o olhinho assim, ó.

Exemplo (2): Conversas durante um jogo de buraco em casa de amigos:

JB – sexo feminino, 26 anos, psicóloga e professora de dança;

CS – sexo masculino, 25 anos, professor de educação física;

AC – sexo feminino, 26 anos, funcionária pública.

JB A., **CÊ** vai ficar na casa do D.?  
 AC Vou.  
 JB **CÊ** tem ... **CÊ** tem família lá também, né?  
 AC Tenho.  
 AC [para JB] Ah! Ela sai na hora dela ... dela jogar. Por que que **CÊ** não sai depois, **CÊ** joga e depois ...  
 CS A., **CÊ** tá morenona, hein? Assim, perto de mim **TU** é branquela, mas Ø tá morenona perto das meninas ... J. é **VOCÊ**, ô enrolada!  
 JB [para CS] **TU** trouxe o Friends pra mim?  
 CS Não enche, brother, eu ia trazer ... mas eu trago amanhã.  
 JB Cara, **TU** tá me enrolando, **TU** não vai me dar esse negócio!  
 JB [para CS] ãhã, eu vi!  
 AC Ah, C.! Pô, C., pára de roubar, C.! Caralho, **TU** rouba demais!

Exemplo (3): Conversa sobre o descumprimento de um acordo salarial no ambiente de trabalho:

CD – sexo feminino, 34 anos, funcionária pública;

JM – sexo masculino, 47 anos, chefe imediato de CD.

CD Eu acho que o sindicato devia mandar uma carta pro presidente exigindo o aumento que foi combinado.  
 JM E **TU** acha que isso vai adiantar alguma coisa?

Demonstrado o fato de que os falantes brasileiros usam *tu* em variação com *você* (tanto em sua forma plena quanto na forma reduzida *cê*), pode-se estudar como se deu o processo de transmissão e incremento dessa variável entre as faixas etárias de falantes que nasceram em Brasília. O objetivo deste trabalho é estudar o uso do pronome *tu* no português falado em Brasília e descrever os fatores que condicionam a variação com *você* em falantes brasileiros de três faixas etárias.

A partir da observação de usos como os transcritos acima, foram formuladas as hipóteses que nortearam o desenvolvimento desta dissertação:

1. o uso do pronome *tu* é tão mais freqüente quanto mais jovem o falante; se a hipótese for confirmada, deseja-se verificar se é um caso de mudança em curso ou de gradação etária;
2. os fatores que condicionam o uso do *tu* são diferentes em cada uma das faixas etárias estudadas:
  - a) nas faixas etárias mais jovens o pronome *tu* é usado com condicionamento típico dos pronomes do tipo T/V, segundo terminologia sugerida por Brown e Gilman (1960);
  - b) na faixa etária com mais de 30 anos de idade, especialmente no caso das mulheres, o uso do pronome *tu* é usado para expressar desrespeito;
3. a freqüência de uso do *tu* está relacionada ao estilo de vida do falante; considerando-se os extremos alternativo e conservador, os falantes alternativos usam mais o *tu* que os conservadores.

O estudo foi feito segundo os pressupostos teóricos da sociolinguística variacionista e dos princípios gerais para o estudo da mudança linguística descritos por Weinreich, Labov e Herzog (1968), ou seja, que a variação (Milroy e Gordon 2003: 4):

- é inerente às línguas;
- é sistemática e condicionada por fatores intra e extralinguísticos;
- tem funções sociais; e
- é fundamental para que a mudança linguística ocorra de maneira ordenada.

O tratamento estatístico dos dados analisados foi feito com o programa GoldVarb X, a versão de 2006 do programa Varbrul, desenvolvido por David Sankoff, Pascale Rousseau, Don Hindle e Susan Pintzuk.

O primeiro capítulo faz uma revisão bibliográfica a respeito dos pronomes de segunda pessoa e o uso destes em pares como os que Brown e Gilman (1960) denominaram de pronomes T/V; o primeiro capítulo também analisa o uso dos pronomes do tipo T/V em algumas línguas. O segundo capítulo trata dos pronomes de segunda pessoa e formas de tratamento no português brasileiro e no português europeu e analisa o uso do pronome *tu* em algumas variedades do português brasileiro. O terceiro capítulo descreve o suporte teórico e metodológico; analisa alguns trabalhos sociolinguísticos que influenciaram a forma como esta dissertação foi desenvolvida e os procedimentos de pesquisa adotados: o *corpus* analisado; a amostra da população; os fatores condicionantes considerados relevantes para a variação *tu/você* em Brasília e o tratamento estatístico dos dados. A análise dos dados coletados; a verificação das hipóteses e os resultados da pesquisa são apresentados no quarto capítulo. A conclusão apresenta as considerações finais.



# 1. Os Pronomes T/V

## 1.1 Introdução

Em 1960 Brown e Gilman publicaram um artigo clássico sobre os pronomes de segunda pessoa, “The pronouns of power and solidarity”, em que apresentam teorias a respeito do uso desses pronomes e descrevem seus usos nas línguas alemã, francesa e italiana. No artigo, são propostos os símbolos T e V para designar os pronomes de segunda pessoa nas diversas línguas: T, cuja origem é o *tu* do latim, é o pronome da familiaridade, e V, de *vos*, o pronome da formalidade.

Os autores descrevem primeiramente o uso de dois pronomes singulares de segunda pessoa no latim. O sistema do latim possuía originalmente *tu*, singular, e *vos*, para uso com a segunda pessoa do plural exclusivamente. O uso de *vos* para uma única pessoa começou para o tratamento de reverência dado somente para o imperador. Com o tempo, o uso de *vos* para tratamento singular se expandiu para outras pessoas em posição de poder. Porém, normas claras a respeito do uso dos dois pronomes só podem ser identificadas em diversas línguas, tais como francês antigo, espanhol, italiano, português e inglês, entre os séculos XII e XIV. As normas que se cristalizaram em cada língua variavam, mas tinham elementos comuns que obedeciam ao que os autores chamaram de semântica de poder.

A semântica de poder caracteriza-se pelo tratamento não recíproco: o superior se dirige ao inferior usando T, mas é tratado por V. Apesar de a origem desta semântica ser o poder político, com a generalização do uso dos pronomes V, o poder passou a vir de outras esferas: força física, idade, riqueza, sexo, igreja, exército e posição dentro da família.

Para que o uso não recíproco descrito pela semântica de poder se estabeleça é necessário que a estrutura social seja rigidamente estratificada. As sociedades na Idade Média não eram tão rígidas e a semântica de poder não era a única norma a ser utilizada para definir o uso dos pronomes T/V. Usar V era considerado ter uma linguagem elegante como a das classes mais altas. A razão disso é a origem do uso de V no singular, sempre para ocupantes de cargos de poder de cada país. Normalmente indivíduos das classes mais baixas usavam T entre si, enquanto os das classes mais altas usavam V. O uso mútuo de V, no entanto, se disseminou lentamente para classes mais baixas. Com o tempo surgiu o que os autores chamaram de

semântica de solidariedade, em que T e V passaram a ser usados para expressar intimidade e formalidade, respectivamente.

O uso de V no singular, desde sua origem, era assimétrico; servia para salientar diferenças entre indivíduos. Na semântica da solidariedade há simetria no uso dos pronomes. Dentre as características pessoais que contam para determinar o grau de solidariedade entre falantes estão aquelas relacionadas à similaridade de comportamentos e atitudes, que normalmente incluem visões políticas, família, religião, profissão, sexo e lugar de nascimento.

A introdução da semântica de solidariedade não se chocava diretamente com a manutenção da semântica de poder: a primeira prescrevia o uso entre iguais; a segunda, entre diferentes. Assim, o sistema mantinha-se equilibrado. Durante o século XIX, no entanto, a semântica de poder perdeu espaço e o sistema passou a ter a partir de então uma única dimensão em que os dois pronomes são usados mutuamente, isto é, os dois interlocutores dizem e recebem o mesmo pronome. T mútuo é usado entre solidários; e V mútuo, entre não solidários. A probabilidade de uso de T aumenta à medida que os integrantes de um relacionamento podem ser descritos como sendo da mesma idade ou da mesma família ou de mesma renda ou da mesma profissão. V torna-se tão mais provável quanto maior a distância desses mesmos atributos em cada uma das pessoas envolvidas.

Porém, o uso não recíproco dos pronomes deixou sua marca ainda hoje, quando a norma mais aceita socialmente estabelece que a pessoa que tem o direito de mudar a forma de tratamento de V para T é aquela em posição mais poderosa, seja por uma questão de idade, posição social ou hierarquia.

Como prova de que, de fato, a semântica de solidariedade substituiu quase que completamente a semântica de poder, os autores citam dados de sua pesquisa sobre o uso não recíproco de pronomes, aquele em que uma pessoa diz T mas recebe V. Apenas 11% dos dados de língua francesa apresentaram este tipo de uso; em alemão foram 12%; em italiano, 27%. Nas três línguas a situação que mais favorecia o uso não recíproco era o relacionamento entre patrão e serviçal.

Os autores acreditavam que o aumento do uso de T em todas as línguas que estudaram era uma tendência generalizada. Segundo eles, a mudança acontecia porque os tipos de relações que podiam ser definidas como solidárias o suficiente para o uso de T tendiam a crescer.

Assim, a semântica da solidariedade tenderia a se expandir porque as sociedades em geral estariam mudando de um padrão em que o poder estava vinculado ao nascimento para um padrão com maior mobilidade social e ideologias voltadas à igualdade.

Brown e Gilman estudaram o uso dos pronomes T e V em francês, italiano e alemão analisando questionários respondidos por estudantes de intercâmbio desses países nos EUA, e chegaram à conclusão de que é possível generalizar o uso de T e V nessas três línguas. Há uma regra semântica abstrata regulando o uso desses pronomes: o uso é recíproco e T torna-se mais provável à medida que a solidariedade entre os falantes aumenta. A diferença se dá no peso dos atributos considerados para descrever uma relação como solidária. Em alemão, o peso da proximidade devida a relações familiares é maior, enquanto em francês e italiano a intimidade adquirida com o convívio tem mais importância.

Algumas vezes, porém, as normas do grupo podem ser violadas e os pronomes podem ser usados de forma imprópria, o que sinaliza uma mudança de atitude do falante para com seu interlocutor. Os usos mais antigos de T e V para expressar atitudes são o T em relação a raiva ou desprezo, e o V, respeito e admiração.

A análise de Brown e Gilman baseia-se na oposição entre poder e solidariedade, normalmente vinculada à oposição distanciamento e proximidade, respectivamente. Porém, alguns autores contestam essa oposição. Tannen (2003: 209) aponta o caráter paradoxal e ambíguo dessas dimensões e afirma que, "apesar de poder e solidariedade, proximidade e distanciamento parecerem à primeira vista opostos, cada um deles também envolve o outro"<sup>1</sup>, e cita como exemplo o caso de um amigo mais rico que sempre insiste em pagar a conta do outro. Essa pode ser tanto uma demonstração de generosidade – o amigo está dividindo com o outro a sua riqueza – como de poder – ele está mostrando ao outro que tem mais que ele. Tannen conclui o artigo nos seguintes termos:

... a pesquisa nesta área evidencia o perigo de ligar formas lingüísticas a intenções interacionais, tais como a dominação. Ao tentar entender como os falantes usam a língua, devemos considerar o contexto (em todos os sentidos, incluindo os condicionamentos textuais, os de relacionamento e os institucionais, pelo menos), os estilos conversacionais dos falantes e, o mais crucial, a interação de seus estilos entre si<sup>2</sup> (p. 224).

---

<sup>1</sup> No original: "although power and solidarity, closeness and distance, seem at first to be opposites, each also entails the other."

<sup>2</sup> No original: "... research in this area evidences the danger of linking linguistic forms with interactional (cont.)

Assim, no português, para um falante que possui em seu sistema a oposição *você/o senhor*, o uso do pronome *tu* pode se dar somente em contextos muito específicos, como é o caso de uma falante que não usa o pronome *tu* em suas interações rotineiras, mas que, ao narrar a demora de um funcionário de uma agência de veículos para avaliar seu carro, disse:

Amanhã vou levar o meu carro lá e dizer pro H.: e aí? **TU** vai avaliar o meu carro ou não vai? Senão eu levo ele em outro lugar.

Apesar de ser possível caracterizar o uso do *tu* como uma demonstração de poder, se ela exigir do funcionário que a trate por *a senhora*, não seria qualquer tipo de poder, já que, para o caso desta falante especificamente, a oposição *você/o senhor* é a que normalmente cumpre o papel da oposição poder/solidariedade atribuída aos pronomes T/V.

Head (1978) analisou os sistemas pronominais em mais de cem línguas para identificar como cada uma delas indicava respeito ou distância social com o objetivo de identificar universais lingüísticos. O material usado pelo autor foi formado principalmente por gramáticas e manuais para o ensino das línguas a estrangeiros. Neste estudo, Head usa os termos *graus de respeito* ou *distância social*, evitando o uso dos termos *familiar* e *polido*; *íntimo* e *formal*, e justifica sua posição:

Estes termos com freqüência representam mal a diferença de significado entre formas alternativas. Se o uso de um pronome (tal como o tu, segunda pessoa do singular do francês) pode ser considerado "familiar" em certas circunstâncias, o uso da forma alternativa (a segunda pessoa do plural, vous) na mesma situação não é necessariamente "polido": pode ser agressivo, autoritário, insultuoso, ou talvez simplesmente não familiar ou não íntimo. A diferença de significado entre formas alternativas para referência não é a mesma em todas as situações e, assim, não é fielmente captada pelo uso geral de pares de termos descritivos<sup>3</sup> (p. 154).

---

intentions such as dominance. In trying to understand how speakers use language, we must consider the context (in every sense, including at least textual, relational, and institutional constraints), speakers' conversational styles, and, most crucially, the interaction of their styles with each other."

<sup>3</sup> No original: "such terms often misrepresent the difference in meaning between alternate forms. If the use of a pronoun (such as French second person singular tu) may be considered "familiar", use of the alternate form (second person plural vous) in the same situation is not necessarily "polite": it may be aggressive, authoritative, insulting, or perhaps simply non-familiar or non-intimate. The difference in meaning between alternate forms of reference is not the same from one situation to another, and thus is not faithfully captured by the general use of pairs of descriptive terms."

Grau de respeito, que pode ir desde o desrespeito até um grau máximo de respeito, talvez seja a dimensão necessária para explicar o comportamento da falante no exemplo com o funcionário da agência de veículos. O *tu* pode ter sido usado por ela dentro desta dimensão. Assim, ao invés de ser uma demonstração de poder, o *tu* usado por ela pode estar vinculado ao desejo, originado pela irritação com a demora em ser atendida, de demonstrar falta de respeito por alguém que considera incompetente profissionalmente.

No estabelecimento de diferentes graus de respeito ou distância social, entre os universais propostos por Head destacam-se:

1. a variação no número é o mecanismo mais amplamente usado, com o não-singular geralmente significando um grau mais alto de respeito ou de distância social;
2. nas línguas em que há variação na pessoa, a terceira pessoa indica maior distância social; em línguas que usam ambos os mecanismos, variação no número e na pessoa, a variação na pessoa indica tratamento mais respeitoso ou distante que a variação no número;
3. o uso da terceira pessoa é geralmente introduzido nas línguas pela substituição de substantivos ou expressões nominais usadas no tratamento respeitoso;
4. pronomes reflexivos, demonstrativos e substantivos pronominalizados ou expressões nominais pronominalizadas normalmente indicam maior respeito ou distância que o pronome pessoal de mesmo número.

O autor também observa que, quando há formas pronominais alternativas para demonstrar grau de respeito ou distância e uma delas passa a ser usada sem qualquer significado especial, esta era anteriormente a que indicava maior respeito. Como é o caso do *Vossa Mercê* que se transformou em *você*, especialmente no português brasileiro.

Sobre a diferenciação pronominal para indicação de respeito, Buchler e Freeze (1966) analisaram vinte e duas línguas<sup>4</sup> com o objetivo de chegar a um conjunto de traços distintivos para caracterizar os pronomes pessoais de qualquer língua. Os traços propostos são divididos em traços formais e traços socioculturais. Os traços formais incluem: (1) questões de número; (2) inclusão/exclusão do falante; e (3) inclusão/exclusão do ouvinte. Os traços socioculturais

---

<sup>4</sup> As línguas analisadas pelos autores foram: inglês padrão, inglês do sul do Texas, k'ekchi maya, espanhol ibérico, espanhol americano, holandês, tzeltal maya, ibo, chinês, persa, ilocano, assinibiose siouan, maranao, hebreu, hindu, russo, gilyak, português, francês, totonac e nahuatl. Não especificam qual variedade do inglês padrão descreveram nem se o português é o europeu ou o brasileiro.

são: (1) solidário/não solidário; (2) masculino/não masculino; (3) humano/não humano; e (4) próximo/não próximo.

Os autores apresentam os dados para o português, sem especificar qual das variedades é descrita; como listam apenas *você* e *o senhor*, deve-se tratar do português brasileiro. *Você* e *o senhor* são descritos como solidário e não solidário, respectivamente. O pronome *tu* não foi incluído; se tivesse sido, o traço dado a ele deveria ser solidário, mas, dessa forma, não seria possível distingui-lo de *você*. Essa é uma das questões complicadoras ao tentar descrever o português no formato polarizado com que normalmente são descritos os pronomes de referência à segunda pessoa.

Os próprios autores indicam a dificuldade de se mensurar a dimensão da solidariedade ao apresentar o sistema dos falantes do nahuatl que são também falantes do espanhol e usam o sistema pronominal das duas línguas conjuntamente: *usted* (V), *tú* (T), *tejua* (T) e *tejuazin* (V). Para estes falantes é necessário incluir a dimensão inferior/igual/superior para conseguir explicar o uso dos quatro pronomes.

Nas seções seguintes são apresentados os pronomes de segunda pessoa em francês, alemão, sueco, russo, espanhol ibérico, espanhol americano e inglês. Essas línguas foram escolhidas por causa da disponibilidade de bibliografia a respeito do tema.

A Universidade de Melbourne tem um projeto liderado pelos professores Michael Clyne, Leo Kretzenbacher, Catrin Norrby e Jane Warren que analisa mudanças nos sistemas de tratamento do francês, do alemão e do sueco e o impacto de mudanças sociopolíticas nesses sistemas na França, Alemanha, Áustria, Suécia e Finlândia. O projeto se chama “Address in Some Western European Countries” (formas de tratamento em alguns países da Europa Ocidental)<sup>5</sup>. É com base nos resultados já publicados por esse grupo que são descritas a seguir as normas mais atuais do uso dos pronomes T e V nessas três línguas.

A descrição do russo apresenta os usos dos pronomes em obras literárias segundo o artigo de Friedrich (1972). Apesar de não se tratar do uso atual, esse trabalho apresenta conclusões interessantes sobre as mudanças de tratamento de um falante com um mesmo interlocutor.

---

<sup>5</sup> A página na internet do projeto encontra-se no endereço: <http://www.rumacc.unimelb.edu.au/address/>

O espanhol ibérico e o espanhol americano foram descritos utilizando-se as informações contidas nas dissertações de Wainerman (1973) e Paez-Urdaneta (1980) sobre o uso dos pronomes de segunda pessoa respectivamente na Argentina e em Caracas, Venezuela. Na introdução de ambas as dissertações as autoras apresentaram uma descrição das diversas variedades do espanhol.

Para o inglês são descritas primeiramente as formas de tratamento utilizadas no inglês americano segundo o artigo de Brown e Ford (1961). As variações encontradas no uso de *you* em algumas outras variedades do inglês são descritas segundo o artigo de Wales (2004).

## 1.2 Francês

No francês atual o uso dos pronomes não segue normas tão rígidas e houve mudanças significativas desde o estudo de Brown e Gilman. No final dos anos 60 e início dos 70, estudos indicaram que as gerações mais novas usam o pronome familiar e de intimidade *tu* mais que as gerações mais velhas, o que demonstra os efeitos de atitudes sociais mais liberais que se fortaleceram depois de 1968. No entanto, quando o efeito do movimento estudantil diminuiu, o uso de *vous* lentamente aumentou.

Atualmente um maior uso de *tu* está correlacionado a uma faixa etária mais jovem e diminui à medida que os falantes ficam mais velhos, indicando que o uso de pronomes está ligado a um fenômeno de gradação etária e não a uma mudança em curso. A transição da adolescência à idade adulta muda o círculo social do falante, que passa a incluir as relações profissionais, e esse tipo de relacionamento leva a um maior uso de *vous*.

O *tu* é usado reciprocamente entre membros da família e amigos próximos. Além disso, há indícios de que a sociedade francesa tornou-se mais informal, já que *tu* também é usado para relacionamentos entre pessoas de *status* social igual e que já se conhecem há algum tempo, como, por exemplo, entre colegas de trabalho.

O *vous* continua a ter um papel importante, principalmente o uso recíproco. Continua a ser a norma entre pessoas que acabam de se conhecer e entre pessoas que desejam evitar familiaridade. Apesar de *vous* ser usado por pessoas de todas as classes sociais, permanece

identificado com a classe burguesa e seu uso é considerado 'conservador' quando comparado ao *tu* 'de esquerda'.

Ao contrário do que Brown e Gilman previram, o uso de *tu* não se generalizou a ponto de substituir completamente o *vous*. A norma que prevalece é a do uso recíproco, tanto de *tu* como de *vous*. Relações assimétricas são raras e quando existem são, por exemplo, entre membros de gerações diferentes de uma família.

O contexto também influencia a escolha de pronomes. *Tu* e *vous* indicam, além do relacionamento entre dois interlocutores, em que situação se dá o encontro. Duas pessoas que normalmente se tratariam por *tu* podem em um contexto mais formal passar a usar *vous*, como, por exemplo, dois colegas advogados que normalmente se tratam por *tu*, mas que durante uma sessão em um tribunal usam *vous* um com o outro.

### 1.3 Alemão

Segundo Clyne et alii (2003 e 2006), nas variedades alemã e austríaca do alemão o uso de pronomes é marcado pela instabilidade e insegurança social. A escolha dos falantes é vista por eles mesmos como carregada de significado sociocultural e tem sido objeto de pesquisas antropológicas. As razões para a instabilidade são: o fato de haver ainda uma identidade alemã oriental que motiva um uso um pouco diferente; os efeitos sociais da revolução estudantil do final dos anos 60 na Alemanha Ocidental e na Áustria, porém, em menor grau; o desenvolvimento de uma identidade austríaca própria; a ansiedade dos falantes diante da possibilidade de haver alguma mudança no relacionamento que faça com que a escolha de pronomes já estabelecida torne-se imprópria; o fato de o pronome *Sie* ser morfologicamente de terceira pessoa do plural, o que o distingue do par comunicativo estabelecido pela primeira e pela segunda pessoa.

A revolução estudantil dos anos 60 iniciou também na língua alemã mudanças no uso de *du* e *Sie*. Nas universidades criou-se uma situação em que havia dois sistemas alternativos: um, tradicional, em que *Sie* era o pronome não marcado do respeito, e *du*, o pronome marcado de relacionamentos diferenciados; outro, mais progressista, em que *du* era o pronome não marcado da solidariedade, e *Sie*, o pronome marcado da distância social. No entanto, a



mudança em direção a este novo sistema, além de não ter se completado, regrediu. Os alunos voltaram a usar o *Sie* porque viam a imposição de *du* pelos professores como uma forma de pseudoigualdade que não refletia a realidade hierárquica da universidade. Esses movimentos em universidades tiveram, no entanto, impacto moderado no restante da sociedade.

Apesar de *Sie* continuar a ser usado, o sistema de tratamento alemão ainda é instável e gera insegurança. As condições para que se estabeleça o tratamento por *du* variam muito e podem ir desde trabalhar juntos até estar lado a lado em uma mesma fila.

#### 1.4 Sueco

O sistema de tratamento do sueco tinha como características a extrema formalidade: indicava *status* social e havia casos em que o uso dos pronomes não era recíproco. Houve, porém, uma mudança muito rápida em direção a um sistema de tratamento voltado para a igualdade em que o *du*, que era o pronome do tipo T, seria o pronome de segunda pessoa universal.

Uma das razões para o uso generalizado de *du* é o fato de que o pronome sueco mais próximo de V seria o *ni*, porém, este nunca foi completamente aceito porque, na época em que os títulos eram usados como forma de tratamento, aqueles que não possuíam título algum eram tratados por *ni*, mas poderiam ter de usar um título para falar com seu interlocutor, caracterizando, assim, a assimetria existente, o que levou o *ni* a ter uma conotação negativa.

Outra razão é que, devido à falta de um pronome neutro, o sistema de tratamento se complicou com o uso de títulos e de formas na terceira pessoa do singular de modo a evitar a interpelação direta ao interlocutor. Muitas vezes o falante usava artifícios para evitar o tratamento direto porque o *du* seria extremamente informal para a situação em que se encontrava, porém, o uso de *ni* poderia ser interpretado como ofensivo.

Também influenciou na mudança a agenda política voltada para causas em favor da igualdade nas interações sociais e no uso lingüístico. A mudança foi facilitada pela chamada "reforma do *du*", quando autoridades e grandes empresas fizeram um planejamento lingüístico em que estimularam o uso de *du* como o pronome a ser usado por todos os funcionários.

Nos anos 80, no entanto, houve um ressurgimento do uso de *ni* entre pessoas mais jovens como uma forma de distanciamento polido e formal, contrariando, assim, a previsão de Brown e Gilman de que os pronomes do tipo T se tornariam universais. Esse retorno do *ni* é visto como uma reanálise pelos mais jovens do sistema pronominal. Para estes não há a conotação negativa dada pelos mais velhos. O *ni* dos anos 80 pode ser visto como um "novo" *ni*, usado de maneira diferente, restrito ou predominantemente usado em alguns contextos, tais como os que envolvem a prestação de serviços.

### 1.5 Russo

Friedrich (1972) estudou o uso dos pronomes de segunda pessoa em obras literárias russas do século XIX. Até aproximadamente 1700 usava-se apenas *ty* para a segunda pessoa no singular, porém, durante o século XVIII a influência francesa fez com que dirigir-se a alguém no plural fosse percebido como sinal de elegância e seu uso tornou-se corrente nas classes mais altas.

Os pronomes eram usados em associação a outras formas de tratamento, principalmente termos de camaradagem, nomes próprios, cargos oficiais, referências a profissões, idade relativa, entre outras. De forma geral, os falantes russos não pareciam ter consciência das normas que regulavam o uso dos pronomes de segunda pessoa e, segundo Friedrich, não havia reflexões sobre os aspectos sociais que ditavam tais normas. Assim, a descrição dada pelo autor é de sua própria inferência.

Friedrich afirma que o uso de pronomes na língua russa pode ser simbolizado por dez componentes divididos em quatro categorias:

- atos de fala: tópico do discurso e contexto;
- características biológicas: idade, geração, sexo e parentesco;
- características sociais: dialeto, filiação a algum grupo e autoridade legal ou política; e
- solidariedade emocional: simpatia ou antipatia entre os dois falantes.

Distanciamento emocional e certos sentimentos negativos eram acompanhados de *vy*. Amigos íntimos, amantes e pessoas com algum objetivo em comum tendiam a usar *ty*, que em alguns contextos poderia também simbolizar desprezo e reprovação, que podem ser frutos da familiaridade.

*Vy* era o pronome obrigatório em certas ocasiões claramente formais, tais como em cerimônias oficiais, religiosas, comerciais. O pronome *vy* também era usado reciprocamente em ocasiões para expressar respeito ou deferência independente do *status* relativo dos interlocutores. Em algumas ocasiões em que *ty* era esperado, o uso de *vy* de uma forma respeitosa poderia sinalizar compaixão. De modo geral, a mudança na forma de tratamento era usada pelos autores para atingir diversos objetivos: paixão, afinidade, solidariedade, identificação ideológica, sarcasmo, ironia, desprezo.

Não foi possível encontrar bibliografia disponível a respeito de normas de uso atuais, porém, depoimentos em listas de discussão na internet<sup>6</sup> atestam que o uso de *ty* não é tão liberal quanto em outras línguas européias. Segundo eles, *vy* é comum e não marcado. *Ty* é usado entre amigos da mesma idade quando jovens, com crianças e com pais e avós, mas não com tios.

## 1.6 Espanhol Ibérico

O sistema do espanhol evoluiu a partir do sistema latino e tinha como pronomes de segunda pessoa no singular *tú* e *vos*. Nos séculos XII, XIII e XIV o uso de *vos* se tornou cada vez mais generalizado nas classes mais baixas, passando inclusive a ser usado para o tratamento informal. Essa generalização causou a perda de sua capacidade de exprimir distância social e não solidariedade entre os falantes das classes mais altas, que passaram a usar o *tú* como tratamento extrafamiliar informal e ao mesmo tempo para se dirigir a serviçais e outras pessoas de classes inferiores.

No século XV o uso de *vos* passou a ser considerado ofensivo nas classes mais altas porque se tornou associado à fala das classes baixas. Esse conflito ocasionou o surgimento de uma nova

---

<sup>6</sup> As normas citadas aqui foram escritas pelo lingüista russo Victor Raskin em 1991 e podem ser encontradas no endereço: <http://listserv.linguistlist.org/cgi-bin/wa?A2=ind9110a&L=linguist&P=611>

forma de tratamento de respeito e deferência: *Vuestra Merced*, que passou por uma série de alterações fonológicas até se tornar o pronome *usted*. Assim, nos séculos XVI e XVII o sistema pronominal do espanhol se tornou mais complexo, com um paradigma de três formas para a segunda pessoa do singular: *tú*, *vos* e *Vuestra Merced*. A princípio *tú* e *vos* cumpriam a mesma função, a do uso familiar e íntimo, enquanto *Vuestra Merced* era usado para o tratamento formal. No século XVIII o *vos* desapareceu da fala urbana. As classes mais baixas mais uma vez imitaram as classes mais altas e adotaram o *tú* para as situações informais, familiares e solidárias em que antes usavam o *vos*. Atualmente ainda é possível encontrar um *vos* arcaico e respeitoso em algumas áreas rurais da Espanha.

O uso de *vos* no singular acarretou ainda outras alterações no sistema pronominal do espanhol: foi criado o pronome *vosotros/vosotras* para a segunda pessoa do plural a fim de evitar as ambigüidades que o uso de um mesmo pronome para o singular e o plural poderia acarretar. Por analogia, acabou sendo introduzido no sistema o pronome *nosotros/nosotras* para a primeira pessoa do plural. Na Espanha *vosotros* é de uso generalizado, porém, uma mudança parece estar em curso, pois atualmente é possível encontrar tanto *vosotros/vosotras* quanto *ustedes* no espanhol de Madri; o primeiro é usado em situações informais, já que é visto como o plural de *tú*, e o segundo para situações formais.

No espanhol ibérico contemporâneo o paradigma pronominal para a segunda pessoa do singular é *tú/usted*, mas, como em outras línguas, o *tú* vem tomando espaços antes ocupados exclusivamente por *usted*. Fox (1969<sup>7</sup>, apud Paez-Urdaneta, 1980: 42) encontrou correlação entre o uso de *tú* e o sexo dos falantes: as meninas usam mais *tú* que os meninos; com a faixa etária dos falantes: os mais jovens tendem a usar *tú* com mais freqüências que os mais velhos; com a classe social: o *tú* é menos freqüente entre trabalhadores braçais que entre trabalhadores especializados; e também com a região: em Madri se usa mais *tú* que em outras regiões da Espanha. Assim, na Espanha o uso de *tú* está associado a um uso da língua mais urbano e de classes sociais mais altas. No âmbito familiar e entre amigos, apenas *tú* é usado.

O fator mais importante na escolha do pronome de segunda pessoa quando o interlocutor é desconhecido é a idade. Quanto aos interlocutores no ambiente de trabalho, se eles tiverem a mesma idade ou forem mais jovens que o falante, provavelmente serão tratados por *tú*, se, ao

---

<sup>7</sup> Fox, J. (1969). "The pronouns of address in Spanish". In: *Actes du Xe Congres International de Linguistes* (1967). Bucarest, Academie de la Republique Socialiste e Roumanie, p. 685-93.

contrário, o interlocutor for mais velho, é mais provável que seja tratado por *usted*. Nas situações de trabalho, porém, há uma zona de insegurança quanto à escolha pronominal que é quando um superior hierárquico tem idade inferior ou muito próxima do falante.

### 1.7 Espanhol Americano

O espanhol americano, de modo geral, apresenta diferenças importantes em relação ao espanhol ibérico, inclusive no sistema pronominal. Em diversas regiões das Américas o uso de *vos* para o tratamento íntimo continuou a ser usado, em algumas áreas em concorrência com o *tú*, e *usted* é o pronome de uso formal.

Acredita-se que o uso de *vos* (ou *voseo*) tenha se popularizado na América justamente quando começou a ser rejeitado na Espanha. Há várias hipóteses para o *voseo* americano: uma delas é que os conquistadores e colonizadores espanhóis que chegaram vinham das classes sociais mais baixas.

É possível dividir a região em áreas de *voseo* e de *tuteo* (uso de *tú*). As áreas de *tuteo* exclusivo são: quase todo o México, a maior parte do Peru e da Venezuela e a costa atlântica da Colômbia. As áreas em que se alternam *tú*, como variante culta, e *vos*, variante popular ou rural, são: Bolívia, norte e sul do Peru, Equador, pequenas áreas dos Andes venezuelanos, grande parte da Colômbia, Panamá e a parte oriental de Cuba. As áreas que utilizam o *tuteo* como tratamento de formalidade intermediária e o *voseo* como tratamento familiar são: Chile, o estado de Zulia na Venezuela, a costa do Pacífico na Colômbia, América Central e os estados mexicanos de Tabasco e Chiapas. As áreas de *voseo* generalizado são: Argentina, Uruguai e Paraguai.

A avaliação social do *voseo* é diferente em cada uma das regiões: é aceito por todas as classes sociais na Argentina, Uruguai e Paraguai. Em outras áreas, como o Chile, o *voseo* é usado coloquialmente; em situações formais, privilegia-se o *tú*. Já na Bolívia, o *vos* é tido como uso de classes baixas e de áreas rurais. Porém, mesmo nas regiões de *voseo* generalizado, o *tú* ainda é tido como a maneira mais formal de falar, uma evidência a esse respeito é o fato de que mesmo sendo muito pouco usado na fala, o *tú* ainda é usado na escrita, e seu uso, juntamente com *vosotros*, é ensinado nas escolas.

Uma característica importante do *voseo* é a falta de homogeneidade na conjugação verbal, o que pode ser um dos fatores que faz com que seja visto como maneira “popular” de falar. O *vos* é usado ora com a mesma desinência verbal do *tú*, ora com a desinência própria da segunda pessoa do plural, mas são mais freqüentes formas com modificações fonológicas: redução de ditongo, alteração na vogal, perda ou aspiração de s final. Cada uma das regiões apresenta uma conjugação própria. Por exemplo, o verbo comer é conjugado das seguintes maneiras:

- Argentina: *vos comés*;
- Chile: *vos comí(s)*;
- Peru: *vos comís*;
- Cuba: *vos coméi(s)*.

Há diferenças grandes de uso de *vos/usted/tú* nas diferentes regiões, algumas das sociedades envolvidas são mais conservadoras que outras. Em algumas não há diferença se o falante se dirige a alguém do sexo oposto, em outras, este é um fator importante. Mas pode-se fazer algumas generalizações: *usted* é mais usado entre adultos, no tratamento do patrão para com o empregado, de oficiais com soldados e de clientes com pessoas que prestam serviços. *Vos* e *tú* são mais usados entre jovens.

## 1.8 Inglês

Na língua inglesa havia dois pronomes de segunda pessoa: *thou* (T) e *you* (V). A maioria das gramáticas do inglês afirma que *thou* praticamente caiu em desuso no século XVII e que o paradigma pronominal tem atualmente apenas *you* para a segunda pessoa, que serve tanto para o plural quanto para o singular. As opções de tratamento, porém, podem formar um contraste binário: na extremidade mais informal usa-se o primeiro nome; na mais formal, um título (*Mr.*, *Mrs.*, *Ms.*, *Miss*) e o sobrenome. A escolha entre um e outro não depende apenas de características do falante ou apenas de características do interlocutor, mas sim de características de ambos consideradas conjuntamente.

Em seu estudo de 1961, Brown e Ford descreveram o uso das formas de tratamento no inglês americano com base em quatro fontes: 36 peças de teatro; o uso real em uma firma de Boston; o uso reportado por executivos que participaram de um encontro anual no MIT; e gravações de crianças na cidade de Midwest.

Os principais padrões de tratamento encontrados vão desde o formal Título+Sobrenome (TS) até o informal Primeiro Nome (PN). PN pode também ser um apelido, como no caso de *William*, que normalmente é reduzido para *Bill*. Observaram-se dois padrões de tratamento recíproco, TS-TS e PN-PN, e um não recíproco, TS-PN, com o superior dizendo PN e recebendo TS.

Os dois padrões recíprocos podem ser dispostos em um *continuum* que vai desde o relacionamento entre pessoas que acabaram de se conhecer até o relacionamento íntimo. O espaço de tempo que normalmente transcorre desde o momento em que as pessoas se conhecem e o momento em que passam ao uso de PN é muito curto. Dessa forma é difícil definir precisamente o que é um relacionamento íntimo. Porém, no inglês antigo e em línguas cognatas, a distância entre os dois pólos é maior e permite definir “intimidade” com maior precisão; segundo Brown e Ford (1961: 377):

Intimidade é a linha horizontal existente entre duas pessoas. O principal fator que predispõe à intimidade parece ser o compartilhamento de valores (que pode ter origem em parentesco, tipo de profissão, sexo, nacionalidade etc., ou algum destino comum) e contato freqüente. Em manifestações comportamentais de intimidade, é importante uma auto-revelação relativamente completa e honesta.<sup>8</sup>

O padrão não recíproco é encontrado em dois tipos de relacionamento: aqueles em que há diferença de idade e aqueles em que há diferença de *status* profissional, que pode estar relacionado à subordinação direta, como no caso do relacionamento entre patrão e empregado, ou indireta, como é o caso do relacionamento entre senadores e bombeiros. Em oposição à intimidade, que é uma dimensão horizontal, o *status* pode ser classificado como dimensão

---

<sup>8</sup> No original: “Intimacy is the horizontal line between members of a dyad. The principal factors predisposing to intimacy seem to be shared values (which may derive from kinship, from identity of occupation, sex, nationality etc., or from some common fate) and frequent contact. Among the behavioral manifestations of intimacy, a relatively complete and honest self-disclosure is important.”

vertical. Para que o padrão não recíproco se estabeleça é necessário que haja diferença em apenas uma das dimensões, ou de idade ou de *status*.

Os autores analisaram também formas variantes de tratamento, que são:

- título sem nome (*sir, madam, ma'am, miss*) – usado da mesma forma que TS, porém, um pouco mais formal;
- somente o sobrenome – algumas pessoas são tratadas assim geralmente quando seus primeiros nomes são polissilábicos ou que não tenham um apelido associado. Esta forma de tratamento fica entre TS e PN em grau de formalidade;
- nomes múltiplos – duas ou mais versões do nome próprio são usadas em variação livre. Este tipo de tratamento representa um grau maior de intimidade que PN.

Fazendo-se uma correlação entre essas formas de tratamento e os pronomes T/V, o TS mútuo equivale ao V mútuo e, assim como o T mútuo, o PN mútuo representa intimidade. Porém, em relação aos europeus, o tratamento PN acontece em um momento do relacionamento anterior ao que o T mútuo aconteceria.

O padrão de tratamento entre duas pessoas pode mudar ao longo do tempo. Se isso ocorrer, a mudança se dará na direção TS recíproco → TS e PN não recíproco → PN recíproco, mas algumas das etapas pode ser ignorada. Os padrões variantes de tratamento funcionam como etapas adicionais: título recíproco → TS e título não recíproco → TS recíproco → sobrenome recíproco → PN e sobrenome não recíproco → PN recíproco → PN e nomes múltiplos não recíproco → nomes múltiplos recíproco. Esta é a descrição de todos os passos possíveis, mas raramente duas pessoas passarão por todos eles ao longo de seu relacionamento. A pessoa em posição superior, de *status* ou idade, será aquela que ditará o ritmo da progressão nas formas de tratamento.

Em seu artigo sobre os pronomes de segunda pessoa do inglês, Wales (2004) analisa com mais detalhe os usos atuais de *thou* e afirma que este pronome ainda é corrente no discurso litúrgico e em algumas expressões derivadas de usos religiosos, como é o caso dos dez mandamentos, que em inglês iniciam por *thou shall (not)*. No *corpus* que analisou são produtivas expressões que parodiam os dez mandamentos, como o exemplo:

Mulher erm it was the lady that talked earlier, and evidently in church  
*thou shall not* smoke. It just amazed me ...



(erm foi a senhora que falou antes, e evidentemente na igreja *não fumarás*. Simplesmente me espanta...)

*Thou* também aparece em expressões lexicalizadas como *holier than thou*, que significa pessoa que se acha mais virtuosa que as demais, e ainda é usado em alguns dialetos do Reino Unido, tais como os dos condados de Derby, Nottingham e Lincoln.

Wales afirma ainda que a existência de apenas um pronome de segunda pessoa no inglês leva os falantes a preencher a lacuna da oposição singular/plural com o uso de verbos no singular e no plural (*you is* e *you are*, por exemplo) ou com a pluralização de *you*, que assume formas diferentes nas diversas variedades analisadas pela autora. Alguns exemplos são: *yous(e)*, *yiz*, *ye's*. *You* + numeral, como, por exemplo, *you two*, também é uma forma comum de pluralização.

Outra forma de distinção do plural é o uso de expressões nominais tais como *you guys* e *you chaps*, que são usadas somente para homens e assumem o papel de demonstrar um relacionamento íntimo e de camaradagem, típico dos pronomes do tipo T. Algumas expressões nominais servem para distinguir o gênero, como *you girls* e *you boys*. Outras expressões podem assumir conotação negativa, sendo identificadas com intenção de diminuir o interlocutor, caso de *you lot*, função também identificada com pronomes do tipo T. Algumas formas são estigmatizadas, como é o caso de *you all* no inglês americano.

## 1.9 Conclusão

Poder e solidariedade constituem conceitos fundamentais para a análise das formas de tratamento de uma língua. Ervin-Tripp (1972: 230) cita a sugestão de Brown<sup>9</sup> de que as dimensões de poder e solidariedade condicionam o uso das formas de tratamento em todas as línguas, já que são, na realidade, dimensões do comportamento social.

Cabe ressaltar, todavia, que uma não exclui a outra. Pode-se classificar um interlocutor como superior e solidário, ou como igual e não solidário; um mesmo uso pode, ainda, tanto ser identificado com solidariedade quanto com poder. Tannen (2003) cita o exemplo do professor

que usa um terno e uma mochila. O terno é imediatamente identificado com poder, enquanto a mochila é identificada com solidariedade. Um professor que vai a demonstração de protesto estudantil usando uma mochila pode ser visto como solidário aos alunos; se for à mesma demonstração com o terno, pode ser identificado como alguém que deseja marcar a diferença entre ele e os demais. Se um executivo, no entanto, vai a uma reunião de diretoria vestindo o terno, será visto como solidário aos demais participantes da reunião, mas, se estiver usando a mochila, seu gesto não será interpretado como um ato de solidariedade. Será provavelmente tido com desrespeitoso ou subversivo. É necessário, assim, apelar também para outros aspectos para que se possa explicar todos os usos dos pronomes e formas de tratamento.

Em algumas línguas os fatores sociais, tais como familiaridade e diferença de idade, são os principais determinantes na escolha do pronome de segunda pessoa. É o caso do francês, em que o grau de intimidade de um relacionamento é o principal fator a governar se o pronome a ser utilizado será o *tu* ou o *vous*. As mudanças pelas quais passou o francês não fizeram com que o pronome do tipo V se tornasse obsoleto, apenas fizeram com que o pronome do tipo T tivesse seu uso ampliado, espelhando as mudanças ocorridas na sociedade.

O alemão apresenta um padrão semelhante: o grau de intimidade entre os interlocutores é fundamental para determinar o tratamento adequado, porém, a mudança do pronome V, *Sie*, para T, *du*, em um relacionamento, parece ser objeto de maior insegurança entre os falantes do alemão que o do francês. Fatores ideológicos, no entanto, restabeleceram o uso do pronome *Sie* em ambientes como o universitário, quando os alunos sentiram necessidade de demonstrar a distância hierárquica e a relação de poder que havia entre eles e seus professores.

O sueco apresentou uma evidência a favor da universalidade lingüística proposta por Head (1978) para os traços pronominais de grau de respeito ou distância social. O pronome *ni*, que possuía caráter pejorativo, foi retomado por integrantes de gerações mais jovens como pronome do tipo V, restabelecendo, assim, a polaridade com *du*, o pronome do tipo T, e atendendo à necessidade dos falantes de observar no tratamento o grau de distância que sentem em relação ao seu interlocutor.

---

<sup>9</sup> Ervin-Tripp não cita em que publicação Brown teria feito esta sugestão.

A descrição do russo mostrou como a mudança de tratamento para com um mesmo interlocutor é geralmente motivada por fatores psicológicos. Mostrou também como as mudanças no uso dos pronomes de segunda pessoa podem ser usadas como recursos literários para retratar as diferentes fases pelas quais os relacionamentos passam e as mudanças de atitude entre os interlocutores.

O espanhol ibérico se assemelha ao francês e ao alemão em relação ao uso dos pronomes T, *tu*, e V, *usted*. No espanhol falado em algumas regiões das Américas aparece também o pronome *vos*, usado em lugar de ou em concorrência com *tu*. As regras de uso tanto de *tu* como de *vos* não são homogêneas e refletem o grau de conservadorismo das sociedades, quanto mais conservadores, mais restritos os usos dos pronomes do tipo T.

O inglês tem atualmente apenas o pronome *you*, cuja origem é o pronome de segunda pessoa do tipo V, tanto para o plural como para o singular. As funções que nas outras línguas estudadas são cumpridas pelos pronomes T e V, no inglês, são cumpridas pelas formas de tratamento, que podem ser dispostas em um eixo que vai do mais íntimo, primeiro nome, até o mais distante, título + sobrenome. O espaço deixado no paradigma pronominal com a queda em desuso de *thou* é preenchido, em algumas variedades do inglês, pela pluralização de *you* (*yous*) e pelo uso de expressões nominais contendo *you*. Algumas das expressões nominais têm usos que são normalmente associados aos pronomes do tipo T, tais como demonstração de intimidade, *you chaps* e *you guys*, e demonstração de desrespeito, como é o caso de *you lot*.

Como demonstrado nas línguas analisadas, os pronomes T/V preenchem funções importantes, que não incluem apenas as de caracterizar socialmente os relacionamentos como distantes ou solidários, mas também funções relacionadas ao posicionamento psicológico e ideológico dos falantes em relação aos seus interlocutores e ao contexto em que estão inseridos.



## 2. Pronomes e formas de tratamento em português

### 2.1 Breve histórico dos pronomes pessoais de segunda pessoa do português

O português herdou seu sistema pronominal do latim. A segunda pessoa era representada por *tu*, pronome singular e [- formal]; e *vós*, que podia ser (1) pronome de referência plural e tanto [+ formal] como [- formal] ou (2) pronome de referência singular e [+ formal]. Assim como em outras línguas de origem latina, o sistema pronominal do português sofreu várias mudanças que refletem a história da língua e da sociedade. Talvez a maior mudança tenha sido a introdução da forma *você*.

O artigo de Faraco (1996) intitulado “O tratamento *você* em português: uma abordagem histórica” descreve o processo sócio-histórico que levou à introdução na língua de formas nominais com a estrutura *Vossa + N* nos séculos XIV e XV, primeiramente para uso exclusivo com o rei, mas que gradualmente passaram a ser usadas para o tratamento formal generalizado. Segundo Faraco, o português passou do sistema latino para um outro caracterizado pelo uso generalizado dessas formas nominais para o tratamento da segunda pessoa, que levavam a flexão verbal da terceira pessoa. Este fato "introduziu na língua uma duplicidade de formas (as herdadas se combinando com a segunda pessoa verbal e as novas se combinando com a terceira pessoa verbal) que acabou por gerar grande instabilidade nos paradigmas verbais e pronominais, redesenhando-os, por consequência, e definindo vários traços que caracterizam o português atual" (p. 54).

Profundas mudanças econômico-sociais começaram a se estabelecer na Europa Ocidental a partir do século XII. Com o crescimento da importância das atividades mercantis, uma nova classe social, a burguesia, passou a ocupar espaços que eram antes da nobreza. Com o enfraquecimento da supremacia econômica dos senhores feudais, o poder ficou cada vez mais centralizado na figura do rei, que estabeleceu à sua volta uma rede de apadrinhados e ocupantes de cargos administrativos. Essa corte introduziu novos costumes e as relações sociais ficaram ainda mais caracterizadas pela formalidade. Fez-se necessário, então, indicar a nova posição do rei por meio de formas de tratamento únicas, o *vós* já não servia, pois era usado como tratamento formal por todos. Surgiram, assim, as formas *Vossa Mercê* (1331), *Vossa Senhoria* (1434), *Vossa Majestade* (1442), *Vossa Alteza* (1450) e *Vossa Excelência* (1455). Tantas formas se devem, em parte, segundo Faraco, "pela progressiva alteração de seu valor social, resultante da expansão do uso de algumas delas, especialmente *Vossa Mercê* e

*Vossa Senhoria*" (p. 59). Assim, quando uma forma passava a ser usada para tratamento formal dado a outras pessoas, uma nova forma precisava ser criada para diferenciar o rei dos demais.

*Vossa Mercê*, em particular, teve seu uso tão ampliado que acabou por perder seu valor honorífico para a classe aristocrática. Faraco cita como comprovação desse fato as peças teatrais de Gil Vicente (1465-1536), nas quais *Vossa Mercê* é usado principalmente por personagens da baixa burguesia. Com um uso tão abrangente, *Vossa Mercê* simplificou-se foneticamente até tornar-se o pronome *você/vocês*, e, ao mesmo tempo, o pronome *vós* sofreu um processo de arcaização.

## **2.2 Pronomes e formas de tratamento no português europeu e no português brasileiro**

Portugal e Brasil seguiram caminhos distintos no que se refere ao uso de formas de tratamento e dos pronomes de segunda pessoa. O uso de *você* é generalizado no Brasil, enquanto em Portugal é mais restrito e em algumas regiões tem conotação pejorativa. *Tu*, por sua vez, é o pronome de escolha para relacionamentos caracterizados pela intimidade em Portugal, mas no Brasil não há ainda consenso sobre seu uso. Enquanto alguns autores destacam seu uso como regionalismo, trabalhos demonstram que o pronome permanece como opção para o tratamento e que seu uso parece estar aumentando. Antes de analisar o caso específico do uso de *tu* e de *você* no Brasil, serão analisados alguns trabalhos sobre formas de tratamento em geral.

Em seu estudo de 1967, "Origens do sistema de formas de tratamento do português actual", que trata do português europeu, Lindley Cintra analisa os três tipos de tratamento que o português apresenta: pronominal (*tu, você, vocês*); nominais (*o(s) senhor(es), a(s) senhora(s), o senhor Dr., o senhor Ministro, o pai, a mãe, o avô, o Antônio, a Maria, o meu amigo, o patrão* etc.) e verbais (utilização do verbo com a desinência pessoal mas sem a explicitação do pronome/nome).

O autor destaca que tanto o tratamento pronominal quanto o verbal não caracterizam o interlocutor da maneira como o nominal o faz – indicando cargo, profissão, parentesco, nome. Mesmo no caso de *o senhor*, o mais pronominalizado, há a indicação do sexo – o que faz com

que o tratamento nominal se oponha aos tratamentos pronominal e verbal na tendência que estes têm para a abstração.

Dessa maneira, o sistema português apresenta não apenas dois planos, mas três: intimidade; solidariedade e “de reverência” ou “de cortesia”, que se estabelecem na oposição entre *tu*, *você* e tratamentos nominais – *Vossa Excelência, o senhor Dr., o Antônio, a Maria, o senhor Antônio, a D. Maria*.

Lindey Cintra (1967: 54) afirma: “O sistema português – sobretudo se tivermos em conta a escala riquíssima de possibilidades oferecidas pelo terceiro plano (o da cortesia) – parece ligar-se intimamente, por um lado, a uma sociedade fortemente hierarquizada”.

Ao analisar obras literárias dos séculos XIV e XV, percebe-se que não havia o tratamento nominal, o que existia eram os pronomes *tu* e *vós*, com o verbo na segunda pessoa do singular ou do plural, que no uso obedeciam a dois planos, um da igualdade e outro da cortesia, porém, sem uma separação nítida. *Tu* e *vós* são usados na intimidade, enquanto o tratamento cortês é dado apenas por *vós*, incluindo o rei. Durante o século XV começaram a ser mais frequentes formas nominais como *Vossa Mercê, Vossa Senhoria* e *Vossa Alteza* para o tratamento do rei, conforme o processo descrito por Faraco (1996) e que já foi tratado neste capítulo. *Vós* passou a ter, então, conotação rude, usado para se dirigir a alguém que não se pudesse chamar de *tu*. Essa lacuna foi preenchida por *você*, usado com o verbo na terceira pessoa do singular. A entrada de *você* no sistema de tratamento facilitou, segundo Lindley Cintra, a entrada de outros termos também usados com a terceira pessoa do singular, tais como as formas nominais citadas anteriormente.

Em estudo mais recente, Oliveira (2006) descreve o uso das formas de tratamento mais utilizadas em Portugal atualmente (tabela 2.1 que se encontra na página seguinte). É interessante notar na observação sobre o uso de *você* que é ainda atual o que descreve Luft (1957: 202/203): “Ainda hoje, em algumas povoações de Portugal, o tratamento de *você* soa como pejorativo, é mesmo sentido por alguns como insulto. Pessoas tratadas por êsse termo podem responder ofendidas, ou pelo menos chocadas; ‘ – Você é (de) estrebaria!’”.

Quadro 2.1: Esquema simplificado do sistema de formas de tratamento em Portugal

Nível	Forma(s) de tratamento		Interpretação convencionalizada não marcada
<b>1</b>	<b>TU</b> (Este pronome é utilizado com a 2ª pessoa singular do verbo.)		[-Formal] e [+Íntimo]
Sem exceção, as formas seguintes requerem a 3ª pessoa singular do verbo.			
<b>2</b>	<b>PN, S ou APELIDO</b> [PN = primeiro nome, S = sobrenome]		Neutro ou tendência no sentido de [-Formal] e [+Íntimo]
<b>3</b>	<b>VOCÊ</b> O grau de "polidez" atribuído ao uso de você varia muito (idade, região), e muitas pessoas se ofendem com o seu uso.		
<b>4</b>	<b>"TÁTICA DE ESQUIVA"/ [VOCÊ]</b> Também chamada de "Forma Zero" (Esta é a 3ª pessoa singular do verbo sem um pronome e sem nenhum outro sinalizador de relacionamento.)		Neutro
<b>5</b>	<b>SENHOR(A)</b>		
<b>6</b>	<b>TÍTULOS</b>	<b>Sr. + PN ou S</b> (com homens) <b>Dona + PN</b> (com mulheres)	(títulos sociais – usados com aqueles que não têm nenhum outro título)  [+Formal, -Íntimo] ou [+Protocolar]
6a	Títulos sociais		
6b	Títulos acadêmicos	Doutor(a) Engenheiro(-a) Dr.(a) Eng.o ou Eng.a  Variantes: <b>título + PN</b> (com homens ou mulheres) <b>título + S</b> (com homens)	
6c	Títulos profissionais	Professor(a)  Variantes: <b>título + PN</b> (com homens ou mulheres) <b>título + S</b> (com homens) Prof.(a) + Doutor(a) ou Engenheiro(-a) Senhor(a) Professor(a)	
6d	Títulos administrativos	<b>Sr.(ª) Presidente</b> <b>Sr.(ª) Director(a)</b>	
<b>7</b>	<b>VOSSA EXCELÊNCIA</b> (raro na língua falada; comum na escrita)		[+Protocolar]

Fonte: Oliveira (2005)<sup>10</sup>; apud Oliveira (2006) – traduzido por mim

<sup>10</sup> Oliveira, S.M. de (2005). "A retrospective on address in Portugal (1982-2002): Rethinking power and solidarity," *Journal of Historical Pragmatics* - Special Issue on the Evolution of Pragmatic Markers 6(2), p.307-323.



Faraco (1996), ao comparar o português europeu ao português brasileiro, diz: "A situação no Brasil é bastante diferente. *Você* é o pronome de uso comum para o tratamento íntimo, estando o pronome *tu* restrito a algumas variedades regionais". Segundo o mesmo autor, a razão para o uso tão difundido de *você* e do uso tão mais restrito de *tu* é o fato de que foi da camada não aristocrática da população portuguesa, justamente aquela em que o uso de *Vossa Mercê* era generalizado, que vinha a maioria dos colonizadores.

Outra diferença significativa entre o português europeu e o português brasileiro é o uso amplo pelo primeiro de formas nominais tais como as que Lindley Cintra menciona – *a mãe, o pai, o senhor, o tio, o professor* – ocupando posição de sujeito, enquanto no português brasileiro, com exceção de *o senhor*, as outras formas tendem a aparecer apenas como vocativo. Na região de Santa Catarina colonizada por açorianos, ainda é possível encontrar formas nominais, especialmente os nomes de parentesco, sendo usados dessa mesma forma. Um exemplo desse uso é o diálogo a seguir: uma conversa entre mãe e filha pelo telefone, registrada no *corpus* coletado para este trabalho. A mãe, 62 anos, é de Itajaí, em Santa Catarina, mora em Brasília há 24 anos; a filha, 17, nasceu em Brasília, mas tem outros irmãos mais velhos que nasceram em Santa Catarina e se mudaram de lá quando tinham entre quatro e oito anos, portanto a filha mais nova aprendeu com os irmãos o tratamento a ser usado com os pais.

FD     Mãe, **a mãe** pode me pegar aqui umas duas horas?  
 [...]
   
Tá. Então, quando **a mãe** puder, **a mãe** me liga.  
 [...]
   
Não, vô almoçar agora.  
 [...]
   
Aqui com as meninas.

Além disso, todos os membros da família usam apenas *tu* entre si. O uso de *você* é reservado para situações que envolvem ironia, da mesma maneira que *a senhorita* e *o senhor* são usados, por exemplo, quando uma mãe diz para sua filha: “onde a senhorita pensa que vai?”.

Os gramáticos normativos, ao descrever o sistema pronominal do português brasileiro, ainda o fazem com base em uma gramática arcaica, sem muita preocupação com o uso real da língua falada no país. Para ilustrar essa discrepância, podemos comparar o que dizem as gramáticas e

as análises da língua falada. Ilari et alii (1996:82), por exemplo, encontraram os seguintes pronomes pessoais no português brasileiro falado:

- primeira pessoa: *eu/nós/a gente*;
- segunda pessoa: *tu/você/o senhor/a senhora*;
- terceira pessoa: *ele/eles/ela/elas*.

Foram analisados dados do *corpus* mínimo do NURC (Projeto Norma Urbana Oral Culta) que reúne 15 entrevistas feitas nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Porto Alegre, e Salvador. Não se encontra na lista elaborada por Ilari et alii a forma plural da segunda pessoa *vocês*. Talvez isso se deva ao modo de coleta de dados, que não favorece seu aparecimento. Trata-se de entrevistas, que normalmente são feitas por um entrevistador com um informante.

Mesmo diante dessa evidência da língua falada, as gramáticas normativas continuam a descrever o paradigma pronominal com as seis formas herdadas diretamente do latim: *eu/tu/ele/nós/vós/eles*; o modo como os pronomes são realmente usados é objeto de nota, como, por exemplo, em Celso Cunha (1981: 211), ao falar sobre a segunda pessoa: "No português europeu, a forma pronominal *tu* é de emprego geral. No português do Brasil, o seu uso restringe-se ao extremo Sul do País e a alguns pontos da Região Nordeste, ainda não suficientemente delimitados. Em quase todo o território nacional foi ela substituída por *você*. Pode-se mesmo dizer que para a imensa maioria dos brasileiros só há dois tratamentos de segunda pessoa realmente vivos: *você*, como forma de intimidade; *o senhor, a senhora*, como forma de respeito ou cortesia". Mesmo quando o objeto de estudo é a língua falada, a tradição é generalizar o uso encontrado em algumas regiões como se fosse homogêneo em todo o Brasil.

Mattoso Câmara (1970), a respeito das formas de tratamento no português, afirma: "Um sistema menos formal, vigente especialmente no português europeu, particularmente no dialeto social culto da área de Lisboa, consiste, como marca de acatamento, em tratar o ouvinte, com o verbo em terceira pessoa, por um nome ou locução referente à sua profissão ou *status* social (ex.: *o senhor doutor*, ou *o doutor*) [...] Outra possibilidade, que é a que funciona no dialeto culto da área do Rio de Janeiro, é usar para o ouvinte o verbo na terceira pessoa e marcar a posição do ouvinte, em relação ao falante, pelas palavras *você* (tratamento

íntimo) e *o senhor* (feminino em -a) para o tratamento cerimonioso" (p. 109). Não faz menção ao uso do *tu*, que, como veremos na próxima seção, é amplamente usado em diversas regiões do Brasil.

Nascentes (1949), por sua vez, faz importantes observações a respeito do uso de *você* e *tu* no Brasil. Para ele "o tratamento íntimo entre iguais é o de *você*, em todo o Brasil, com exceção do Rio Grande do Sul, onde se usa o de *tu*" (p. 59). Considera, portanto, o *tu* como de uso extremamente restrito. A respeito do pronome *tu*, afirma que os brasileiros o acham bruto e que é usado para ofender, assim como o uso de *você* para alguém que se deveria tratar por *o senhor*.

Opinião semelhante é a de Lemos Monteiro (1990), que afirma: "A constatação óbvia é a de que, no português do Brasil, o sistema é binário: na maioria das regiões estabelece-se uma oposição entre *você* e *o senhor*, dependendo a escolha do grau de formalidade ou intimidade, das condições econômicas, da idade e assim por diante. O pronome *tu* é de emprego restrito a certas situações (por exemplo, como traço de familiaridade), mas é ainda geral no Rio Grande do Sul. (...) a polarização do sistema pronominal sugere uma diferença entre a sociedade brasileira e a portuguesa, esta um pouco mais hierarquizada ou conservadora, por admitir um sistema ternário de oposição: *tu*, *você* e *o senhor*" (p. 4).

Em sua descrição da língua falada no Brasil, a respeito dos pronomes de segunda pessoa, apesar de não ir tão longe a ponto de declarar o *tu* como forma morta, Ilari et alii (1996) também descrevem o pronome *tu* como de uso bastante restrito. Em sua pesquisa foram encontrados poucos casos de uso do pronome *tu* – 12 dados entre 495, ou seja, 2,42% –, dos 12 dados encontrados, 11 são de Porto Alegre e um de Recife. Com base nessas observações, os autores concluem: "Exemplos retirados dos inquiridos mostram a sobrevivência de *tu*, concentrados na variedade regional de Porto Alegre, com um número de ocorrências pequeno em nosso *corpus*" (p. 91).

Azevedo (1981) estudou o uso de *você* e *o senhor* nas cidades de Campinas/SP e São Paulo. A pesquisa foi feita em estabelecimentos comerciais: bancos, lojas, postos de gasolina e restaurantes. O autor observou o tratamento entre funcionários dos estabelecimentos e clientes. O autor conclui que "esta análise, apoiada por várias semanas de observações em lugares públicos, parece sugerir uma inclinação a utilizar-se *você* e *vocês* em situações que, há uns dez anos, exigiriam o uso de *o senhor* ou de uma de suas variantes" (p. 276). Afirma que

"A principal transformação conducente ao sistema atual encontra-se na atenuação da distinção entre os traços [+ íntimo] e [- formal], com respeito aos pronomes *tu* e *você*, com o resultado de que o primeiro caiu em desuso na linguagem comum do sudeste brasileiro" (p. 273). Seu estudo prossegue sobre o uso dos pronomes átonos e possessivos e a "mistura de pronomes", em que, mesmo usando *você* para a segunda pessoa, o falante usa *te* e *teu* para marcar intimidade e informalidade.

Parece haver, portanto, certo consenso a respeito do aspecto regional e limitado do uso do pronome *tu*, porém, há estudos variacionistas que apontam que seu uso não se restringe a algumas regiões. Na seção seguinte são descritos alguns trabalhos sobre o uso do *tu* em algumas cidades brasileiras.

## 2.3 Trabalhos sobre o uso do tu no português brasileiro

### 2.3.1 Rio de Janeiro, capital

Oliveira e Silva (1974) estudou as formas de tratamento utilizadas por estudantes, professores e funcionários da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e de estudantes do colégio Fernando Costa. Os dados foram coletados por meio de quatro testes: dois questionários dirigidos; um teste em que o informante deveria completar diálogos; e um teste que consistia de desenhos como os de histórias em quadrinhos em que o informante deveria completar os balões.

Seus resultados revelaram que a escolha do pronome se dá sob a influência de três vetores: situação, falante e interlocutor.

- No eixo do interlocutor mostraram-se importantes a idade, a familiaridade e a hierarquia. Prevalece *você* entre iguais; *você* e "até *tu*" com inferiores em encontros não ocasionais; *o senhor* com superiores e em encontros ocasionais.
- No eixo do falante são determinantes a classe social: os funcionários usam mais a forma *o senhor* que professores; e fatores individuais que a autora resumiu sob o rótulo de "formalismo".
- No eixo da situação, o grau de formalidade é importante e pode levar a uma mudança de tratamento.

Paredes Silva (2003), por sua vez, estudou a variação *tu/você* na fala carioca. Usou três fontes de dados como *corpus*: (1) gravações de conversas naturais feitas entre setembro/1995 e março/1996; (2) dados do acervo do PEUL (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua) da Universidade Federal do Rio de Janeiro da década de 80; e (3) dados do PEUL de 1989-1990.

Nos dados do PEUL da década de 80, apenas cinco falantes, ou 10% do total, apresentaram mais de 10 ocorrências do pronome *tu*, e em 46% das entrevistas o pronome não apareceu. Paredes Silva cogita duas hipóteses para um número de ocorrências tão reduzido: (1) à época em que as gravações foram feitas, o uso do pronome *tu* talvez não estivesse tão difundido; (2) o gênero discursivo, entrevista, favorece o aparecimento da segunda pessoa principalmente com valor genérico.

Nos dados do PEUL obtidos nas gravações feitas em 1989-1990, utilizaram-se as situações em que os participantes eram amigos ou conhecidos. Ainda assim, o número de ocorrências do pronome *tu* foi insignificante. Uma das razões apontadas foi a de que os participantes, sabendo que estavam sendo gravados, evitaram fugir do padrão. Porém, em observações assistemáticas, foi possível perceber um uso crescente do pronome *tu* que não foi captado nas entrevistas. A autora afirma que: “à primeira vista, o fenômeno poderia parecer típico de jovens, ou de camadas sociais mais baixas (...). Entretanto nossa suspeita é a de que tal uso se alastra na área do Rio de Janeiro, ultrapassando as barreiras de idade e grupo social” (p. 163).

Os dados de 1995/1996 foram obtidos utilizando-se um gravador oculto, de modo que as pessoas não saberiam que estavam sendo gravadas; a autora obteve autorização para o uso dos dados posteriormente. Foram gravados aproximadamente 160 minutos e foi possível analisar 12 informantes. O total de referências pronominais à segunda pessoa foi 368, o pronome *tu* representou 64%, ou 235 ocorrências.

A hipótese de Paredes Silva para o aumento na frequência do uso do pronome *tu* é a de que, dadas as reduções fonéticas ocorridas com *você*, cuja forma *cê* é mais frequente que a forma plena, o falante usa o pronome *tu*, monossílabo tônico, para "competir, com vantagem, com o clítico *ce* na função de atrair a atenção do interlocutor e compensar a perda do corpo fônico que se vem assinalando”<sup>11</sup> (p. 165).

---

<sup>11</sup> Paredes Silva escolhe não acentuar *cê* por considerá-lo um pronome com características de um clítico.

As variáveis sociais selecionadas na análise multivariacionista de Paredes Silva foram: gênero/sexo e faixa etária. Os informantes do sexo masculino usam mais o pronome *tu*, 69% das ocorrências, contra 50% entre as mulheres. Este resultado é condizente com o tipo de mudança analisada, que é uma mudança em direção ao não-padrão, uma vez que o pronome *tu* nunca foi acompanhado pelo verbo com a desinência prescrita pela gramática normativa.

No que diz respeito à faixa etária, os mais jovens, principalmente os que se encontram na faixa dos 20 anos, apresentam um maior uso do pronome *tu*, 70% das ocorrências; na faixa etária dos 10 aos 19, a frequência é de 65%; e na de 30-39, 47%.

É interessante notar que parece ter havido realmente uma mudança em relação ao uso do *tu*, pelo menos se comparamos os dois trabalhos descritos aqui. Enquanto Oliveira e Silva, a julgar pela expressão "até tu", demonstra-se surpresa com seu uso, Paredes Silva observou de forma sistemática o quanto era usado e isso a levou a modificar o modo de coleta de dados de forma a capturar o pronome *tu* nos contextos em que é usado, o das conversas mais informais entre pessoas com relacionamento íntimo.

### 2.3.2 Recife - Pernambuco

Sette (1980) estudou as formas de tratamento em Recife em duas fases: na primeira, os informantes responderam a questionários dirigidos, e na segunda foram gravadas conversas espontâneas. Foram quantificados apenas os dados dos questionários; as conversas foram utilizadas pela autora para analisar estratégias e mudanças de tratamento. Um grupo de informantes participou das duas fases e outro grupo participou apenas da segunda. Foram analisadas conversas nos ambientes familiar e de trabalho.

No ambiente familiar, no tratamento usado com os pais, encontrou-se tanto o uso de *o senhor* (87,5%) e *a senhora* (82,5%) como de *você* (pai: 12,5%; mãe: 17,5%). Os informantes se dividiram em três grupos: alguns afirmam usar exclusivamente *tu* (2,5%); outros, exclusivamente *você* (52,5%); e outros, *tu* e *você* (45%) com os irmãos. Neste último caso, usam *tu* sem a desinência prescrita pelas gramáticas normativas.

A maioria dos informantes (92,5%) não muda o tratamento dado a familiares quando o encontro se dá fora de casa. Os 7,5% que afirmam mudar o tratamento o fazem apenas com os irmãos, fora do ambiente familiar tendem a trocar o *tu* pelo *você*.

No ambiente de trabalho os informantes afirmaram usar apenas *você* e *o senhor*. Neste ambiente, o fator idade só é significativo quando na escolha de tratamento de superior para inferior. Quando é de inferior para superior, a escolha foi quase sempre *o senhor*. A idade tem menos importância na escolha de tratamento para os homens que para as mulheres.

Quanto à variação *tu/você*, Sette apurou nas respostas dadas ao questionário, conforme disposto na tabela 2.2 abaixo, que nenhum falante afirma usar o *tu* categoricamente e apenas um afirma usar mais *tu* que *você*.

Tabela 2.1: Emprego das formas de tratamento *tu* e *você* (Sette 1980:105)

Sexo	+ tu	+ você	Só tu	Só você	Do mesmo jeito <sup>12</sup>
M	-	12	-	6	2
F	1	14	-	2	3
Total	1	26	-	8	5
%	2,5%	65%	-	20%	12,5%

Esses resultados foram confirmados na observação assistemática e a autora afirma que "pode-se verificar que a forma *você* é realmente mais usada do que a forma *tu* pelo recifense (cf. tabela 26) e que a afirmação de Mário Marroquim de que o tratamento *tu* ainda é usado na conversação nordestina permanece válida. A diferença entre uma e outra forma, segundo a maioria dos entrevistados, é a maior intimidade e familiaridade da forma *tu* em relação à forma *você*, ficando a primeira reservada principalmente para familiares e pessoas com quem se tenha grande aproximação. No entanto, alguns informantes declaram usar as duas formas indistintamente"<sup>13</sup> (p. 137).

<sup>12</sup> Usam *você* e *tu* da mesma maneira

<sup>13</sup> Marroquim, Mário (1934). *A Língua do Nordeste*. 2ª ed. São Paulo, Editora Nacional

### 2.3.3 Fortaleza – Ceará

Soares (1980) estudou as formas de tratamento em Fortaleza/CE. Como fonte de dados, utilizou entrevistas gravadas, questionários e observações assistemáticas. Em uma segunda etapa, comparou estatisticamente os dados do questionário aos das outras fontes.

O questionário era composto de 27 gravuras que sugeriam 14 relações assimétricas e 13 simétricas. O padrão encontrado foi: em relações assimétricas há a variação *você/o senhor* e *tu* aparece quando o tratamento é dado de superior para inferior; nas relações simétricas, são usados *tu*, *você* e *o senhor*. A autora julgou que as respostas aos questionários não refletiram o uso real do *tu*. Mesmo quando as situações retratadas eram de informalidade, os informantes ainda sentiam que estavam sendo observados e evitaram o uso deste pronome porque, segundo as observações assistemáticas, tendem a usá-lo sem a concordância canônica de segunda pessoa.

Nas entrevistas gravadas, Soares analisou principalmente a atitude dos informantes em relação ao pronome *tu*. O sistema encontrado foi:

- Nas relações simétricas:
  1. sem nenhuma intimidade: o tratamento de ambos os falantes é *o senhor*; se os interlocutores são muito jovens, usam *você*;
  2. com alguma intimidade: o tratamento é *você* ou *o senhor*; se os falantes são jovens, podem também usar *tu*;
  3. muita intimidade: as pessoas usam *tu* ou *você* indiferentemente.
- Nas relações assimétricas:
  1. sem ou com pouca intimidade, o inferior dá o tratamento *o senhor* ou *você* e recebe *você*;
  2. com muita intimidade, o inferior recebe *você* ou *tu* e dá *o senhor*.

Para descrever a atitude dos falantes em relação ao uso de *tu*, Soares reproduz alguns depoimentos (p. 42):

"É assim uma palavra grosseira"  
"... é coisa de matuto"  
"... é muito duro, é tratar como cachorro, com desprezo"  
"Você é mais bonito, não é? Tu já é um pronome antigo"



As gravações de conversas informais foram utilizadas para comprovar os resultados obtidos com os outros dois métodos. As gravações foram feitas com o conhecimento dos informantes, mas sem que eles soubessem o momento exato em que se dariam. Foram gravadas três situações: conversa informal em um encontro de amigos; um jogo de pôquer; um almoço em família; e um único informante em três situações: duas no ambiente de trabalho – com subordinados e entre iguais – e uma em casa.

A autora não faz a totalização percentual dos dados encontrados nem os consolida, mas tomando os valores nominais das três primeiras situações, chega-se ao seguinte resultado:

Tabela 2.2: Tu, você, o senhor: totalização dos dados em Soares (1980)

	Tu		Você		O senhor ou nome	
	n	%	n	%	n	%
Encontro de amigos	21	29%	52	71%	-	-
Jogo de pôquer	7	11%	43	68%	13	21%
Almoço em família	29	41%	41	59%	-	-
Total	57	28%	136	66%	13	6%

Soares conclui que encontrou em Fortaleza um sistema ternário com *tu/você/o senhor* com usos variáveis. Os fatores que condicionam a variação são: a situação do discurso; papel social dos interlocutores; idade e grau de intimidade. É comum a omissão de tratamento na posição de sujeito, compensada pelo uso de vocativos. A forma *você* é considerada neutra e o uso do pronome *tu* é generalizado, mas sua concordância é variável e pode acontecer de três maneiras: com a segunda pessoa gramatical, com a terceira ou, em alguns tempos verbais, em uma forma alternativa em que há assimilação da dental, como por exemplo "falasse".

#### 2.3.4 Blumenau, Chapecó e Lages – Santa Catarina

Hausen (2000) realizou seu estudo com o objetivo de estudar os fatores que condicionam a concordância do verbo em relação ao pronome *tu* em Blumenau, Chapecó e Lages. A autora fez uma análise da variação *tu/você* nas cidades estudadas e é o capítulo que apresenta esta análise que será descrito. Foram utilizados dados do VARSUL – Variação Lingüística da

Região Sul –, que tem 24 informantes por cidade, com 12 de cada sexo. A análise estatística foi feita utilizando-se o programa Varbrul.

A cidade foi o primeiro fator a ser selecionado pelo programa. A frequência de uso do pronome *tu* em cada uma das cidades estudadas é bastante diferente, em Blumenau é 23%; em Chapecó, 50%; e em Lages, 16%. Os demais fatores foram apresentados de maneira consolidada.

O fator sexo, o segundo fator selecionado, mostrou que as mulheres usam mais o *tu* que os homens, peso relativo de .63 (38% das ocorrências) para as mulheres contra .40 (18% das ocorrências) para os homens.

O terceiro fator selecionado foi a faixa etária. A autora dividiu os informantes em dois grupos: de 20 a 50 anos e acima de 50 anos. Os mais jovens, com peso relativo de .62 e 31% das ocorrências, são os que mais usam *tu*. A faixa etária acima de 50 anos teve peso relativo de .31 e frequência de 16%. Este resultado contrariou as expectativas da autora, que tinha a hipótese de que a influência da mídia poderia ser responsável por um maior uso de *você* entre os mais jovens, já que a televisão, principalmente, apresenta em grande parte programação produzida no sudeste do Brasil, onde, segundo a autora, o uso de *você* tem maior frequência. Os níveis de escolaridade considerados na pesquisa foram: *primário*, *ginasial* e *segundo grau*. Os informantes com nível ginasial apresentaram maior frequência de uso do *tu* (28%), porém, muito perto dos que possuíam o segundo grau (27%).

A interação emissor/receptor foi codificada em seis fatores: *indeterminado*; *dirige-se ao entrevistador*; *função fática*; *discurso relatado*; *discurso relatado próprio* e *dirige-se a um interveniente*. Destes, os que apresentaram relevância foram a *função fática* (peso relativo .85); o *discurso relatado próprio* (.75) e *dirige-se a um interveniente*, ou seja, quando o falante se dirige a alguém que não é o entrevistador (.94), porém, houve apenas duas ocorrências desse tipo de dado, uma com *tu* e outra com *você*.

A *função fática*, quando o falante tem por objetivo assegurar ou manter o contato com seu interlocutor, teve peso relativo bastante alto e para isso escolhe *tu* ao invés de *você*. Este resultado está de acordo com a hipótese de Paredes Silva de que a retomada do pronome *tu* no Rio de Janeiro se deva ao poder deste pronome de atrair a atenção do interlocutor quando comparado com a forma *cê*.

Deve-se observar, no entanto, que o *status* atribuído ao pronome *tu* no sul do Brasil é bastante diferente daquele atribuído na Região Sudeste. Pode-se comprovar esse fato analisando a frequência de uso do *tu* nessas duas regiões por homens e mulheres. No Sudeste os homens usam mais *tu* que as mulheres, na Região Sul é o contrário, as mulheres usam mais *tu* que os homens.

Após o cruzamento das variáveis *região*, *escolaridade* e *faixa etária*, a autora sintetiza os resultados obtidos: “o pronome *tu* tende a ser mais usado na fala dos informantes *mais jovens com o grau ginasial e residentes em Chapecó*”. No cruzamento das variáveis *escolaridade*, *sexo* e *faixa etária*, conclui “que o pronome *tu* é mais produtivo entre falantes *mais jovens do sexo feminino e com o grau ginasial*” (p. 71).

### 2.3.5 Capitais e cidades do interior de Santa Catarina e Rio Grande do Sul

Loregian-Penkall (2004) estudou a variação *tu/você* sob a ótica da comunidade e do indivíduo nas três capitais da Região Sul do Brasil: Curitiba, Florianópolis e Porto; e em três cidades do interior de Santa Catarina: Chapecó, Blumenau e Lages; e do Rio Grande do Sul: Flores da Cunha, Panambi e São Borja. Foram analisados 24 falantes de cada uma das capitais e de Chapecó e Lages; 23 falantes de Blumenau e Flores da Cunha; e 21 falantes de Panambi e São Borja. Além dos 24 informantes de Florianópolis, foram analisados separadamente mais 11 informantes de um vilarejo isolado, Ribeirão da Ilha, que tem características muito particulares em relação às demais cidades. O objetivo da pesquisa foi o de mapear a concorrência entre *tu* e *você* e verificar se ocorre mesmo a substituição de *tu* por *você*.

A análise dos dados das capitais apresenta os seguintes resultados: em Curitiba é categórico o uso de *você*. Porto Alegre e Florianópolis apresentam semelhanças no uso dos pronomes: dos 24 informantes analisados em cada cidade, foram encontrados 14 falantes categóricos de *tu* em Porto Alegre e 13 em Florianópolis; nove alternam *tu/você* em Porto Alegre e 10 em Florianópolis; foi encontrado apenas um falante categórico de *você* em cada uma das duas capitais. Nas duas cidades, há diferenças em relação ao comportamento de homens e mulheres. Entre os falantes categóricos de *tu* em Porto Alegre, 10 são mulheres; em Florianópolis, sete. Entre os homens, a variação *tu/você* apresenta distribuição mais equilibrada.

Nas cidades do interior de Santa Catarina há mais falantes com a alternância *tu/você*, são 50: 17 em Lages, 17 em Blumenau, e 16 em Chapecó. No interior do Rio Grande do Sul são 30: 14 em Panambi, 10 em Flores da Cunha, e seis em São Borja.

Considerando todas as localidades analisadas, pode-se dizer que, de maneira geral, as mulheres são as que mais usam o *tu*; há informantes categóricos de *tu* em todas as cidades; os falantes categóricos de *você* são em menor número.

Entre os fatores sociais analisados, para explicar a variação, o sexo do informante foi estatisticamente relevante apenas nas cidades de Florianópolis, Porto Alegre, São Borja e Panambi, onde as mulheres são mais conservadoras em relação ao uso do *tu*, usando-o com mais frequência e obedecendo, assim, à tradição lingüística da região. As mulheres do interior de Santa Catarina usam menos o *tu* que nas demais cidades, e em Lages usam mais *você*.

A faixa etária de 25 a 49 anos é a que mais usa o *tu* em todas as cidades. O uso do pronome *tu* pode estar associado a um grau menor de formalidade ou de maior intimidade, assim, os falantes com mais de 50 anos apresentam um comportamento de maior formalidade que os mais jovens.

A escolaridade não apresentou resultado homogêneo nas comunidades estudadas, aparentemente a educação formal não influencia a variação *tu/você* em algumas delas.

A partir das variáveis lingüísticas estudadas, a autora descreveu os contextos em que o uso de *você* é favorecido: indeterminação do referente; discurso relatado de terceira pessoa e o discurso predominantemente narrativo. Estes são contextos em que há certo distanciamento do falante em relação àquilo a que se refere e o falante. O falante marca seu distanciamento usando *você* ao invés de *tu*. A autora aponta a possibilidade de ser por meio desses contextos que esteja se dando a entrada de *você* no repertório lingüístico dos falantes das cidades analisadas.

### 2.3.6 Brasília – Distrito Federal

Lucca (2005) estudou o uso do *tu* entre jovens do sexo masculino em Brasília. Por acreditar que o *tu* tende a aparecer em relações solidárias em momentos de intimidade, a autora optou por coletar os dados para análise a partir de gravações ocultas. Os dados foram coletados em três regiões administrativas do Distrito Federal – Ceilândia, Taguatinga e Brasília. Os dados foram analisados estatisticamente utilizando-se o programa GoldVarb 2001.

Nesta pesquisa, 72% das referências de segunda pessoa foram com o uso de *tu*, apenas 28% foi com *você*. As variáveis lingüísticas analisadas foram: função sintática; tipo de referência (genérica ou específica); tipo de fala (real ou retomada); paralelismo lingüístico; tempo verbal; modo verbal; e tipo de estrutura (afirmativa; interrogativa; ou exclamativa). Destas, as únicas que foram selecionadas pelo programa foram o paralelismo lingüístico e o tipo de estrutura.

A hipótese da autora em relação ao paralelismo lingüístico era de que a ocorrência de um dos pronomes – *tu* ou *você* – favoreceria o aparecimento subsequente do mesmo pronome. A hipótese foi corroborada e, com base na análise dos pesos relativos, verificou-se que a posição que mais favorece o uso do *tu* (a autora analisou os efeitos dos fatores em uma das variáveis – o *tu* – dado o caráter complementar da variação deste com *você*) é quando o pronome aparece como primeiro item da série, com peso relativo de .58. A posição em que o *tu* não é o primeiro da série, mas é precedido de outro *tu*, também favorece o uso deste pronome, com peso relativo de .56. A posição em que o *tu* não é o primeiro da série e é precedido por *você* desfavorece o uso de *tu*, com peso relativo de .33.

A segunda variável lingüística selecionada – o tipo de estrutura – foi analisada levando-se em consideração a entoação do falante. A hipótese era a de que as estruturas interrogativas e exclamativas favoreceriam a ocorrência de *tu*, pelo caráter de menor monitoração delas quando comparadas com estruturas declarativas. Os resultados obtidos corroboraram a hipótese, as estruturas que mais favorecem o uso de *tu* são as exclamativas, com peso relativo de .87; quanto às estruturas interrogativas, o peso relativo foi de .54. As estruturas declarativas tiveram peso relativo de .33, o que demonstra que este tipo de estrutura desfavorece o uso de *tu*.

As variáveis sociais analisadas foram: tipo de relação entre os interlocutores; familiaridade com o tema do discurso; região administrativa; gênero do falante; e gênero do interlocutor. Entre as variáveis sociais, a única que não foi selecionada como estatisticamente relevante foi o gênero do interlocutor.

O gênero do falante foi o primeiro fator a ser selecionado pelo programa, comprovando a hipótese da autora de que o *tu* era usado principalmente por falantes do sexo masculino. A autora aponta duas hipóteses para explicar esse fato: as mulheres tendem a usar mais variantes padrão e, uma vez que em Brasília o uso de *tu* se dá com a concordância canônica da terceira pessoa, seu uso configura um afastamento das normas gramaticais prescritivas; os homens tendem a usar o pronome *tu*, preterindo a variante de prestígio *você*, para marcar solidariedade com seus pares.

O fator tipo de relação entre os interlocutores foi analisado tomando-se como hipótese que o *tu* seria mais usado em estilos bastante informais, que é o estilo tipicamente usado por pares solidários. A análise dos dados confirmou a hipótese. O peso relativo atribuído aos pares em relação solidária foi de .57, enquanto o peso relativo dos outros tipos de relação – pares em relação não solidária; não pares/poder superior; e não pares/poder inferior foi .22; .21; e .34, respectivamente.

O terceiro fator social foi a familiaridade com o tema discursivo. Foram considerados mais familiares temas cotidianos e conversas banais sobre o dia-a-dia. Assuntos que não fazem parte da experiência de vida do falante foram classificados como não familiares. A hipótese de que *tu* ocorreria com mais frequência quando o tema da conversa fosse mais familiar foi comprovada, com peso relativo de .52, enquanto os temas menos familiares tiveram peso relativo de .17.

Em relação ao fator região administrativa do falante, a expectativa era a de que os falantes das três regiões analisadas apresentassem comportamento diferente, com o morador de Ceilândia usando mais o *tu* que as outras duas regiões, e o de Taguatinga usando mais que o de Brasília. A hipótese foi confirmada em parte. O falante de Ceilândia realmente usa mais a variante *tu*, em 86% das ocorrências de referência à segunda pessoa, com peso relativo de .68; porém, os falantes de Taguatinga e Brasília apresentaram praticamente a mesma frequência de uso do *tu*: 66% e 68%, respectivamente, ambas com peso relativo de .43. A explicação para esse fato pode ser a origem dos pais dos falantes de Ceilândia, cuja população é de 65,5% de pessoas

oriundas do Nordeste, que em geral apresenta o uso do *tu*, e 28,5% do Sudeste e Centro-Oeste, em que predomina o uso de *você*.

A autora apresenta o contexto que favorece o uso de *tu*: “falantes jovens do gênero masculino que interagem com pares solidários tratando de temas cotidianos (...). Por fim, apontamos a influência decisiva dos migrantes da Região Nordeste em relação à entrada do *tu* no repertório lingüístico dos brasilienses que, ao menos no estágio atual, parece ter se especificado na fala dos jovens e em interações entre pares solidários, não necessariamente íntimos” (p. 113).

## 2.4 Conclusão

Como pôde ser visto neste capítulo, os pronomes de segunda pessoa e formas de tratamento no português têm uso bastante diversificado, tanto quando se compara o português europeu ao português brasileiro, quanto as diferentes variedades do português brasileiro. O português europeu parece ter-se mantido mais próximo de outras línguas européias no que se refere à marcação clara dos limites entre as formas disponíveis para o falante. O português brasileiro, por sua vez, apresenta limites mais fluidos entre uma forma e outra, como pode ser demonstrado no diálogo abaixo, reproduzido de Sette (1980: 49):

Mulher: *O senhor* tem aí um guardanapo pra limpar a mão do menino?  
Sorveteiro: Vou arranjar pra *senhora*.  
Mulher: Criança tomando sorvete é um horror. É uma sujeirada daquelas!  
Sorveteiro: É isso aí. Criança é assim mesmo.  
Mulher: Será que *você* me arranja um copo d'água também?  
Sorveteiro: Pois não. Um copo ou dois?

A justificativa da autora é que houve uma fase intermediária muito breve, que começa no comentário da mulher sobre o comportamento das crianças e termina quando o sorveteiro concorda com ela, que possibilitou uma aproximação entre os interlocutores e isso levou a uma mudança no tratamento.

No *corpus* coletado para o nosso trabalho também é possível encontrar exemplos de mudança de tratamento, tais como:

CS A., **CÊ** tá morenona, hein? Assim, perto de mim **TU** é branquela, mas Ø tá morenona perto das meninas ... J. é **VOCÊ**, ô enrolada!

Interessante notar nesta fala de um homem de 25 anos para uma mulher de 26, com quem mantém uma relação de amizade, que a mudança ocorre de um elogio com *cê*, para uma expressão de desdém com *tu* e volta ao elogio sem usar nenhum pronome. A repreensão com *você* é dada para outra amiga.

Esse uso depreciativo também é mencionado no estudo de Jensen (1982) sobre o uso de formas de tratamento no romance *Dona Flor e seus dois maridos* de Jorge Amado. Especificamente sobre a alternância entre *tu* e *você* entre os mesmos personagens, o autor cita o caso de duas irmãs, Rozilda e Lita. O diálogo começa com Lita usando *a senhora* com Rozilda, num tratamento claramente agressivo, passa em seguida a *você*, em uma fala mais amena, e muda para o *tu* ao fazer uma crítica irônica (Jensen, 1982: 260):

- *A senhora* faça o favor de meter sua língua no rabo e não falar mal de meu marido.
- Por que diabo *você* não deixa a menina casar?
- *Tu* tá procurando sarna pra se coçar. *Tu* vai ver. (Lita:Rozilda, p. 88-89)<sup>14</sup>

No português europeu, por sua vez, é o *você* que pode possuir caráter pejorativo; nas diferentes variedades do português brasileiro, no entanto, não é possível afirmar que o *tu* possua o mesmo valor. No Rio Grande do Sul, a julgar pelo comportamento das mulheres, *tu* tem mais prestígio que *você*; no Rio de Janeiro, *tu* parece estar relacionado ao falar de jovens, mas seu uso pode estar se expandido para outras faixas etárias; e em Brasília pode ser usado como marca de solidariedade entre jovens do sexo masculino. Nas duas cidades do Nordeste analisadas, o *tu* aparece com frequência, mas, no julgamento dos informantes, é reservado para momentos de extrema intimidade, como no uso entre irmãos no ambiente familiar, e tende a ser considerado tratamento rude.

<sup>14</sup> Amado, Jorge (1966). *Dona Flor e seus dois maridos*. São Paulo, Martins.



### **3. Pressupostos teóricos e metodológicos**

#### **3.1 Princípios sociolingüísticos: estratificação social e conformidade individual**

Esta dissertação foi feita dentro dos pressupostos da sociolingüística, cujos princípios básicos foram descritos por Weinreich, Labov e Herzog (1968), segundo os quais a variação é inerente às línguas, obedece a condicionamentos lingüísticos e sociais, e é por meio dela que as mudanças na língua ocorrem ordenadamente. A sociolingüística busca demonstrar que a heterogeneidade da língua é estruturada.

Um dos princípios da sociolingüística é o de que a língua é estratificada socialmente. Labov (2003: 237) demonstra que as mesmas variáveis que são usadas para distinguir mudanças estilísticas são também usadas para distinguir níveis sociais ou culturais. O uso da variável (th) da língua inglesa por cada uma das classes sociais estudadas por Labov em Nova York é bastante diferente: quanto mais baixa a classe social, maior o uso da variante não padrão. Porém, as classes sociais são também muito similares no modo como usam essa mesma variável: todas elas aumentam o uso da variante padrão em estilos de fala mais formais.

Quando se trata de uma mudança em curso, a forma inovadora é geralmente adotada primeiramente por um grupo social e seu uso se expande para outros grupos de forma gradual. O que acontece nesses casos é que os valores sociais atribuídos a essa nova forma são derivados daqueles atribuídos ao grupo social que primeiro a adotou.

Na pesquisa que fazemos, todos os falantes são moradores da mesma região administrativa do Distrito Federal, a que é popularmente conhecida como Plano Piloto de Brasília. Essa é uma região que conta com relativa homogeneidade social, assim, as diferenças entre os falantes não são tão significativas a ponto de se justificar uma estratificação deles em classes sociais. Porém, entra em jogo aqui um outro aspecto social, que é a conformidade individual às normas lingüísticas.

Labov (2003) afirma que o comportamento sociolingüístico reflete as atitudes subjetivas de um determinado grupo de pessoas em relação aos valores e comportamentos de seu próprio grupo e aos valores de outras pessoas. No grupo de pessoas que estudamos, os valores refletem as normas sociais e, conseqüentemente, as normas lingüísticas, principalmente da classe média alta. Segundo Labov (2003: 243):

Certas formas lingüísticas [...] são consideradas mais adequadas para pessoas que tenham certos tipos de emprego. Pode-se fazer uma escala de empregos que requeiram um tipo de fala mais ou menos excelente que seria de consenso geral, tal qual apresentadores de televisão, professores, gerentes de escritório, vendedores, atendentes do correio, supervisores, trabalhadores de fábrica. Os valores opostos são igualmente uniformes: que a língua não padrão [...] é característica de rapazes "durões" que não somente gostam de brigar como também de se dar bem.<sup>15</sup>

Contra-pondo-se à idéia de classificar os indivíduos de acordo com profissões ordenadas segundo a importância do uso da língua padrão, Sankoff (1978), adaptando o conceito de mercado lingüístico desenvolvido por Bourdieu e Boltanski (1975)<sup>16</sup>, propôs a criação de um índice para medir o quanto o uso de variantes de prestígio é determinado pelo contexto em que o falante está inserido e pelas escolhas profissionais individuais. O índice consistia do julgamento por parte de oito lingüistas, incluindo profissionais da área e estudantes, a respeito da importância do domínio da língua padrão para uma série de 120 indivíduos. Os lingüistas fizeram seus julgamentos baseados em perfis que descreviam a história socioeconômica do falante. Sankoff comparou os resultados de cada lingüista e verificou que as conclusões a que chegaram apresentaram apenas uma pequena margem de discordância e que, portanto, os julgamentos eram confiáveis. Comparando os índices atribuídos a cada falante às frequências de uso de algumas variáveis, Sankoff concluiu que seu índice era capaz de prever com certa precisão o uso das variantes-padrão e não padrão.

A respeito das escolhas individuais e o uso de variantes-padrão, Chambers (1995: 95) cita uma pesquisa feita por Feagin<sup>17</sup> em uma escola na pequena cidade de Anniston, que fica no estado do Alabama/EUA. Lá Feagin encontrou um estudante que se destacava dos demais no uso de duas variáveis que possuem variantes altamente estigmatizadas: a concordância negativa (em inglês padrão, as sentenças negativas possuem apenas um morfema negativo) e o uso da forma singular do verbo *to be* (ser/estar), *was*, com um sujeito plural. O estudante usava as variantes-padrão muito mais que os seus colegas. Feagin encontrou a explicação para

---

<sup>15</sup> No original: "Certain linguistic forms [...] are considered more suitable for people holding certain kinds of jobs. One can set up a scale of jobs requiring more or less excellent speech which will obtain very general agreement, such as television announcer, school teacher, office manager, salesman, post office clerk, foreman, factory worker. The converse values are equally uniform: that nonstandard language [...] are characteristic of "tough" guys who not only like to fight but come out on top."

<sup>16</sup> Bourdieu, P. e Boltanski, L. (1975). *Le fétichisme de la langue*. Actes de la recherche en sciences sociales, 4: 2-32

<sup>17</sup> Feagin, Crawford (1979). *Variation and Change in Alabama English*. Washington, DC: Georgetown University Press

o comportamento distinto do estudante nas suas aspirações: ele participava do conselho estudantil e pretendia cursar a universidade, enquanto a maior parte dos rapazes da escola pretendia fazer cursos técnicos depois de formados no segundo grau. Chambers (1995: 97) afirma que o estudante "se destaca academicamente entre seus pares como um vencedor e suas ambições se refletem em seu dialeto"<sup>18</sup>.

Outra pesquisa citada por Chambers (1995) é a de Douglas-Cowie (1978: 37) no vilarejo de Articlave na Irlanda do Norte. O vilarejo sofreu as influências do desenvolvimento industrial acelerado pelo qual passou a cidade vizinha de Coleraine. Douglas-Cowie afirma que a população local, ao ser exposta às novas possibilidades sociais, ficaria provavelmente insatisfeita com o estilo de vida mais limitado ao qual os moradores do vilarejo estavam habituados e que buscariam formas de conseguir as oportunidades e os bens que estavam agora disponíveis não muito longe dali; muitos habitantes teriam, assim, grande vontade de "sair para o mundo".

O comportamento lingüístico de muitos informantes não estava claramente correlacionado com o nível educacional ou com a ocupação. A autora decidiu, então, fazer um experimento com as aspirações sociais de cada um. Para definir o grau de aspiração social dos informantes, cada um deles respondeu o quanto cada um dos outros tinha vontade de "sair para o mundo" em uma escala de quatro níveis: não ter vontade; ter pouca vontade; ter vontade; ter muita vontade. As respostas dos informantes a respeito dos outros apresentaram um alto grau de concordância. O que a autora encontrou foi uma correlação bastante forte entre o grau de ambição social e o uso de variantes-padrão. A autora conclui que "as diferenças no comportamento lingüístico de indivíduos (que com frequência podem ser obscurecidas em estudos de maior escala que lidam com frequências agrupadas) podem ser explicados por fatores sociopsicológicos (cf. Labov, a ser publicado<sup>19</sup>) tais como o grau de ambição social de um indivíduo"<sup>20</sup> (p. 51).

---

<sup>18</sup> No original: "[he] stands out among his peers academically as an achiever, and his ambitions are reflected in his dialect."

<sup>19</sup> Labov, W. (1979). "Locating the frontier between social and psychological factors in linguistic variation". In Fillmore, C.J., Kempler D. e Wang, W.S.-Y. (eds.) *Individual differences in language ability and language behavior*. New York, Academic Press, p.327-339.

<sup>20</sup> No original: "...differences in the linguistic behaviour of individuals (which may often be obscured in larger scale studies dealing in grouped scores) may be accounted for by socio-psychological factors (cf. Labov, forthcoming) such as the degree of an individual's social ambition."

Ainda sobre a importância das características pessoais para a conformidade do indivíduo ao dialeto padrão, Chambers (1995: 177), ao falar sobre adultos jovens e o mercado de trabalho, também cita o conceito sociológico do mercado lingüístico de Bourdieu e Boltanski, que leva em consideração que algumas pessoas têm mais a ganhar ao falar o dialeto legitimizado, ou seja, ao usar mais as variantes de prestígio, que outras. Em determinadas profissões, a variedade padrão é a que será mais lucrativa em termos de ascensão profissional para determinado falante. Segundo o próprio Bourdieu (1998: 54):

Sendo assim, a prática lingüística comunica inevitavelmente, além de informação declarada, uma informação sobre a maneira (diferencial) de comunicar, isto é, sobre o estilo expressivo (percebido e apreciado por referência ao universo dos estilos teórica ou praticamente concorrentes) a que se concede um valor social e uma eficácia simbólica.

Ao considerar estilos expressivos concorrentes que podem ser apreciados de maneira diferente pelos diversos grupos sociais, pode-se afirmar que, em determinadas escolhas profissionais, demonstrar não conformidade aos padrões estabelecidos pela sociedade pode ter, contrariamente ao esperado em outras áreas profissionais, efeito positivo. O falante pode ou não se adaptar ao padrão de prestígio adotado pelo grupo dominante na sociedade em que está inserido, e a sua escolha, entre a conformidade e a não-conformidade aos valores socialmente estabelecidos, pode gerar benefícios profissionais. Assim, um funcionário público de uma autarquia federal em Brasília que decide ir ao trabalho usando um chapéu de feltro e sandálias franciscanas certamente não está se projetando como um funcionário ideal para aquele ambiente. Se, no entanto, este mesmo indivíduo tem também uma carreira de diretor teatral, a eficácia simbólica de seu comportamento está no fato de que ele reafirma sua postura de não pertencimento àquela estrutura em que se encontra, ao mesmo tempo em que valoriza sua vida profissional paralela, na qual o estilo das pessoas é mais informal e o que costuma ser valorizado é a originalidade e a liberdade em relação às convenções, atitudes que também têm reflexo nas escolhas lingüísticas.

### **3.2 A função social da variação**

A variação pode ser usada pelos falantes como função social, como demonstram os estudos com adolescentes feitos por Cheshire (1982) e Eckert (2000). Cheshire estudou a fala de 13

garotos e 12 garotas da cidade de Reading na Inglaterra em relação a nove variantes não padrão em uso na cidade estudada. Seu objetivo era demonstrar que a frequência com que os falantes usam traços lingüísticos não padrão é correlacionada ao grau de adesão às normas da cultura vernacular e também que variáveis lingüísticas podem desempenhar diferentes funções sociais e semânticas.

As variantes estudadas foram: o uso do sufixo da terceira pessoa do singular com outras pessoas gramaticais; *has* ('ter' na terceira pessoa do singular) com outras pessoas gramaticais; *was* (passado de 'ser/estar' na terceira pessoa do singular) com sujeitos plurais e com *you* singular; negação múltipla; *never* ('nunca') usado no lugar de *didn't* (auxiliar de negação no passado); *what* ('que') no lugar de *who*, *whom*, *which* e *that* ('quem', 'a quem', 'o(s) qual(is)', 'que'); auxiliar *do* com sujeitos na terceira pessoa do singular; *come* ('vir') ao invés de *came* no passado; *ain't* usado como negação de *be* ('ser/estar') e *have* (verbo auxiliar).

Para medir o grau de adesão à cultura vernacular, a autora desenvolveu um "índice da cultura vernacular" que incluía fatores como: habilidade de luta; porte de armas; participação em pequenas atividades criminosas (tais como roubo em lojas e vandalismo); o emprego que os rapazes pretendiam ter depois de terminar os estudos; estilo de vestimenta e de penteado; e uma medida do uso de palavrões. Ao correlacionar este índice com a frequência de uso das variantes estudadas, Cheshire provou que algumas das variantes são marcadores muito claros da cultura vernacular, enquanto outras não têm comportamento tão definido. Demonstrou também que o uso das variantes é diferente entre homens e mulheres: algumas são marcadores para os dois sexos, enquanto outras o são apenas para homens ou apenas para mulheres.

Eckert (2000) analisou estudantes de uma escola de segundo grau em um subúrbio de Detroit. Em seu estudo a autora encontrou dois grupos em oposição na escola: os *Jocks* (os atletas) e os *Burnouts* (os drogados). Nem todo *jock* é obrigatoriamente um atleta, assim como nem todo *burnout* é usuário de drogas. Estes são apenas os rótulos usados pelos próprios adolescentes. Há também aqueles classificados como *In-betweens*, que constituem a maioria da população da escola e que não se consideram afiliados a nenhum dos dois grupos.

Analisando o uso de algumas variáveis pelos diferentes grupos, Eckert tinha por objetivo capturar o significado social da variação, isto é, como aqueles adolescentes davam sentido social particular a diferentes estilos lingüísticos, pois, em suas palavras: "a vida social da variação se encontra na variedade de formas que os indivíduos têm de participar de suas

comunidades – como se encaixam e como deixam sua marca –, as maneiras de construir significado para as suas próprias vidas"<sup>21</sup> (p. 1-2).

Ao analisar a variação do ponto de vista da função social que esta pode ter, a autora procura situar os indivíduos não como representantes dos grupos a que pertencem, mas como integrantes que constroem ativamente o sentido social da variação em suas comunidades.

### 3.3 Estudos em tempo aparente

Weinreich, Labov e Herzog (1968: 187) apontam como um dos princípios gerais da teoria da variação que "nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura da língua envolve mudança, mas todas as mudanças envolvem variabilidade e heterogeneidade". Daí surge o problema de como diferenciar uma variação estável de uma mudança em curso. Labov (1994) propõe os conceitos de "tempo real" e "tempo aparente".

A variação pode ser analisada em tempo real, isto é, observando falantes em duas épocas de suas vidas, ou em tempo aparente, em que falantes de diversas faixas etárias são observados em um dado momento. A observação em tempo aparente parte do pressuposto que o sistema lingüístico de um indivíduo se estabiliza a partir de uma determinada idade e que alguém com idade superior a esta apresenta um sistema lingüístico característico da época em que se deu a estabilização. Labov (2001: 447) sugere os 17 anos de idade como idade crítica para a estabilização.

Labov (1994) demonstra que em estudos em tempo aparente, ou sincrônicos, que analisam uma determinada variável em várias faixas etárias, pode-se encontrar quatro possibilidades, dispostas no quadro abaixo, adaptado de Labov (1994: 83) por Sankoff (2002: 2) e traduzido por mim:

---

<sup>21</sup> No original: "the social of variation lies in the variety of individuals' ways of participating in their communities – their ways of fitting in, and of making their mark – their ways of constructing meaning in their own lives."

Quadro 3.1: Padrões de mudança no indivíduo e na comunidade

<b>Padrão Sincrônico</b>	<b>Interpretação</b>	<b>Indivíduo</b>	<b>Comunidade</b>
Reta sem inclinação	1. Estabilidade	estável	estável
Reta inclinada de acordo com a idade	2. Gradação etária	instável	estável
Reta inclinada de acordo com a idade	3. Mudança geracional [= interpretação de "tempo aparente"]	estável	instável
Reta sem inclinação	4. mudança na comunidade	instável	instável

Variáveis sociolinguísticas estáveis, ou em variação inerente, são aquelas que não apresentam diferenças no uso nas diversas faixas etárias. Um exemplo desse tipo de variável é o (ing) do inglês, cujas variantes (in) e (ing), usadas com maior frequência em estilos informais e formais, respectivamente, são usadas da mesma maneira desde as crianças até os adultos mais velhos.

A gradação etária descreve situações em que o mesmo indivíduo modifica seu uso de determinada variável ao longo de sua vida. Um dos casos mais comuns está relacionado ao léxico: jovens adolescentes usam muita gíria, mas, com a passagem para a idade adulta, passam a usar este tipo de vocabulário com frequência gradualmente menor.

A mudança geracional é a mudança em curso, a interpretação normalmente dada nos estudos em tempo aparente. Neste tipo de mudança os indivíduos entram na comunidade apresentando uma determinada frequência de uso de uma variável que manterão por toda a sua vida, porém, aumentos regulares na frequência de indivíduos de gerações mais novas levam, eventualmente, a uma mudança linguística.

A mudança na comunidade acontece quando todos os membros da sociedade, independentemente de sua idade, adotam ou aumentam a frequência de uso de uma nova variante simultaneamente. Este é um padrão mais comum em mudanças lexicais e sintáticas. Uma mudança deste tipo no português brasileiro foi a adoção do termo *táxi* em substituição a *carro de praça*. Durante algum tempo os dois termos devem ter concorrido, mas atualmente *carro de praça* é um termo anacrônico.

### 3.4 Metodologia da pesquisa

#### 3.4.1 O corpus

Brown e Gilman (1960) e muitos outros estudos sobre os pronomes de segunda pessoa utilizaram questionários como meio de obtenção de dados. Este método apresenta um problema, que é a diferença que existe entre o que o falante diz que faz e o que ele realmente faz. No caso de variáveis que carregam estigma, este método não é recomendável. Acreditamos que o uso do pronome *tu* em Brasília, sem a concordância clássica da segunda pessoa, sofra o estigma de "linguagem incorreta", já que não segue a norma prescritiva ensinada na escola. Entrevistas sociolinguísticas típicas tampouco favorecem o aparecimento da segunda pessoa por parte do entrevistado, e, quando ocorrem, não costumam refletir graus de informalidade, que é o contexto em que acreditamos se dar o uso do *tu* em Brasília.

Para obter os dados necessários para esta pesquisa, foram feitas gravações de conversas espontâneas. Houve grande dificuldade em conseguir voluntários para fazer as gravações em sua rotina diária. Em alguns casos, principalmente na faixa etária dos adolescentes, na qual não possuo muitos relacionamentos, foi necessário um bom trabalho de "convencimento". As gravações foram feitas com o conhecimento dos participantes, fato que pode ter distorcido os dados em direção às variantes mais comuns: *cê* e *você*.

Foram analisadas aproximadamente 23 horas e 30 minutos de conversa. Alguns informantes fizeram apenas uma gravação; outros fizeram duas ou mais. Alguns foram gravados no trabalho e em outros ambientes mais informais; outros foram gravados somente em ambientes mais informais, como em casa ou em lugares públicos. Em algumas das gravações os informantes estão em um grupo com quatro ou mais pessoas; em outras, os informantes falam com apenas uma pessoa. Alguns informantes foram gravados falando apenas com familiares; outros, apenas com amigos; e outros, com familiares e amigos. É possível observar que algumas pessoas não demonstraram qualquer constrangimento ao serem gravadas, tendo mencionado, inclusive, assuntos bastante íntimos e, às vezes, comprometedores. Outras pessoas, no entanto, ficaram claramente constrangidas durante todo o tempo em que estavam sendo gravadas. Estas diferenças serão levadas em consideração na análise dos resultados obtidos.



### 3.4.2 A amostra

Em uma pesquisa sociolinguística, uma vez identificada a variável a ser estudada, o primeiro passo é selecionar o universo a ser estudado e, a seguir, definir uma amostra da população para ser analisada. É muito importante que os critérios de seleção sejam bem definidos e coerentes com o resultado que se deseja alcançar, já que o método de amostragem utilizado pode influenciar os resultados obtidos. O tamanho da amostra é fundamental, é preciso que seja representativa. No entanto, diversos estudos comprovam que amostras para estudos linguísticos não precisam ser tão grandes como para outros tipos de pesquisas. Sobre esse assunto, Sankoff<sup>22</sup> (apud Milroy e Gordon 2003: 28) afirma:

Se as pessoas dentro de uma comunidade de fala podem realmente entender umas às outras com um alto grau de eficiência, isto tende a limitar a extensão de variações possíveis e impõe uma regularidade (necessária para a comunicação efetiva) não encontrada em outros tipos de comportamentos sociais.<sup>23</sup>

A amostra da população escolhida para a análise se limitou a residentes do Plano Piloto de Brasília que tenham nascido na cidade ou que tenham se mudado com no máximo cinco anos de idade. A região popularmente chamada de Plano Piloto de Brasília é a junção de três regiões administrativas: A RAI – Brasília; a RAXVI – Lago Sul; e a RAXVIII – Lago Norte. A escolha de uma única região do DF se deve ao fato de que o objetivo da pesquisa é analisar diferentes faixas etárias. Dada a necessidade de limitar o escopo do trabalho por questões de restrição de tempo, diferentes faixas etárias de mais de uma região acarretariam um número de falantes muito grande e, em consequência, muitas horas de gravação a serem analisadas. O Plano Piloto foi escolhido porque é onde moro há mais de 20 anos, sendo assim a região que conheço e na qual tenho os contatos necessários para obter informantes com disposição e disponibilidade para fazer as gravações. Também é importante, do ponto de vista da análise linguística, o conhecimento profundo da comunidade que será analisada. Blom e Gumperz (1972: 434) falam sobre a influência desse conhecimento nos resultados de suas pesquisas:

Nossos experimentos, e a análise apresentada neste capítulo, demonstram a importância do significado social ou não referencial para o estudo da língua

---

<sup>22</sup> Sankoff, G. (1980). "A quantitative paradigm for the study of communicative competence". In Sankoff, G. (ed.) *The Social Life of Language*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, p. 47-79

<sup>23</sup> No original: "If people within a speech community indeed understand each other with a high degree of efficiency, this tends to place a limit on the extent of possible variation, and imposes a regularity (necessary for effective communication) not found to the same extent in other kinds of social behavior."

na sociedade. Mera observação naturalística de comportamento discursivo não é suficiente. Para interpretar o que ele ouve, o investigador deve ter algum conhecimento prévio da cultura local e dos processos que geram significados sociais, sem o qual é impossível generalizar sobre as implicações sociais de diferenças dialetais.<sup>24</sup>

As faixas etárias estudadas foram: de 13 a 19 anos; de 20 a 29 anos; e mais de 30 anos. É importante ressaltar que Brasília tem apenas 47 anos, o informante mais velho tem apenas 42 anos. Foram escolhidos três falantes de cada sexo para cada uma das faixas etárias, num total de 18 informantes, conforme o quadro 3.2 abaixo:

Quadro 3.2: Caracterização dos Informantes

	Informante	Sexo	Idade	Ocupação
<b>Faixa Etária 1</b>	FD	F	17	estudante do 2º grau
	AT	F	17	estudante de 2º grau
	BR	F	17	estudante de curso superior
	RG	M	16	estudante de 2º grau
	FQ	M	18	estudante de curso superior
	TO	M	17	estudante de curso superior
<b>Faixa Etária 2</b>	AC	F	26	funcionária pública
	JB	F	26	professora de dança e psicóloga
	FL	F	29	funcionária pública
	FN	M	27	bancário
	GS	M	29	funcionário público
	CS	M	25	professor de educação física
<b>Faixa Etária 3</b>	CD	F	35	funcionária pública
	RC	F	42	funcionária pública
	AN	F	36	publicitária e produtora de TV
	GA	M	36	dançarino e coreógrafo
	GV	M	34	funcionário público
	AM	M	33	funcionário público

<sup>24</sup> No original: “Our experiments, and the analysis presented in this chapter, demonstrate the importance of social or nonreferential meaning for the study of language in society. Mere naturalistic observation of speech behavior is not enough. In order to interpret what he hears, the investigator must have some back ground knowledge of the local culture and of the processes which generate social meaning, without this it is impossible to generalize about the social implication of dialect differences.”

### 3.4.3 Fatores analisados

A referência à segunda pessoa é a variável em estudo; foram encontradas as seguintes variantes: *tu*, *você*, *cê* e *nulo*. Para explicar por que o falante escolheu uma entre as quatro possibilidades disponíveis, foram analisados os seguintes fatores lingüísticos e sociais:

Os fatores lingüísticos considerados foram:

1. tipo de fala (conversas casuais; conversas profissionais/acadêmicas; repreensões; ou brincadeiras/observações irônicas);
2. tipo de referência (genérica ou específica);
3. função sintática (sujeito; objeto; objeto de preposição; ou predicativo);
4. forma verbal (presente do indicativo; pretérito perfeito; pretérito imperfeito; futuro do presente; subjuntivo; ou gerúndio);
5. tipo de relato (fala própria; fala relatada própria; ou fala relatada de outra pessoa).

Os fatores sociais analisados foram:

1. faixa etária (de 13 a 19 anos; de 20 a 29 anos; ou mais de 30);
2. sexo (masculino ou feminino);
3. estilo de vida do falante (alternativo ou conservador);
4. relacionamento com o interlocutor (amigo íntimo; familiar; amigo/colega; conhecido; ou desconhecido);
5. faixa etária do interlocutor (mais novo; mesma faixa etária; ou mais velho);
6. sexo do interlocutor (masculino ou feminino);
7. lugar em que ocorreu o diálogo (casa do informante; casa de amigos; trabalho do informante; ou lugar público).

A maior parte dos fatores listados acima é comum a vários outros estudos sociolingüísticos e suas descrições detalhadas, bem como as hipóteses consideradas para cada um, serão expostas no próximo capítulo.

O fator estilo de vida, no entanto, é sujeito a julgamentos subjetivos, já que entre os extremos alternativo e conservador são possíveis muitos padrões de comportamento. Para efeito desta

pesquisa, o fator teve valores binários polarizados: alternativo e conservador. A característica observada para determinar onde cada falante, nas faixas etárias de 20 a 29 e de mais de 30 anos, se encaixaria foi a profissão. Para os adolescentes este fator teve valor ‘não se aplica’, isto quer dizer que, na análise deste grupo de fatores, todos os informantes pertencentes a esta faixa etária foram eliminados. A justificativa para esta decisão está no fato de que, ao passar para a idade adulta e entrar no mercado de trabalho, os jovens adequam seu comportamento lingüístico à nova realidade, porém, quando são adolescentes e interagem em grupos é comum o uso de variantes que caracterizam a fala dessa faixa etária. Um exemplo desse tipo de marcador em Brasília é o uso do vocativo "véi", típico da fala de adolescentes da cidade, mas que raramente é encontrada em adultos, especialmente os que já passaram de 30 anos de idade. Segundo Chambers (1995: 172), "a conformidade às regras do grupo e a distinção das normas adultas levam à adoção de variáveis lingüísticas regionais que vão além da região em que vivem e às vezes à preferência por variantes não favorecidas pelos adultos".<sup>25</sup>

No estudo de Lucca (2005) em Brasília, a variável paralelismo lingüístico foi selecionada como estatisticamente relevante. A amostra utilizada naquele caso se constituía apenas de falantes adolescentes, em sua maioria do sexo masculino. A amostra era, portanto, bastante homogênea e os contextos das gravações, jovens conversando com outros jovens, eram bastante favorecedores do uso do *tu*. Para a pesquisa que fazemos, a amostra é bastante heterogênea e foram feitas gravações tanto em contextos favorecedores como desfavorecedores do *tu*. Se todos os fatores sociais favorecedores do uso do *tu* permanecerem constantes, o que é provável, já que se trata basicamente de características do falante e do seu interlocutor, a tendência é que este pronome apareça mais de uma vez em um mesmo diálogo. Desse modo, acreditamos que um grupo de fatores como o paralelismo, nesse caso, poderia se sobrepor aos outros fatores considerados e gerar resultados dúbios. Por essa razão optamos por não incluir a variável paralelismo lingüístico entre os fatores codificados.

Outra variável que pareceu a princípio relevante e que foi posteriormente descartada foi o estado de origem dos pais dos informantes. A maior parte dos informantes tem como pais pessoas oriundas de Minas Gerais e de Goiás, estados onde o *tu* não é muito usado, e do próprio Distrito Federal. Além disso, observamos que entre os falantes que mais usam *tu* há

---

<sup>25</sup> No original: "Conformity to peer group norms and distinction from adult norms leads to the adoption of regional linguistic variables beyond the neighborhood and sometimes a preference for variants not favored by adults."

tanto pessoas cujos pais vieram de regiões em que se usa *tu*, como o Nordeste, como de regiões onde não se usa, como o Centro-Oeste. Esse fato corrobora estudos sociolinguísticos que afirmam que o dialeto dos pais é mais importante nos primeiros anos de aprendizado da língua; em fases posteriores a maior influência sobre o dialeto de um falante vem, sobretudo, do grupo em que se encontra inserido. Labov (1974: 66), ao descrever os estágios da aquisição do inglês falado, afirma que depois da aquisição da gramática básica, que se dá normalmente por intermédio da convivência com os pais, os falantes passam para a aquisição do vernáculo que “é o mais importante do ponto de vista da evolução da linguagem. Nos anos de pré-adolescência, aproximadamente das idades de cinco a doze, a criança aprende o uso do dialeto local numa forma consistente com a de seu grupo de amigos e companheiros mais próximos. Neste estágio, as características do dialeto das vizinhanças tornam-se reações automaticamente estabelecidas no padrão da fala cotidiana, e a influência dos pais é submersa sob a influência do grupo de amizade”.

#### 3.4.5 O tratamento estatístico dos dados

A análise estatística dos dados será feita com o uso do programa GoldVarbX<sup>26</sup>. O programa foi desenvolvido para ajudar na análise quantitativa de fenômenos lingüísticos variáveis.

Para que os dados sejam propriamente quantificados pelo programa, é necessário codificá-los de acordo com grupos de fatores. Assim, cada elemento dentro de cada um dos grupos de fatores sociais e lingüísticos mencionados acima recebeu um código. Com os dados codificados obtém-se a frequência de cada variante em cada um dos grupos de fatores.

Em uma etapa posterior, as variantes foram reduzidas a uma oposição binária (*tu* e *você+cê*; desprezando os valores nulos) para que os pesos relativos dos fatores pudessem ser calculados, já que a versão do programa utilizada faz somente análises binárias. O peso relativo é resultado de um modelo de análise logístico introduzido por Pascale Rousseau e

---

<sup>26</sup> Os programas originais na linguagem Fortran foram feitos por David Sankoff, Pascale Rousseau, Don Hindle e Susan Pintzuk. Foram convertidos para o Pascal para rodar em computadores Macintosh (1990) por David Rand e David Sankoff. A versão de 2001 foi convertida para rodar no Microsoft Windows usando a linguagem Borland Delphi por John Robinson, Quantic Computing, para o departamento de Línguas e Ciência Lingüística da Universidade de York. A versão de 2005, chamada GoldVarb X, foi reescrita em C++ por David Sankoff, Sali Tagliamonte e Eric Smith.

David Sankoff em 1978 para fazer cálculos probabilísticos em fenômenos lingüísticos; seus valores vão de 0 a 1. Os pesos relativos inferiores a 0,5 são interpretados como desfavorecedores em relação ao uso da variável, os pesos relativos maiores que 0,5 são favorecedores. A análise dos pesos relativos deve ser feita com cuidado, pois, segundo Naro (2003: 24):

Em princípio, os valores absolutos dos pesos relativos calculados não têm significância analítica; o que importa é a sua ordenação [...]. Na verdade, quando, sob certas convenções matemáticas, calculamos um valor numérico de, digamos, 0,4, é perfeitamente possível que sob outras convenções o valor calculado seja 0,6, mas a ordenação relativa dos valores dos diversos fatores que compõem um grupo não mudará.

Assim, cabe ao lingüista analisar os resultados estatísticos apresentados pelo programa e interpretá-los de acordo com a teoria sociolingüística, as hipóteses levantadas e a sua própria sensibilidade diante do fenômeno investigado. É necessário ter em mente os tipos de dados submetidos à análise e levar em consideração as limitações que estes dados podem apresentar.

O nível de significância utilizado pelo programa é de 0,05, o que quer dizer que a probabilidade de que o resultado apresentado seja verdadeiro é de 95%. Outras informações dadas em cada rodada são: o *input*, que é a média global corrigida, isto é, a probabilidade de ocorrência da variável selecionada sem levar em conta o efeito dos fatores; a verossimilhança, ou *log likelihood*, que é uma medida de quanto um resultado em particular é adequado ao comportamento real da variável. Na análise que fizemos, analisaremos os percentuais e os pesos relativos gerados pelo programa. Um dos aspectos dos pesos relativos observados é a diferença, dentro de um grupo de fatores, entre o maior peso relativo e o menor; quanto maior a diferença, mais importante a variável para explicar o condicionamento do fenômeno estudado.

## 4. Análise dos resultados

Antes de iniciarmos a exposição dos resultados, descreveremos o *corpus* analisado. As gravações realizadas proporcionaram 1.080 dados de referência à segunda pessoa, assim distribuídos:

Tabela 4.1: Totais de referências à segunda pessoa

	<b>Tu</b>	<b>Cê</b>	<b>Você</b>	<b>Nulo</b>	<b>Total</b>
	10.6%	51.4%	26.5%	11.5%	100%
n	115	555	286	124	1.080

Dos 18 informantes, sete não usaram *tu* nas gravações. Não foram encontrados dados de *tu* com a concordância canônica de segunda pessoa; todos os dados são com a mesma concordância dada a *cê/você*. Uma vez que não é possível recuperar pela desinência verbal qual teria sido a intenção do falante, optamos por eliminar os 124 casos de referência à segunda pessoa com o sujeito nulo da análise de pesos relativos. Além disso, a referência nula pode não ser simplesmente a omissão de um pronome que o falante escolheu mentalmente, mas que optou por não pronunciar. Análises aprofundadas dessa variante podem indicar que a referência nula obedece a condicionamentos distintos em relação às demais opções de referência à segunda pessoa.

Foi necessário também fazer ajustes em relação à função sintática do pronome, que inicialmente teve a seguinte distribuição:

Tabela 4.2: Função sintática do sintagma nominal

	<b>Tu</b>	<b>Cê</b>	<b>Você</b>	<b>Nulo</b>	<b>Total</b>
Sujeito n	11.3% 111	55.4% 546	20.8% 205	12.6% 124	986
Predicativo n	22.2% 2	- -	77.8% 7	- -	9
Objeto n	- -	- -	100% 15	- -	15
Objeto de preposição n	- -	- -	100% 41	- -	41
Total	113	546	268	124	1.051

O total apresentado na tabela 4.2 é menor que os 1.080 dados inicialmente coletados, isso se deve à ocorrência de 29 casos (dois *tu*; nove *cê*; e 18 *você*) de hesitações, interrupções ou mudanças de idéia em que o pronome apareceu isoladamente. Nesses casos optamos por não tentar captar da sentença seguinte qual teria sido a intenção inicial do falante; esses dados foram codificados como ‘não se aplica’ tanto para função sintática como para forma verbal. Um exemplo desse tipo de ocorrência é uma fala de AM, 33, sexo masculino, funcionário público, com uma secretária:

AM **CÊ** não mandou nada, não. Não recebi nada teu, não recebi nada. Éééé ... eu tô mandando um e-mail pra turma, **VOCÊ** ... **VOCÊ** ... **CÊ** repassa pra toda a turma de projeto?

Uma vez que as funções de objeto e de objeto de preposição não apresentaram variação, também foram retirados da análise de pesos relativos os 56 dados referentes a essas funções sintáticas. Ficamos, então, com 900 dados de referência à segunda pessoa com pronome explícito que foram levados à fase seguinte de cálculos de pesos relativos.

Foi feito um esforço para que o *corpus* representasse equilibradamente a estratificação por sexo e faixa etária. A distribuição dos dados nessas categorias foi:

Tabela 4.3: Distribuição dos dados de *tu*, *cê* e *você* por sexo e faixa etária

Faixa etária Sexo	13 a 19 anos	20 a 29 anos	Mais de 30 anos	Total
<b>Feminino</b>	11.8% 106	29.9% 269	9.9% 89	51.6% 464
<b>Masculino</b>	7.2% 65	17.2% 155	24.0% 216	48.4% 436
<b>Total</b>	19.0% 171	47.1% 424	33.9% 305	100% 900

Há, de maneira geral, uma distribuição uniforme em relação ao sexo dos informantes: 51.6% de dados de falantes do sexo feminino contra 48.4% do sexo masculino. Há, no entanto, desequilíbrio em relação aos dados das três faixas etárias estudadas, o que acaba por acarretar desequilíbrio na distribuição dos sexos dentro de cada uma das faixas etárias. A faixa etária com maior representação é a de 20 a 29 anos, com 47.1% dos dados. Ainda assim, dentro dela o sexo feminino teve maior número de dados: 29.9% do total. Na faixa etária de mais de 30



anos, com 33.9% do total de dados, o sexo masculino contribuiu com mais dados: 24%. A faixa etária com menor número de dados é a de 13 a 19 anos: 19% do total. Dentro dela, o maior número de dados veio das mulheres, 11.8% do total. Esses números refletem a disponibilidade dos informantes em fazer gravações e permitir seu uso em uma pesquisa.

Na faixa etária mais jovem encontrei grande resistência em obter gravações, talvez devido ao fato de que adolescentes não costumam gostar de compartilhar suas experiências com adultos. Com exceção de uma sessão, contei com a ajuda de apenas um informante do sexo feminino para obter todos os dados dessa faixa etária, e o maior número de dados do seu próprio sexo nessa faixa etária reflete a frequência de seus encontros com amigos e colegas dos dois sexos. Uma outra característica dos dados desse grupo de informantes é o fato de que houve sessões com informantes apenas do sexo feminino, mas não houve com informantes apenas do sexo masculino. Esse fato provocou diferenças em relação ao resultado obtido na pesquisa de Lucca (2005) com falantes dessa faixa etária do sexo masculino, diferenças que serão discutidas nas seções que analisam o efeito do sexo e da faixa etária dos informantes e do sexo do interlocutor no uso de *tu*.

As gravações nas outras duas faixas etárias foram feitas pelos próprios informantes. Todos tiveram enorme boa vontade em cooperar, porém, é natural que alguns tenham cumprido essa tarefa com maior desembaraço que outros. As mulheres de mais de 30 anos, em particular, se demonstraram bastante tímidas e as gravações feitas por elas eram, em geral, curtas e com alguma frequência foi mencionado o fato de que certos assuntos não eram apropriados para serem gravados. Os momentos de maior descontração e, portanto, em que a linguagem utilizada foi menos monitorada foram aqueles em que estavam em um grupo relativamente grande, com mais de quatro pessoas.

Essas diferenças no *corpus* foram levadas em consideração na análise dos resultados obtidos pelo programa GoldVarb X. O programa trabalha apenas com dados binários para fazer o cálculo dos pesos relativos, ou seja, da contribuição de cada um dos fatores para a escolha entre as variantes disponíveis. O principal objetivo desta pesquisa é analisar que circunstâncias levam o falante a escolher o pronome *tu* para referência à segunda pessoa em oposição às opções menos marcadas *cê* e *você*. Sendo assim, decidimos agrupar os dados de *cê* e *você* em uma só variante. O uso de *cê* ou de *você* é, por sua vez, condicionado a diferentes tipos de fatores que, no momento, não analisaremos. Uma extensão desta pesquisa

pode indicar o papel desempenhado por estas variantes em falantes que possuem e que não possuem o *tu* em seu repertório e verificar se há e quais são as diferenças. Ficamos, então, com a seguinte distribuição de dados para análise de pesos relativos:

Tabela 4.4: Totais de referências à segunda pessoa com dados agrupados

	<b>Tu</b>	<b>Cê/Você</b>	<b>Total</b>
n	12.8% 115	87.2% 785	100% 900

Como pode ser observado na Tabela 4.4, a frequência de uso do pronome *tu*, em oposição a *cê/você*, é de 12.8%. Este número representa a frequência média da totalidade dos dados analisados, porém, como esperávamos, é grande a diferença quando a análise é feita considerando-se isoladamente algumas das categorias sociais e lingüísticas estudadas. Nas seções seguintes analisamos detalhadamente cada um dos fatores lingüísticos e sociais observados nesta pesquisa. Serão analisados primeiramente os grupos de fatores selecionados pelo programa GoldVarb X como estatisticamente relevantes e a seguir serão dispostos os dados de frequência dos grupos de fatores que não foram selecionados, mas que consideramos importantes para a análise do fenômeno em questão.

#### 4.1 Fatores analisados

Foram feitas duas rodadas: uma com todos os informantes e outra apenas com os onze informantes que usaram *tu* nas gravações. Os principais fatores selecionados nas duas rodadas foram os mesmos e os pesos relativos equivalentes. Uma vez que o objetivo desta pesquisa é estudar o uso do *tu* na comunidade e que as diferenças encontradas entre as duas rodadas devem-se principalmente à não-homogeneidade do *corpus* em relação aos contextos em que as gravações foram feitas, optamos por utilizar na análise a seguir apenas a rodada com todos os informantes.

Entre os fatores lingüísticos inicialmente considerados estavam: tipo de fala; tipo de referência; forma verbal; função sintática e tipo de relato. Somente o tipo de fala foi selecionado como estatisticamente relevante pelo programa.

Os dados sobre a função sintática do sintagma nominal que contém a referência à segunda pessoa encontram-se expostos acima; este grupo de fatores não foi selecionado como estatisticamente relevante para a escolha do pronome. A totalização dos dados sobre o tipo de relato revelou que 92.9% eram de *falas reais*; 3.8% de *falas relatadas próprias*; e 3.3% de *falas relatadas de terceiros*. Este grupo de fatores não foi selecionado pelo programa e, dado o baixíssimo número de falas relatadas de terceiros, não nos pareceu importante fazer uma análise detalhada destes dados.

Foram considerados sete grupos de fatores sociais, que incluem características inerentes ao informante – faixa etária; sexo e estilo; características do interlocutor – tipo de relacionamento; sexo e faixa etária; e, finalmente, o lugar onde ocorreu o diálogo.

As análises de outras línguas no Capítulo 1 desta dissertação e de variedades do português no Capítulo 2 demonstram que a variação na referência à segunda pessoa obedece principalmente a condicionamentos de ordem social. Assim, nossa expectativa era a de que a maior parte dos grupos de fatores com importância estatística para explicar o comportamento da variável referência à segunda pessoa estaria entre os fatores sociais e, de fato, foram selecionados cinco dos sete grupos codificados: sexo; faixa etária e estilo do falante; tipo de relacionamento com o interlocutor e sua faixa etária.

Nas seções seguintes são descritos e interpretados os resultados estatísticos de cada um dos fatores estudados, tanto os selecionados como os não selecionados como estatisticamente relevantes pelo programa GoldVarbX.

#### 4.1.1 Tipo de fala

Ao analisar os dados, foram isolados os seguintes tipos de fala: *conversa casual*, na qual estão incluídas as narrativas, argumentações e descrições sobre assuntos de interesse geral; *conversa profissional ou acadêmica*, na qual estão incluídas orientações e explicações sobre

assuntos relativos ao trabalho ou ao estudo dos interlocutores; *repreensões*; e *observações irônicas, deboches e brincadeiras*.

Um exemplo de conversa casual é reproduzido a seguir (JB: 26, sexo feminino, psicóloga e professora de dança; AC: 26, sexo feminino, funcionária pública):

- JB Eu tive certeza disso depois que ele separou.  
 AC Ele separou?  
 JB **CÊ** não sabia, não? [risos] Pensei que **TU** soubesse a novidade, A. Não é mais novidade, na verdade já tem mais de um mês.

As conversas profissionais ou acadêmicas ocorreram tanto nas gravações feitas no ambiente de trabalho dos informantes como em outros lugares, como é o caso do diálogo, reproduzido a seguir, entre FL (29, sexo feminino, funcionária pública) e sua irmã LL (22, estudante de arquitetura) durante o almoço em casa:

- FL Então **VOCÊ** teria na estrutura um pilarzinho pequeno e na ... e não embaixo da casa  
 LL E se na... ao redor da casa?  
 FL É o lugar mais provável para **VOCÊ** não ter viga. **VOCÊ** pode até ter balanços da dos dois lados da casa, mas pra **VOCÊ** não ter viga no meio da casa, **CÊ** vai procurar colocar na borda da casa. É essa a pergunta?  
 LL Não, mas pelo... eu... eu quero que eles tenham balanço nas laterais.

As repreensões foram tratadas em um fator separado porque observamos empiricamente que os falantes tendem a usar a forma plena *você* quando desejam expressar reprovação ou crítica. Um exemplo é a fala de AN (36, sexo feminino, publicitária e produtora de TV) com sua filha de um ano:

- AN Imagina quando **CÊ** tiver grande, grandinha, fazendo isso na mesa do restaurante, hein? Quando **VOCÊ** começar a falar, **VOCÊ** vai apanhar tanto! Ó!

A observação empírica do uso do *tu* em Brasília chamou nossa atenção para o fato de o pronome ser muito usado, em todas as faixas etárias estudadas, quando o falante deseja se expressar de forma irônica em relação ao seu interlocutor, quando deseja demonstrar que este se encontra em posição de inferioridade ou quando deseja debochar dele. Esses configuram

um dos usos típicos dos pronomes do tipo T. No *corpus* analisado neste trabalho foi possível encontrar vários casos de uso de *tu* neste contexto. Nos exemplos a seguir reproduzimos as falas de CS (26, sexo masculino, professor de educação física), GV (34, sexo masculino, funcionário público) e FD (17, sexo feminino, estudante de segundo grau):

- CS A., pega a calculadora e **TU** fica fazendo cálculo. Então, em vez de jogar, eu te dou a científica, eu tenho uma científica lá em casa...
- GV **CÊ** vai chegar lá, ela vai tá ... vai ... **TU** vai ver, o pau vai rolar!
- FD E **TU** mendigando o amor da menina, hein? E **TU** mendigando o amor da menina...

Nossa expectativa era de que as ironias/deboches/brincadeiras favorecessem o uso de *tu*, enquanto as conversas profissionais o desfavorecessem, já que um dos fatores considerados pelo falante na escolha pronominal é a formalidade não só da situação em que se encontra, mas também da formalidade que atribui ao tema sobre o qual fala. O único caso de uso do pronome *tu* em uma fala sobre assunto profissional é, na verdade, uma fala relatada de GA, 36, sexo masculino, dançarino:

- GA [...] E aí todo mundo ficou meio revoltado, porque onde eu fazia balé clássico, as pessoas falavam assim: não, pô, **TU** tem ... **VOCÊ** nasceu um bailarino maravilhoso, clássico, tem toda a postura, condições físicas pra isso [...]

Interessante notar a correção do próprio falante em relação à sua escolha pronominal: nem mesmo completa a sentença e logo muda para *você*.

Analisando os resultados gerais do informante GA, observa-se que há dois momentos muito distintos em sua fala: um longo trecho de conversa, que é praticamente um monólogo e do qual faz parte o exemplo citado acima, quando fala sobre sua trajetória profissional e sobre aspectos conceituais da dança; e o segundo bloco da gravação, no qual dialoga sobre assuntos de interesse geral.

Durante o primeiro trecho, o pronome mais utilizado por ele foi *você* em sua forma plena, com 78.3% das ocorrências; o segundo foi *cê*, 11.7%; depois a referência nula, 8.3%; e, por último, *tu*, com apenas uma ocorrência, que foi citada acima, que totaliza 1.7%. Um exemplo:

- GA Não, não tem essa dinâmica. Não tem aqui e não tem na Europa. Na Europa, se **VOCÊ** quer ver dinâmica, se **VOCÊ** quer ir atrás do conhecimento, **VOCÊ** tem que tá nos cursos livres. Porque o que **VOCÊ** encontra na academia é a teoria, e o conhecimento é a teoria junto com a prática, então isso **VOCÊ** só conhece quando **VOCÊ** visita o ateliê de um artista, faz uma residência com ele.

No segundo trecho da gravação, quando dialoga sobre outros assuntos que não sua profissão, os totais são muito diferentes: *você* cai para 34.3%; *cê* e *tu* aumentam para 47.1% e 10%, respectivamente; e a referência nula fica praticamente constante, com 8.6%. Um exemplo:

- GA Ela é uma figura, **CÊ** tinha que ver ela e a EC, as duas juntas tirando fotos lá no centro de dança, muito engraçado. Esse livro aqui é super bonito. Eu também gosto, mas é uma beleza que é feia né? Ao mesmo tempo que....
- JB É excêntrico né?
- GA Muito grosseiro, umas mulheres muito estranhas numa situação esquisita. Que que é isso menina? Quem é a fotógrafa, **CÊ** lembra?

Essas diferenças demonstram claramente a mudança de postura do falante em relação ao assunto sobre o qual fala, já que tudo o mais permaneceu constante: os dois trechos foram gravados sem interrupção, portanto no mesmo lugar, e falando com as mesmas pessoas. Quando fala sobre assunto profissional, não apenas o *tu* quase desaparece, como a variante mais usada é a mais formal entre as quatro observadas: *você*.

Da mesma forma que o falante adapta sua fala ao assunto profissional, ele também o faz quando deseja brincar com seu interlocutor. Como pode ser observado na Tabela 4.5 abaixo, e, confirmando nossas expectativas, 31,7% de todas as falas caracterizadas como irônicas, debochadas, piadas ou brincadeiras com o interlocutor foram feitas usando o pronome *tu*, número muito acima da média geral de uso deste pronome, que é de 12.8%. Este tipo de diálogo é bastante favorecedor do uso de *tu*, com peso relativo de 0.80, enquanto as conversas profissionais são altamente desfavorecedoras, com peso relativo de 0.17. O uso de *tu* nas conversas casuais foi muito próximo da média e seu peso relativo tende à neutralidade.

Quanto às repreensões, tipicamente um uso dos pronomes do tipo V, observamos uma tendência do falante a usar a variante mais formal considerada nesta pesquisa: *você*. Quando desdobramos os dados de *cê/você* observamos que neste tipo de fala, 37.2% ocorrem com *cê* e 58.1%, com *você*. Levantamos a hipótese que, neste caso, a opção pelo *você* se deva à

intenção do falante de se distanciar de seu interlocutor, reforçando o sentimento de desaprovação.

A diferença entre o maior e o menor peso relativo neste grupo de fatores, 0.80 e 0.17, é de 0.63, um número significativo que demonstra que esta variável é importante para explicar o comportamento da variável referência à segunda pessoa em Brasília.

*Tabela 4.5: Tipo de fala e frequência de tu*

<b>Tipo de fala</b>	<b>Frequência de tu</b>	<b>Peso relativo</b>
Ironia/Brincadeira n	31.7% 40/126	0.80
Conversa casual n	12.9% 72/558	0.56
Repreensão n	4.9% 2/41	0.34
Conversa profissional n	0.6% 1/175	0.17
Total	12.8% 115/900	

#### 4.1.2 Faixa etária do falante

Dividimos os dezoito informantes em três faixas etárias: de 13 a 19 anos; de 20 a 29 anos; e mais de 30 anos. Os critérios observados nessa divisão são: (1) a separação entre informantes adolescentes e adultos; (2) momento de inserção no mercado de trabalho; e (3) estabilidade profissional.

Não há um consenso geral sobre o momento em que um indivíduo passa de criança a adolescente ou de adolescente a adulto. Tampouco é simples distinguir em que ponto se pode considerar que a atividade profissional exercida por alguém representa uma característica estável; pode-se começar em outro campo profissional mesmo depois da aposentadoria. Considerando-se esses fatos e com o objetivo de manter objetiva a classificação etária dos informantes, adotamos ainda o critério de dividir as faixas etárias em décadas.

A decisão por esta divisão em faixas etárias foi feita antes de iniciarmos a coleta de dados, porém, ao considerarmos as pessoas que foram de fato informantes para esta pesquisa, temos um estreitamento das três faixas etárias: a primeira está representada, na realidade, por falantes entre 16 e 18 anos; a segunda, por falantes entre 25 e 29 anos; e a terceira, por falantes entre 33 e 42 anos.

Uma das hipóteses que orientou esta pesquisa foi a de que o uso de *tu* é mais freqüente nas faixas etárias mais jovens e, conforme os resultados expostos na Tabela 4.6 abaixo, essa hipótese foi confirmada.

O programa selecionou este grupo de fatores, o que significa que parte da variação estudada pode ser explicada pela idade do falante. Os pesos relativos foram graduais de acordo com a idade: 0.76 para a faixa etária de 13 a 19 anos; 0.56 para a de 20 a 29 anos; e 0.28 para a de mais de 30 anos. Assim, temos que o uso do *tu* é favorecido entre os mais jovens, tende à neutralidade na faixa etária intermediária e é desfavorecido entre os mais velhos. A diferença entre o maior e o menor peso relativo, que é de 0.48, indica que esta também é uma variável vigorosa para explicar o uso do *tu* em Brasília.

*Tabela 4.6: Faixa etária do falante e freqüência de tu*

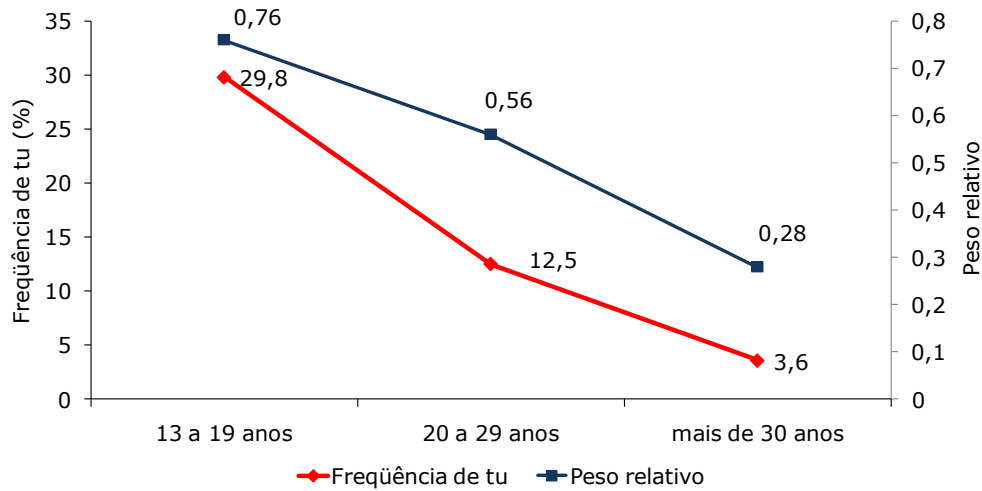
<b>Faixa etária</b>	<b>Freqüência de <i>tu</i></b>	<b>Peso relativo</b>
13 a 19 anos n	29.8% 51/171	0.76
20 a 29 anos n	12.5% 53/424	0.56
mais de 30 anos n	3.6% 11/305	0.28
Total	12.8% 115/900	

Os dados de freqüência podem ser mais bem visualizados no gráfico 4.1 abaixo, que mostra uma reta negativamente inclinada, isto é, os valores no eixo *x* são inversamente proporcionais aos valores no eixo *y*. Retomando os conceitos expostos no Capítulo 3 e esquematizados no Quadro 3.1 (p. 53), a variação *tu/você* tanto pode ser um caso de gradação etária como de



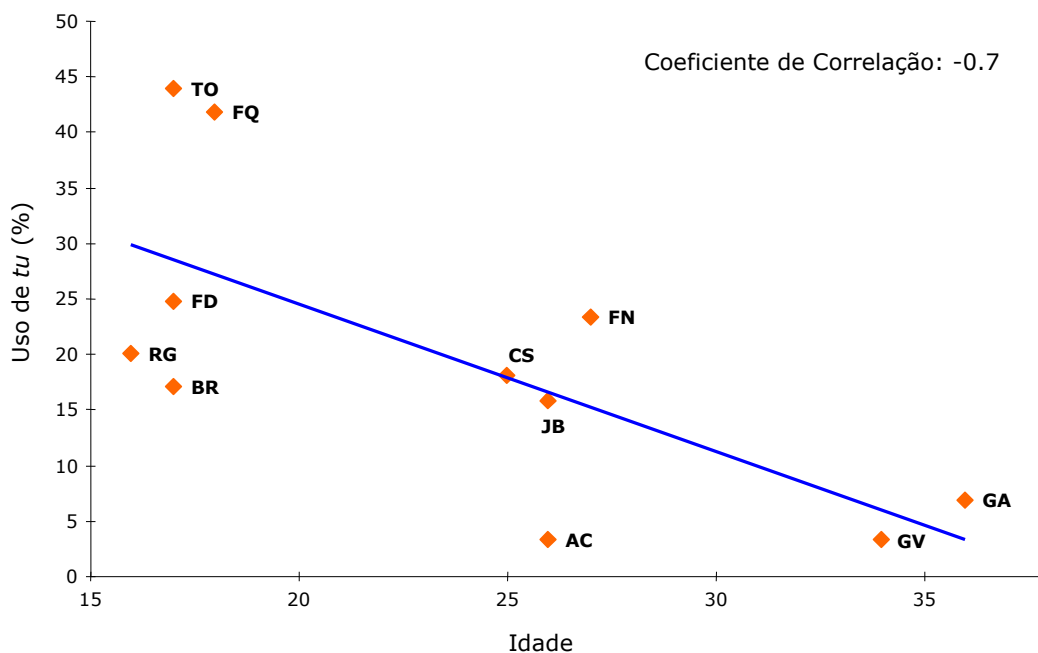
mudança geracional. A análise dos outros grupos de fatores considerados poderá esclarecer de qual tipo é a variação *tu/você* em Brasília.

Gráfico 4.1: Faixa etária do falante x Uso de *tu*



Conforme esperávamos, a faixa etária explica apenas parte da variação *tu/você*. Mesmo quando o coeficiente de correlação entre a idade e a frequência de uso do *tu* é calculado apenas com os 11 falantes que tiveram o uso de *tu* capturado no *corpus* em análise, este número é de -0.7, que, segundo Stevenson (1981), indica uma correlação moderada entre as duas variáveis. A correlação negativa indica que os dados estão inversamente correlacionados: quanto menor a idade, maior a frequência.

Gráfico 4.2: Correlação idade x Uso de *tu*



A frequência de uso de *tu* por informante foi:

Tabela 4.7: Frequência de *tu* por informante

Informante	Sexo	Idade	Ocupação	Frequência de <i>tu</i>
FD	F	17	estudante do 2º grau	24.7%
AT	F	17	estudante de 2º grau	-
BR	F	17	estudante de curso superior	17.1%
RG	M	16	estudante de 2º grau	20.0%
FQ	M	18	estudante de curso superior	41.7%
TO	M	17	estudante de curso superior	43.9%
AC	F	26	funcionária pública	3.2%
JB	F	26	professora de dança e psicóloga	15.8%
FL	F	29	funcionária pública	-
FN	M	27	bancário	23.3%
GS	M	29	funcionário público	-
CS	M	25	professor de educação física	18.1%
CD	F	35	funcionária pública	-
RC	F	42	funcionária pública	-
AN	F	36	publicitária e produtora de TV	-
GA	M	36	dançarino e coreógrafo	6.8%
GV	M	34	funcionário público	3.2%
AM	M	33	funcionário público	-

O Gráfico 4.2 na página anterior mostra a dispersão desses 11 informantes e uma reta de regressão das frequências. Como a reta indica, a variação com a idade é inegável, porém, se o único fator relevante fosse a idade, todos os pontos estariam sobre a reta. O fato de que nem todos os falantes usam o *tu* e a distância entre suas frequências de uso e a reta de regressão devem ser explicados por outros fatores.

Nossas observações empíricas indicavam que as faixas etárias estudadas usam o pronome *tu* de maneira diferente. Nas faixas etárias de 13 a 19 e de 20 a 29 anos encontramos o *tu* usado

tanto em brincadeiras como em conversas de interesse geral, abaixo alguns exemplos do segundo tipo de fala (todos falam com pessoas de sua própria faixa etária):

- 13 a 19 anos (FD: 17, sexo feminino, estudante de segundo grau; FQ: 18, sexo masculino, estudante de curso superior; BR: 17, sexo feminino, estudante de curso superior):

FD    É, eu tenho cera.  
 FQ    **TU** não passava, não? Quando **TU** tava com dread? Mas não é cera de dread, é outro tipo de cera.  
 FD    É cera modeladora.

BR    Quem fez a primeira? **TU** fez, aí se... a gente fez a segunda. A terceira, quem ganha?  
 FD    A gente ganha.

- 20 a 29 anos (CS: 25, sexo masculino, professor de educação física; JB: 26, sexo feminino, psicóloga e professora de dança; AC: 26, sexo feminino, funcionária pública):

CS    L., parabéns, viu, foi muito bonito, cara! Foi muito legal, foi muito legal mesmo! Bela dança! Eu pensei que **CÊ** não fosse aparecer, aí eu: caraca, velho, a Larissa não vai dançar e tal. Aí, fiquei olhando e de repente **TU** entra, meu Deus, furacão a mulher! **CÊ** dançou demais! **CÊ** dançou demais! A roupa tava linda!

JB    Zé, **TU** toca alguma coisa?  
 Zé    Vai rolar um show?

FN    Eu moro na 905, no edifício [...].  
 AC    Ah, **TU** tá ali? Tem várias amigas minhas morando ali...

Na faixa etária de mais de 30 anos, no entanto, o *tu* é muito mais usado em falas irônicas e em brincadeiras, como nos exemplos (GA: 36, sexo masculino, dançarino; GV: 34, sexo masculino, funcionário público):

GA    **TU** falou que ela era linda, maravilhosa, só porque a J. chegou **CÊ** tá mudando o discurso...  
 H    Que é isso, cara! A R. é linda, cara!

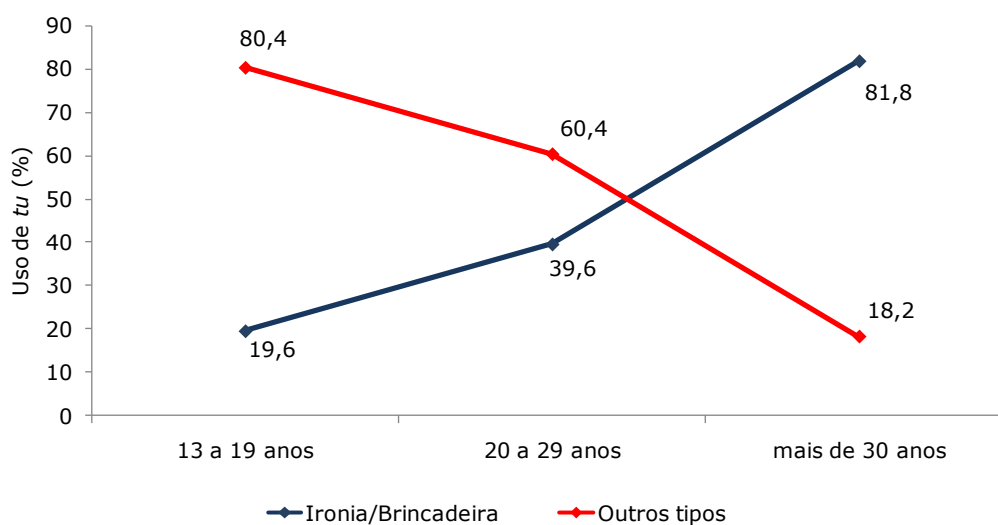
E    Tô saindo pra almoçar.  
 GV    O E. não almoça hoje, não! Todo dia **TU** quer almoçar, E.!

Uma das hipóteses que levantamos era de que os fatores condicionantes do uso de *tu* seriam diferentes nas três faixas etárias estudadas, cruzamos, então, as variáveis faixa etária e tipo de fala. Como pode ser observado na Tabela 4.8 e no Gráfico 4.3 abaixo, as frequências de uso de *tu* nas brincadeiras/ironias cresce à medida que elevamos a faixa etária, e o inverso acontece com os outros tipos de fala.

Tabela 4.8: Frequência de *tu* por faixa etária e tipo de diálogo

Tipo de fala	Faixa etária	13 a 19 anos	20 a 29 anos	Mais de 30 anos
Ironia/Brincadeira		19.6%	39.6%	81.8%
Outros tipos		80.4%	60.4%	18.2%

Gráfico 4.3: Frequência de *tu* x Faixa etária e Tipo de diálogo



Uma vez que nos outros tipos de fala estão as conversas casuais, que englobam os mais diversos assuntos e tipos de discurso: narrativas, argumentações, descrições; as conversas profissionais e as repreensões, constatamos que o uso do *tu* nas duas faixas etárias mais jovens é mais abrangente que na faixa etária de mais de 30 anos. Pode-se concluir que em um aspecto o pronome *tu* está sofrendo um processo de mudança: está passando de um uso altamente específico para usos em contextos mais variados.

### 4.1.3 Sexo do falante

Dos seis informantes em cada faixa etária analisada, três são do sexo masculino e três do sexo feminino. A amostra é formada, então, por nove homens e nove mulheres.

Em Brasília, as opções menos marcadas para referência à segunda pessoa são *cê* e *você*, segundo um dos critérios adotados por Givón (1995), que é a frequência de uso das variantes. Isso pode ser comprovado pela frequência geral de uso das quatro variantes estudadas e que estão expostas na Tabela 4.1 (p. 61). Além disso, o uso do pronome *tu* em Brasília não segue a concordância prescrita pelas gramáticas normativas, estando sujeito a uma relativa estigmatização, que foi comprovada com depoimentos de falantes brasilienses que, quando confrontados com o fato de usarem *tu*, afirmaram que “isso é feio” e que “falar assim é errado”. Levando esses dois fatos em consideração, tínhamos a expectativa de que o *tu* seria mais usado por falantes do sexo masculino, já que, segundo vários estudos sociolinguísticos, as mulheres tendem a usar as variantes de maior prestígio em suas comunidades. Levamos em consideração também os resultados encontrados por Lucca (2005: 83), que estudou falantes da faixa etária de 15 a 19 anos, e que aponta uma frequência de 78% de uso do *tu* entre os homens, contra 23% entre as mulheres.

O resultado geral que encontramos confirma a nossa hipótese. Conforme exposto na Tabela 4.9 abaixo, a frequência de uso de *tu* entre os falantes do sexo masculino é de 14.9%. As mulheres, por sua vez, o usam com frequência de 10.8%. Este grupo de fatores foi selecionado pelo programa, e o peso relativo atribuído ao sexo masculino foi de 0.60, indicando que há favorecimento do uso de *tu* por falantes homens; o sexo feminino teve peso relativo de 0.41, indicando desfavorecimento do uso desta variante. Quando calculamos a diferença entre os pesos relativos, temos 0.19. Este grupo de fatores, portanto, demonstra-se menos vigoroso para explicar o uso do *tu* que o tipo de fala e a faixa etária dos falantes.

Tabela 4.9: Sexo do falante e frequência de *tu*

<b>Sexo</b>	<b>Frequência de <i>tu</i></b>	<b>Peso relativo</b>
Masculino n	14.9% 65/436	0.60
Feminino n	10.8% 50/464	0.41
Total	12.8% 115/900	

Devemos considerar que neste resultado estão os dados conjuntos das três faixas etárias estudadas e que, como demonstrado anteriormente, o uso do pronome *tu* tende a ser diferente em cada uma delas. Verificamos, portanto, o resultado separado dos dois sexos nas três faixas etárias. O resultado encontra-se na Tabela 4.10 abaixo e demonstra, mais uma vez, que a maior diferença está na faixa etária de mais de 30 anos.

Tabela 4.10: Frequência de *tu* por sexo e faixa etária do falante

Faixa etária Sexo	13-19 anos	20-29 anos	Mais de 30 anos	Total
Masculino	41.5%	17.4%	5.1%	14.9%
n	27/65	27/155	11/216	65/436
Feminino	22.6%	9.7%	-	10.8%
n	24/106	26/269	0/89	50/464
Total	29.8%	12.5%	3.6%	12.8%
	51/171	53/424	11/305	115/900

Nenhum caso de uso do pronome *tu* foi gravado entre os informantes do sexo feminino de mais de 30 anos, apesar de termos presenciado diversas mulheres desta faixa etária usando o pronome. Anotamos algumas dessas ocorrências:

- VM (41, funcionária pública, contando um incidente no trânsito): O cara foi saindo pro eixo e me deu a maior cortada, eu acelerei do lado dele e virei: mas **TU** é mané, hein!
- DT (34, funcionária pública, contando a solução para enfrentar uma fila para matricular os filhos em determinado colégio): Aí a minha mãe falou pro meu irmão: **TU** vai ficar na fila a noite inteira e a D. vai lá só de manhã!

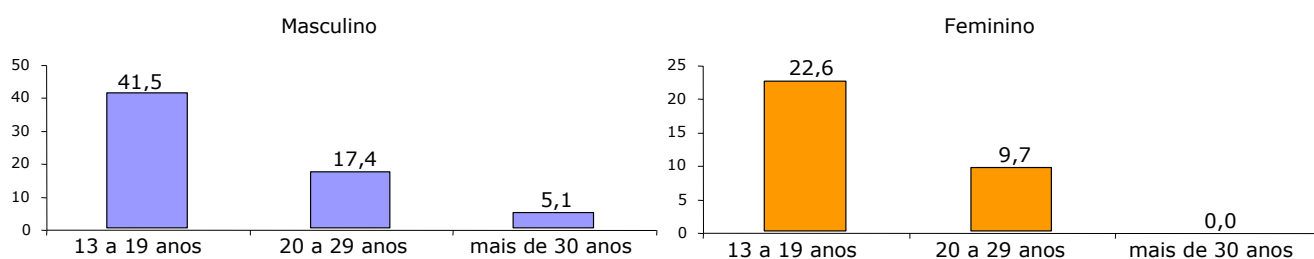
De maneira similar aos homens desta faixa etária, as mulheres tendem a usar o pronome *tu* em situações que não configuram uma conversa casual. Há, porém, uma diferença, enquanto os homens usam o *tu* em brincadeiras e deboches e realmente tratam o interlocutor por este pronome, as mulheres o usam mais para demonstrar desprezo, falta de respeito ou superioridade em relação ao seu interlocutor e o usam mais em falas relatadas, não em situações reais.

Ao compararmos o resultado apresentado para a faixa etária de 13 a 19 anos na Tabela 4.10 com os resultados obtidos por Lucca (2005), observamos que a frequência dos falantes do sexo feminino foi praticamente igual à encontrada em sua pesquisa. No caso dos falantes do sexo masculino, no entanto, nos deparamos com uma diferença muito grande: 78% em Lucca e 41.5% no *corpus* que obtivemos.

O *corpus* analisado por Lucca era composto, em grande parte, de gravações de conversas entre pessoas do mesmo sexo, predominantemente do sexo masculino, que não sabiam que estavam sendo gravadas. Como já mencionamos anteriormente, no *corpus* analisado na nossa pesquisa, as gravações nesta faixa etária foram feitas por uma informante do sexo feminino e, devido a esse fato, não contamos com nenhuma situação em que houvesse apenas rapazes conversando, o que, acreditamos, favoreceria mais o uso de *tu*, já que, conforme conclui Lucca (2005: 81), este pronome é utilizado por rapazes em Brasília como marca de solidariedade.

Analisando, ainda, a Tabela 4.10 acima, observa-se que nas faixas etárias de 13 a 19 anos e de 20 a 29 anos a diferença entre os dois sexos é bastante similar: em relação aos falantes masculinos, a frequência de uso de *tu* por falantes do sexo feminino é um pouco menos que a metade, 42% e 43%, respectivamente. Em relação ao sexo dos informantes separadamente, quando se analisam as diferenças entre as três faixas etárias estudadas, observa-se que a faixa etária intermediária – a de 20 a 29 anos – está mais próxima da de 13 a 19 anos que da de mais de 30 anos. Esse fato, que é mais bem visualizado no Gráfico 4.4 abaixo, pode indicar que estamos lidando com um caso de gradação etária, em que o uso do *tu* começa a diminuir no momento em que os falantes se inserem no mercado de trabalho e depois diminui mais drasticamente quando se estabilizam profissionalmente.

Gráfico 4.4: Faixa etária e sexo do falante x Uso de *tu*



#### 4.1.4 Estilo de vida do falante

Como foi exposto no capítulo anterior, o critério adotado para determinar o estilo de vida do falante foi a profissão que ele exerce. Foram considerados conservadores todos aqueles que ocupam cargos públicos, e alternativos os que trabalham como autônomos ou em empresas privadas. Apesar de este critério ser muito restrito, observando o mercado de trabalho em Brasília, pareceu-nos aceitável, uma vez que não desejávamos fazer um julgamento arbitrário caso a caso e tampouco tínhamos tempo para elaborar e testar a eficácia de um índice, a exemplo do que fizeram Sankoff (1978) e Cheshire (1982).

Trata-se da fala de brasilienses que moram no Plano Piloto, uma região relativamente homogênea em termos socioeconômicos e caracterizada como de classe média alta: a renda de 59.2% da população<sup>27</sup> é de mais dez salários mínimos. Um dos valores sociais de importância nessa comunidade é um emprego estável e bem remunerado. Na cidade, por ser a capital e a sede do Governo Federal, há grande oferta de cargos públicos que podem ser conseguidos por meio de concurso; 35.9% da população economicamente ativa é composta por funcionários públicos federais ou do Governo do Distrito Federal. Assim, é comum que jovens que terminam um curso superior comecem imediatamente a se preparar para prestar um concurso público.

Diante dessas estatísticas, quando alguém decide fazer escolhas profissionais que não incluem serviços governamentais, pode-se afirmar que essa pessoa, em relação à grande maioria da comunidade na qual se encontra inserida, está seguindo um caminho alternativo. Teremos sempre em mente que nesse grupo de pessoas, os funcionários públicos, há uma grande variedade de estilos de vida, como é o caso do diretor de teatro no capítulo anterior.

Excluimos dessa classificação os informantes que são da faixa etária de 13 a 19 anos, por ainda não estarem no mercado de trabalho. Essa decisão diminui o total de dados analisados de 900 para 729, apenas para os cálculos feitos para este grupo de fatores.

Entre os informantes da faixa etária de 20 a 29 anos, dois homens e uma mulher foram classificados como alternativos. Suas profissões são: (1) professor de educação física: trabalha

---

<sup>27</sup> As fontes dos dados socioeconômicos são os relatórios “Coletânea de Informações Socioeconômicas” das RAs I (Brasília), XVI (Lago Sul) e XVIII (Lago Norte) publicados em novembro/2006 pela Seplan, Secretaria de Estado de Planejamento, Coordenação e Parcerias do Distrito Federal, com base na Pesquisa Distrital por (cont.)



em uma academia e como preparador físico de equipes esportivas; (2) psicóloga e professora de dança: trabalha em uma clínica para crianças especiais onde dá aulas de dança para as crianças e faz atendimento psicológico de pais; e (3) bancário. Entre os informantes com mais de 30 anos, há dois com trajetória profissional alternativa: (1) um homem: dançarino e coreógrafo, cria e produz espetáculos e eventos ligados à dança e dá aulas; e (2) uma mulher: publicitária e produtora de programas de televisão.

Nossa hipótese era a de que as pessoas com estilo de vida alternativo usariam mais *tu* que aquelas com estilo de vida conservador e que este grupo de fatores tivesse significância estatística na escolha pronominal. Ao analisarmos os dados gerais nesse grupo de fatores, conforme a Tabela 4.11 abaixo, confirmamos nossa hipótese e vemos uma diferença forte entre alternativos, que usam *tu* com frequência de 15.6%, e conservadores, com frequência de 1.4%. Alternativos têm peso relativo de 0.73, favorecendo o uso de *tu*, e conservadores, peso relativo de 0.25, desfavorecendo o uso deste pronome. A diferença entre os pesos relativos, que é de 0.48, sugere que esta também é uma variável vigorosa para explicar o uso do *tu* em Brasília.

*Tabela 4.11: Estilo do falante e frequência de tu*

<b>Estilo de vida</b>	<b>Frequência de <i>tu</i></b>	<b>Peso relativo</b>
Alternativo n	15.6% 59/379	0.73
Conservador n	1.4% 5/350	0.25
Total	8.8% 64/729	

Devemos considerar, no entanto, que há um viés em nossa amostra, já que a faixa etária de mais de 30 anos, que usa menos o *tu*, ainda conta com um informante a mais na categoria conservadora, que também usa menos o *tu*. Assim, pode-se supor que se a amostra estivesse equilibrada, com três informantes alternativos e três conservadores em cada uma das faixas etárias, teríamos uma frequência maior de *tu* entre os conservadores, porém, dificilmente essa

freqüência seria tão maior a ponto de chegar muito próximo dos 15.6% dos alternativos. Além disso, não foi gravada nenhuma ocorrência de *tu* da informante do sexo feminino que tem estilo alternativo, que confessou ter ficado sempre muito consciente de que estava sendo gravada.

Dentro dos dois estilos de vida com informantes conservadores e alternativos, pode-se observar também a importância da aspiração social nas escolhas lingüísticas individuais. Tomemos dois indivíduos da mesma faixa etária e com o mesmo estilo: CS e FN, os dois do sexo masculino, com 25 e 27 anos, respectivamente, classificados como alternativos. O primeiro é professor de educação física e o segundo, bancário. Os dois têm atitudes opostas em relação à escolha profissional que fizeram.

O professor de educação física é muito dedicado e tem três empregos na área: trabalha em uma grande academia de ginástica da cidade, como preparador físico de um time esportivo profissional e de um time amador. O bancário, por sua vez, não é interessado em sua profissão, não deseja crescer nela e afirma que é provável que busque outra área, mas que ainda não sabe qual. Suas freqüências de uso de *tu* são 18.1%, para o professor de educação física, e 23.3%, para o bancário. Mesmo convivendo em ambientes profissionais muito opostos: a academia de ginástica descontraída e o banco austero, o professor usa 29% menos *tu* que o bancário.

Um outro caso é o de AC e FL, do sexo feminino, com 27 e 29 anos respectivamente. As duas são funcionárias públicas. FL ocupa um cargo com relativa importância no órgão do Governo Federal onde trabalha, já AC, apesar de ter prestado um concurso público, busca atualmente alguma maneira de exercer a profissão na qual se formou: a de psicóloga. Enquanto FL não tem nenhuma ocorrência de *tu* no *corpus*, AC usou o pronome em 3.2% das suas ocorrências de referência à segunda pessoa. Pode-se comparar também AC a JB (27, sexo feminino, psicóloga e professora de dança), que foram colegas de faculdade, mas que seguiram caminhos diferentes depois da formatura. A freqüência de uso de *tu* de JB, que tem estilo alternativo, é de 15.8%.

Na análise que fizemos acima não estamos correlacionando o uso do pronome *tu* em relação ao comprometimento profissional nem queremos dizer que este pronome é mais usado por pessoas que ainda não encontraram a opção à qual desejam se dedicar profissionalmente. JB, por exemplo, é uma profissional dedicada e que buscou unir profissionalmente suas duas

paixões, a dança e a psicologia. AC e FN se demonstram profissionais competentes, apesar de trabalharem em áreas pelas quais se interessam pouco. O que observamos aqui é uma tendência ao uso de *tu* pelos indivíduos que demonstram certo grau de não conformidade às regras sociais.

As freqüências de uso de *tu* de FL, AC e JB refletem o quanto sua linguagem se conforma aos padrões sociais estabelecidos pela classe média. Enquanto FL trilha caminhos conforme as expectativas de ascensão social em Brasília, AC é indecisa a esse respeito e JB fez escolhas que estão fora dessas expectativas e procura ativamente demonstrar seu grau de inconformidade, não só com sua fala, mas também com sua aparência e hábitos.

No caso de CS e FN, apesar de CS trabalhar em uma área na qual a informalidade é grande, tem alunos de várias idades e estilos, é importante, portanto, ter uma linguagem diversificada, adequando-se ao público que atende. FN, apesar de trabalhar com atendimento ao público, conversa muito pouco com as pessoas que atende, fala apenas de assuntos relativos a transações bancárias, usando, na maior parte das vezes, o jargão da área. Assim, enquanto CS, pela influência da prática profissional, se afasta da linguagem mais típica dos adolescentes e se aproxima do padrão, FN se mantém com uma linguagem mais característica dos mais jovens. Os dois, no entanto, apresentam uma linguagem muito diferente de GS, 29, funcionário público, que é o terceiro informante do sexo masculino desta faixa etária. GS, que não usa *tu* nem mesmo em um bar conversando descontraidamente com amigos do sexo masculino, ocupa um cargo bastante importante na autarquia federal em que trabalha e tem planos ambiciosos para o seu futuro profissional.

#### 4.1.5 Relacionamento com o interlocutor

No relacionamento com o interlocutor, foram codificados os seguintes tipos: *amigo íntimo*; *pessoa da família*; *amigo ou colega*; *conhecido*; *desconhecido*; e *todos*. Na análise inicial dos dados obtidos, observamos que poucos informantes haviam sido gravados em conversas com familiares, por essa razão juntamos os dados relativos a este tipo de relacionamento aos de *amigo íntimo*. No tipo *conhecido* estão as pessoas que os informantes acabaram de conhecer por intermédio de seus amigos íntimos ou amigos em reuniões sociais. Nos *desconhecidos* se encontram pessoas que atendem o público e em nosso *corpus* são principalmente garçons e

garçonetes; devido ao pouquíssimo número de dados neste tipo, estes foram agrupados aos dados de conhecidos. Os dados em *todos* se referem aos momentos em que o informante se dirigiu a mais de uma pessoa do grupo em que se encontrava. Analisando as ocorrências de *todos*, temos que este tipo é composto por: *amigo íntimo+amigo*; *amigo íntimo+conhecido*; ou *amigo íntimo+amigo+conhecido*.

Ao considerarmos que a variação *tu/você* pode obedecer aos condicionamentos que regem a variação entre pronomes T/V, este grupo de fatores é um dos mais importantes. Esperávamos que houvesse uma tendência muito clara favorecendo o uso de *tu* entre amigos íntimos e familiares, com um peso relativo significativamente diferente dos demais tipos de relacionamento observados.

Este grupo de fatores foi, de fato, selecionado pelo programa, conforme a Tabela 4.12 abaixo, demonstrando ter significância estatística para explicar a variação *tu/você*. O peso relativo de *amigo íntimo/familiar* foi de 0.60, favorecendo o uso de *tu* quando o falante se dirige a pessoas com quem tem este tipo de relacionamento. *Todos*, no qual está sempre incluído um amigo íntimo, também teve peso relativo de 0.60. *Amigo/colega* teve peso relativo 0.42, demonstrando leve desfavorecimento ao uso de *tu*. A categoria *conhecido* desfavorece o uso do pronome, com peso relativo de 0.30.

Tabela 4.12: Relacionamento com o interlocutor e frequência de *tu*

<b>Relacionamento</b>	<b>Frequência de <i>tu</i></b>	<b>Peso relativo</b>
Amigo íntimo/familiar n	17.1% 77/451	0.60
Todos n	20% 7/35	0.60
Amigo/colega n	9.5% 28/294	0.42
Conhecido n	2.5% 3/120	0.30
Total	12.8% 115/900	

Nos sete casos de *todos*, estão as seis ocorrências de *tu* como referência genérica e um caso em que não foi possível determinar a qual interlocutor o informante se dirigia. Dois dos três casos de *tu* com conhecidos são de brincadeiras; o terceiro é uma fala relatada.

Mesmo que as frequências médias demonstrem que o *tu* é mais usado com amigos íntimos ou familiares que com amigos ou colegas, 17.1 % contra 9.5%, esperávamos uma diferença maior entre os pesos relativos nessas duas categorias. Porém, analisando o universo observado, onde há pessoas que não incluem o *tu* em seu repertório lingüístico e no qual o uso deste pronome é a opção mais marcada, concluímos que o uso de *tu* é apenas uma das estratégias usadas pelos falantes para demonstrar, entre outras coisas, o tipo de relacionamento que mantêm com seus interlocutores. Além disso, como visto nas seções anteriores, outros grupos de fatores competem com o tipo de relacionamento quando o falante faz a escolha da forma de tratamento que deseja usar em cada ocasião e com diferentes interlocutores.

#### 4.1.6 Faixa etária do interlocutor

A faixa etária do interlocutor assumiu, nesta pesquisa, as classificações: *mesma faixa etária*; *mais velho*; *mais novo*; e *todos*. Como no caso do tipo de relacionamento, estão em *todos* os momentos em que o informante se dirigiu ao grupo e estes casos englobam *mesma faixa etária+mais velho* e *mesma faixa etária+mais novo*.

Esperávamos que os falantes preferissem o *tu* quando se dirigissem a pessoas de sua própria faixa etária, já que pessoas de mesma faixa etária costumam ser mais solidárias entre si que em relação a outras faixas etárias, e a solidariedade entre interlocutores é um dos fatores que condiciona o uso de pronomes que caracterizam maior intimidade, como é o caso do *tu*.

A Tabela 4.13 abaixo apresenta os resultados encontrados para este grupo de fatores. Como podemos observar, *tu* é mais usado entre falantes de mesma faixa etária, com peso relativo 0.56 e frequência um pouco maior que a média geral de uso de *tu*, confirmando nossa expectativa. O peso relativo de *todos* ficou acima do esperado, 0.66, superando o peso relativo de *mesma faixa etária*. Analisando os cinco casos temos que todas as ocorrências são da mesma falante em uma reunião em sua casa. Em duas ocorrências ela está narrando um

episódio cômico e nas outras três usa o *tu* como referência genérica. Os pesos relativos de *mais velho* e *mais novo*, 0.12 e 0.36, respectivamente, indicam que o uso de *tu* é fortemente desfavorecido com interlocutores mais velhos e é desfavorecido com interlocutores mais novos.

Tabela 4.13: Faixa etária do interlocutor e frequência de *tu*

<b>Faixa etária do interlocutor</b>	<b>Frequência de <i>tu</i></b>	<b>Peso relativo</b>
Todos	10.9%	0.66
N	5/46	
Mesma faixa etária	14.9%	0.56
N	103/692	
Mais novo	5.7%	0.36
N	5/87	
Mais velho	2.7%	0.12
N	2/75	
Total	12.8%	
	115/900	

Não podemos deixar de ressaltar, no entanto, que há certa sobreposição entre este grupo de fatores, o grupo de tipos de relacionamento, discutido anteriormente, e o grupo de sexo do interlocutor, apresentado a seguir. Os amigos íntimos são, em sua maioria, pessoas da mesma faixa etária e do mesmo sexo do informante.

Não poderíamos, porém, deixar de controlar qualquer desses grupos, pois encontramos casos como o de JB (27, sexo feminino, psicóloga e professora de dança) e GA (36, sexo masculino, dançarino), que são amigos íntimos de muitos anos. O tratamento que dão um ao outro pode ser exemplificado nos trechos de diálogo a seguir:

- GA Ô, J., mas agora **TU** tá na cerveja? Cara, **TU** vai é ter um troço!  
 JB É porque a L. quis tomar um gole de cerveja, daí eu botei um pouco no meu copo e um pouco no dela. Agora vou tomar.
- GA E aí P., é o seguinte, **CÊ** tem que levar em consideração que eu e a J., quantas caipirinhas a gente já tomou?  
 JB Duas só, mas um copo de cerveja, eu. Segunda? Terceira? É terceira.  
 GA **CÊ** tá pior que eu, não tá conseguindo nem contar quantas **CÊ** já bebeu.

- JB É terceira, que aí ele encheu de novo a do ZP, aí ele fez uma...
- GA Eu sou o mais velho aqui?
- JB Não, ele é mais velho que *VOCÊ*.
- H Ele tem trinta e sete.
- GA Um ano então.
- JB **CÊ** tem trinta e seis? Tá velho, hein? **TU** tá velho, hein? Quem é o mais novo aqui?
- J2 Sou eu.
- GA O tempo passa, né.

Como se pode observar, os dois usam tanto *tu* como *cê/você* entre si. Apesar de estarem em faixas etárias diferentes em nossa classificação, a diferença de idade entre eles, que é de apenas nove anos, não foi o fator determinante na escolha pronominal. O alto grau de intimidade de seu relacionamento é que faz com que usem com frequência o pronome *tu*. Pode-se conjecturar como seria o tratamento entre eles se, apesar de tão íntimos, a diferença de idade fosse muito maior. Será que ainda assim usariam *tu* entre si, especialmente o mais novo em relação ao mais velho?

Não foi possível controlarmos o contexto de gravação de cada um dos informantes, como seria o ideal, com cada um deles tendo como interlocutores representantes de todos, ou pelo menos da maioria, dos fatores controlados. Temos casos em que os informantes falaram apenas com pessoas do mesmo sexo e da mesma faixa etária; casos em que as únicas pessoas íntimas com que falaram eram as da família e assim por diante. Usamos as gravações que nos foram fornecidas pelos informantes sem interferir no contexto em que foram feitas. Assim, uma vez que no *corpus* desta pesquisa não há casos como de amigos íntimos com grande diferença de idade, não é possível responder à pergunta. Porém, uma ampliação do *corpus* a ser estudado poderia esclarecer a questão.

#### 4.1.7 Sexo do interlocutor

Inicialmente codificamos o sexo do interlocutor como *feminino*; *masculino*; ou *todos* (quando o informante se dirige a um grupo com pessoas dos dois sexos). Esperávamos que o pronome *tu* fosse mais usado pelos falantes, tanto homens quanto mulheres, com pessoas do sexo

masculino, mas que este grupo de fatores não fosse estatisticamente significativo para explicar a variação *tu/você*.

O programa realmente não selecionou este grupo de fatores, porém, conforme disposto na Tabela 4.14 abaixo, nossas expectativas de que o *tu* seria mais usado com homens não se confirmou. Em 14.2% das vezes o *tu* foi usado com mulheres, contra 11.2% com homens. Observamos, então, os pesos relativos não selecionados calculados pelo programa, que também estão dispostos na Tabela 4.14 abaixo. Vemos que, embora a frequência sugira o contrário, os pesos relativos indicam que um interlocutor do sexo masculino favorece o uso de *tu*, enquanto um interlocutor do sexo feminino desfavorece o uso deste pronome.

Tabela 4.14: Sexo do interlocutor (feminino ou masculino) e frequência de *tu*

<b>Sexo do interlocutor</b>	<b>Frequência de <i>tu</i></b>	<b>Peso relativo</b>
Masculino	11.2%	0.53
n	50/448	
Feminino	14.2%	0.48
n	60/423	
Todos	17.2%	0.39
n	5/29	
<hr/>		
Total	12.8	
	115/900	

Buscando, então, uma explicação para o fato de haver maior frequência de mulheres sendo tratadas por *tu* que homens, analisamos a composição de nosso *corpus* e as circunstâncias em que as gravações ocorreram. Conforme expusemos anteriormente, dispomos de gravações feitas somente entre mulheres, mas não de gravações somente com homens. Em duas das gravações em que havia representantes dos dois sexos e em que o *tu* foi usado, havia apenas um informante do sexo masculino em um grupo com mais de uma mulher. Temos, então, um enviesamento no *corpus*: os informantes do sexo masculino que têm *tu* em seu repertório tiveram como interlocutores mais pessoas do sexo feminino.

Esse fato foi comprovado quando recodificamos os dados e, ao invés de classificar o interlocutor como do sexo feminino ou masculino, classificamos como do mesmo sexo ou do



sexo oposto ao do falante. Na Tabela 4.15 abaixo estão os resultados dessa recodificação e, de fato, o *tu*, que é mais usado pelos homens, como visto anteriormente, é mais usado com interlocutores do sexo oposto: 19.6% contra 7.7%, indicando que em nosso *corpus*, entre os falantes que usam *tu*, há maior número de dados de homens falando com mulheres.

Tabela 4.15: Sexo do interlocutor (mesmo ou oposto) e frequência de *tu*

<b>Sexo do interlocutor</b>	<b>Frequência de <i>tu</i></b>
Mesmo n	7.7% 39/509
Oposto n	19.6% 71/362
Todos n	17.2% 5/29
Total	12.8 115/900

#### 4.1.8 Lugar do diálogo

Este grupo de fatores foi codificado como um fator de controle e os lugares em que ocorreram os diálogos utilizados em nosso *corpus* foram: a casa do informante; casas de amigos; o trabalho; e lugares públicos. Entre os lugares públicos estão bares, uma pizzaria, um café, lanchonetes e uma praça de alimentação de um centro comercial.

Nossa expectativa era de que o *tu* seria mais usado em casa e em lugares públicos. Esperávamos que no ambiente de trabalho este pronome fosse pouco usado e que em casa de amigos os informantes se comportariam de maneira um pouco mais formal que em suas próprias casas. Não esperávamos, no entanto, que este fosse um dos grupos de fatores selecionados para explicar o comportamento da variável.

As expectativas foram parcialmente confirmadas; o programa não selecionou este grupo de fatores, e, como pode ser visto na Tabela 4.16 abaixo, o *tu* quase não é usado no trabalho, porém, é muito mais usado em lugares públicos e a frequência de uso de *tu* em casas de

amigos é ligeiramente maior que quando os informantes estão em suas próprias casas. O que as gravações em lugares públicos e em casas de amigos têm em comum é o fato de que ocorreram quando um grupo de amigos se reuniu para interagir socialmente, o que normalmente cria uma atmosfera de informalidade e camaradagem. Podemos observar pela análise dos pesos relativos para os fatores neste grupo que, à medida que o programa ia incluindo as outras variáveis codificadas, os pesos relativos iam ficando cada vez mais homogêneos e que por isso foram descartados como estatisticamente significativos. No entanto, conforme a Tabela 4.16 abaixo, os pesos relativos não selecionados demonstram que, apesar de perder a relevância quando analisados em conjunto com as outras variáveis, a casa do falante e os lugares públicos favorecem o uso de *tu*, enquanto a casa de amigos e o trabalho desfavorecem.

*Tabela 4.16: Lugar do diálogo e frequência de tu*

<b>Lugar do diálogo</b>	<b>Frequência de <i>tu</i></b>	<b>Peso relativo</b>
Lugar público n	19.4% 72/372	0.52
Casa de amigos n	11.5% 25/217	0.48
Casa n	10.9% 14/128	0.58
Trabalho n	2.2% 4/183	0.43
Total	12.8% 115/900	

Concluimos, então, que não é exatamente o lugar onde acontece o diálogo que importa para a seleção do pronome, mas é a maneira como as pessoas interagem nesses ambientes que é relevante. Quando as pessoas estão em casa conversando com familiares em ocasiões rotineiras, o uso do *tu* é menos favorecido que quando se reúnem com amigos, seja em casa, casa de amigos ou lugares públicos.

#### 4.1.9 Tipo de referência

Os tipos de referência codificados foram: *específica*, quando falante usou a referência à segunda pessoa para designar seu interlocutor; e *genérica*, quando o falante usou a referência à segunda pessoa para designar qualquer pessoa.

A expectativa era de que este grupo de fatores fosse estatisticamente significativo para a seleção pronominal. Esperávamos que a referência genérica desfavorecesse o uso de *tu* e que a referência específica tivesse efeito neutro.

Esse grupo de fatores, no entanto, não foi selecionado pelo programa, contrariando nossa expectativa. Porém, ao analisarmos a frequência de uso dos pronomes (Tabela 4.17 abaixo), observamos que o uso de *tu* cai de 14.8% nos casos de referência específica para apenas 3.7% nas referências genéricas.

Tabela 4.17: Tipo de referência e frequência de *tu* e *cê/você*

<b>Tipo de referência</b>	<b>Tu</b>	<b>Cê/Você</b>
Específica	14.8%	85.2%
n	109/737	628/737
Genérica	3.7%	96.3%
n	6/163	157/163
<b>Total</b>	<b>12.8%</b>	<b>87.2%</b>
	115/900	785/900

Quando usado como referência genérica, o *tu* tende a acontecer em diálogos com um tom de brincadeira, como exemplificado com uma fala de FQ, 18, sexo masculino, estudante de curso superior:

FQ     Aonde, véi! **TU** olha pra cara da bicha assim, tá ligado, aonde? Cicarelli? Cicarelli quem? Tá ligado? Quem é **VOCÊ**? Mas a bicha parece uma songa monga falando, véi!

Podemos concluir, portanto, que este grupo de fatores não tem relevância estatística quando considerado juntamente com os demais grupos, já que parece haver certa sobreposição com o tipo de diálogo. Para comprovar esse fato, tomamos apenas os 115 casos de *tu* do *corpus*

analisado e calculamos a frequência em cada um dos tipos de fala. O resultado está na Tabela 4.18 abaixo; como se pode ver, o *tu* como referência genérica é usado praticamente apenas nas conversas casuais. Pode-se afirmar que há, de maneira geral, uma preferência do falante em usar as variantes *cê* e *você* em casos de referência genérica.

Tabela 4.18: Frequência de *tu* por tipo de referência e tipo de fala

<b>Tipo de referência</b> <b>Tipo de fala</b>	<b>Específica</b>	<b>Genérica</b>
Conversa casual	58.3%	4.3%
Ironia/Brincadeira	33.9%	0.9%
Repreensão	1.7%	0%
Conversa profissional	0.9%	0%

#### 4.1.10 Formas verbais

No grupo de fatores formas verbais foram agrupados modo, tempo e formas nominais do verbo. Os tempos presente e pretérito imperfeito englobam tanto as formas indicativas como as formas compostas por estar+gerúndio. O futuro e o futuro do pretérito englobam a forma sintética e a perífrase com *ir*. Todos os tempos do subjuntivo foram agrupados em um só fator. Controlamos também as formas no pretérito perfeito, no gerúndio e no infinitivo.

Não havia expectativa de que este grupo de fatores seria significativo na escolha do pronome pelo falante, porém, foi controlado para verificar se seria confirmada. De fato, o programa não selecionou este grupo de fatores.

Conforme disposto na Tabela 4.19 abaixo, algumas das formas verbais controladas apresentaram poucos dados no *corpus*, desse modo não foi possível fazer uma análise consistente do efeito dessas formas na escolha pronominal.

A frequência de uso de *tu* na primeira e na terceira formas mais usadas – o presente e o futuro, respectivamente – foi de 12.3% nos dois casos, muito próxima de 12.8%, a média geral de uso de *tu*, revelando que essas formas têm efeito neutro na seleção do pronome. A segunda forma verbal mais usada – o pretérito perfeito – apresenta frequência um pouco maior que a média: 16.2%, demonstrando um leve favorecimento ao uso do pronome *tu* com este tempo verbal.

Tabela 4.19: Formas verbais e frequência de *tu* e *cê/você*

Forma verbal		<i>Tu</i>	<i>Cê/Você</i>
Indicativo 90.6%	Presente 54.1%	12.3% 58/471	87.7% 413/471
	Pretérito perfeito 24.8%	16.2% 35/216	83.8% 181/216
	Futuro 7.5%	12.3% 8/65	87.7% 57/65
	Pretérito imperfeito 3.6%	9.7% 3/31	90.3% 28/31
	Futuro do pretérito 0.6%	20% 1/5	80% 4/5
Infinitivo 5.1%	4.4% 2/45	95.6% 43/45	
Subjuntivo 3.6%	9.4% 3/32	90.6% 29/32	
Gerúndio 0.7%	50% 3/6	50% 3/6	
Total		12.8% 113/871	87.2% 758/871

## 4.2 Conclusão

Analizamos neste capítulo os resultados estatísticos do *corpus* coletado para esta pesquisa com vistas a explicar o uso do *tu* na região de Brasília estudada. Tínhamos em mente que em Brasília o uso das variantes de referência à segunda pessoa *cê* e *você* contavam com uma frequência maior que *tu* de forma geral, mas que, comparando-se diferentes faixas etárias de

falantes, haveria um aumento de uso de *tu* entre os mais jovens. Uma das questões que buscamos responder nesta dissertação é por que o falante brasiliense usa o *tu* quando tem à sua disposição opções, incluindo-se *o senhor*, que cumprem os papéis comumente atribuídos a pronomes do tipo T/V: ou seja, estabelecimento de distância, de graus de intimidade e de respeito.

Em nosso *corpus* não há nenhuma ocorrência de *o senhor*, mesmo nos casos em que os informantes se dirigiram a seus pais e pessoas hierarquicamente superiores no trabalho. O trabalho de Azevedo (1981) no Sudeste do Brasil, discutido na página 33 desta dissertação, aponta para o fato de que muitas das circunstâncias que seriam reservadas para *o senhor* dez anos antes estavam agora ocorrendo com *você*. Uma das explicações para o aumento da frequência de uso de *tu* em Brasília seria a de que este vem tomar um espaço deixado por *você*, que passa a ser usado em situações não só de formalidade, como de distanciamento. Esta poderia ser uma segunda etapa desta pesquisa: coletar um novo *corpus* para testar as frequências de uso de *o senhor* e comparar as diferenças de uso entre falantes que têm e os que não têm o *tu* em seu repertório lingüístico.

No *corpus* coletado para esta dissertação, comprovamos que o pronome *tu* ocorre na fala de pessoas dos dois sexos e de todas as faixas etárias, mas que é mais freqüente entre falantes do sexo masculino mais jovens, comprovando o resultado encontrado por Lucca (2005) e similar ao que ocorre no Rio de Janeiro, segundo o estudo de Paredes Silva (2003). Com relação à idade dos interlocutores, na região de Brasília estudada, o uso de *tu* é mais comum entre falantes da mesma faixa etária.

A maior frequência de uso de *tu* entre falantes do sexo masculino é o oposto ao encontrado em Santa Catarina e Rio Grande do Sul por Hausen (2000) e Loregian-Penkall (2004), onde, de maneira geral, as mulheres usam mais *tu* que os homens. Comparando-se as variantes mais comuns, *tu* conta com falantes categóricos nos dois estados do Sul do Brasil; em Brasília encontram-se falantes categóricos de *você*, mas não falantes categóricos de *tu*. Especialmente no Rio Grande do Sul, o *tu* é usado como marca de identidade regional. As mulheres do Sul e de Brasília não têm, na verdade, comportamento diferente, porém, elas demonstram nos dois casos uma maior aproximação do padrão de prestígio, ou das variantes menos marcadas, das comunidades que compõem.

Os tipos de conversa que favorecem o uso de *tu* são as brincadeiras, deboches, observações irônicas a respeito do interlocutor e demonstrações de desrespeito, indicando que ainda tem eco em Brasília, principalmente na faixa etária de mais de 30 anos, a observação de Nascentes de 1949, já mencionada na página 33, de que os brasileiros acham o *tu* bruto e que o usam para ofender. Esse resultado também é condizente com a atitude de falantes de Fortaleza em relação ao uso deste pronome no estudo de Soares (1980). Encontramos em Brasília um *tu* que não chega a ser bruto, mas que tende a ser usado em situações em que o falante deseja expressar um grau máximo de intimidade com seu interlocutor ou desrespeito.

O tipo de relacionamento que mais favorece o uso de *tu* é o de amigo íntimo ou familiar, similar ao que ocorre em Recife segundo a pesquisa de Sette (1980) e ao resultado encontrado por Lucca (2005).

Em nossa pesquisa constatamos ainda a importância da conformidade individual aos padrões sociais estabelecidos para o uso de variantes que não compõem o dialeto legitimizado, como é o caso do *tu* em Brasília. Acreditamos que, em alguns casos, o *tu* faz parte das estratégias linguísticas usadas pelo falante para o estabelecimento de sua identidade, principalmente quando quer enfatizar o quanto se afasta dos padrões mais comuns da comunidade em que está inserido. Um bom exemplo desse tipo de estratégia é a fala de JB (27, sexo feminino, psicóloga e professora de dança) em que ensina a dois homens uma maneira de se beber cachaça, bebida que recentemente tem adquirido um *status* mais sofisticado que o que tinha há alguns anos, mas que ainda é comumente associada ao sexo masculino:

- |    |   |
|----|---|
| JB | Isso aí é um caju-amigo versão C.   |
| H  | Já é um caju-amigo de paulista.   |
| JB | É, de paulista. O caju-amigo do brasiliense é um copo de cachaça e um copo de caju concentrado. Aí <b>TU</b> toma um, toma o outro... |
| H  | Não gostei do caju-amigo, cara.   |

Assim como o conteúdo de sua fala, o uso do pronome *tu* pela falante ajuda a identificá-la como uma pessoa que tem hábitos e participa de atividades que não são comuns a outros integrantes da sua comunidade, que, de outras maneiras, poderiam ser muito semelhantes a ela: mulheres brasilienses que moram no Plano Piloto e têm 20 e poucos anos.

Analisando individualmente os integrantes da faixa etária dos 20 aos 29 anos, podemos observar que a frequência de uso de *tu* de JB, 15.8%, se aproxima das frequências dos dois

homens de sua faixa etária que possuem o *tu* em seu repertório, 18.1% e 23.3%, ficando muito distante da outra mulher desta faixa etária que também usa o *tu*, 3.2%. Não é somente neste aspecto que JB se destaca como uma integrante da comunidade que não tem atitudes em conformidade com os valores estabelecidos por ela. Suas atitudes são, inclusive, objeto da seguinte observação por parte de uma amiga íntima:

- JB A M. de Belo Horizonte tá aqui, eu vou ligar pra ela e ver se ela quer vir.  
 AC Quem é M. de Belo Horizonte?  
 JB É a ex-namorada do C.  
 AC J, **CÊ** é muito moderna pro meu gosto! [...] J, **CÊ** é muito moderna! Por que **CÊ** é tão moderna assim?  
 JB Cara, mas a M. é muito fera, cara, **CÊ** não sabe o tanto. Eu fui passar o Natal em Belo horizonte, lembra? Fiquei na casa dela!  
 AC **CÊ** não tem ciúme, né?

Ao se aproximar da linguagem mais masculina no uso do *tu*, JB provoca em seus interlocutores um reconhecimento imediato do quanto se afasta dos valores que se esperaria que observasse, tomando-se como base sua idade, sexo e classe social. Para explicar seu comportamento lingüístico tomamos partido justamente da sua não adesão a esses valores.



## Conclusão

Nesta dissertação vimos que os pronomes de referência à segunda pessoa, ou pronomes T/V, na terminologia proposta por Brown e Gilman, possuem condicionamentos diversos quando se analisam línguas diferentes.

No Capítulo 1 foram analisadas algumas línguas a respeito de como seus falantes usam os pronomes T/V, são elas: francês, alemão, sueco, russo, espanhol ibérico, espanhol americano e algumas variedades do inglês. Entre os condicionamentos que encontramos nessas línguas estão as dimensões de poder e solidariedade, originalmente estudadas por Brown e Gilman, e também outras dimensões de caráter social, ideológico e psicológico, tais como faixa etária e classe social do falante e de seu interlocutor, contexto em que se dá o diálogo, *status* profissional relativo ao interlocutor, intimidade, parentesco, graus de respeito, diferentes níveis de solidariedade emocional e psicológica.

No Capítulo 1 observamos em duas línguas, o sueco e o inglês, as maneiras encontradas pelos falantes para preencher vazios nas referências à segunda pessoa de seus paradigmas pronominais. Os falantes do sueco voltaram a utilizar como variante mais formal um pronome que estava caindo em desuso por causa da carga pejorativa que carregava. Os falantes do inglês usam uma variedade de expressões nominais e mecanismos de pluralização para preencher a falta de um pronome de segunda pessoa no plural e a falta de uma variante não marcada que possa indicar diferentes contextos de relacionamentos.

No Capítulo 2 vimos os usos dos pronomes e formas de tratamento em algumas variedades do português. No português europeu constatamos um uso muito mais abrangente de *tu* que de *você*. É comum também a ‘tática de esquiva’, em que o falante não usa um pronome e mantém o verbo com a conjugação da terceira pessoa. Essa tática faz com que o falante possa evitar a escolha de um pronome e, assim, evita o uso do íntimo *tu*, do mais distante *o senhor*, ou do *você*. Este último também apresenta para o falante a incerteza quanto ao seu *status* para o interlocutor, já que em algumas regiões de Portugal *você* tem valor pejorativo. A forma não marcada para interlocutores que não têm intimidade ou que acabaram de se conhecer é *o senhor*.

A tática de esquiva, que chamamos de referência nula, não foi objeto de estudo nesta pesquisa, mas encontramos alguns casos interessantes em nosso *corpus*, como o da filha que

usa a variante nula para se dirigir à mãe, evitando a variante mais íntima encontrada em seu repertório lingüístico, *cê*, e, ao mesmo tempo, evitando a distância que o uso de *o senhor* provocaria:

FL     Ø vai fazer feijoada, mãe?  
Mãe    Não sei. Você pega água pra mim, por favor?

Ou o falante que se dirige a seu colega de trabalho e que usa *cê* quando fala de assuntos relativos ao trabalho, mas usa a variante nula quando faz perguntas de caráter mais pessoal, provocando, assim, uma mudança em seu discurso e adequando-se ao tema tratado:

AM     Fala, chefe, Ø tá tranqüilo? Ø tá aonde? Ø chega em quanto tempo? Dez minutos, né? Não, é que tinha que ir numa reunião aqui sobre [...] que eu tô fazendo ... Tranqüilo, eu ia falar contigo, **CÊ** tava no telefone. É sobre o ... sobre ... era um assunto da ... daquela circular.

A respeito do uso de *tu*, *você* e *o senhor*, encontramos no português brasileiro, de forma geral, um pronome não marcado *você*; uma forma mais formal e marcada *o senhor*; e um pronome *tu* que é usado em situações de extrema intimidade.

A fim de estudar o uso do *tu* no português brasileiro, revisamos no Capítulo 3 alguns conceitos importantes da sociolingüística, tais como os estudos em tempo aparente, o uso social da variação e a importância do uso da língua legítima em alguns contextos profissionais.

Retomamos as hipóteses mencionadas na introdução a esta dissertação sobre o uso do *tu* no português brasileiro:

1. o uso do pronome *tu* é tão mais freqüente quanto mais jovem o falante; se a hipótese for confirmada, deseja-se verificar se é o caso de mudança em curso ou de gradação etária;
2. os fatores que condicionam o uso do *tu* são diferentes em cada uma das faixas etárias estudadas:
  - a) nas faixas etárias mais jovens o pronome *tu* é usado com condicionamento típico dos pronomes do tipo T/V, segundo terminologia sugerida por Brown e Gilman (1960);
  - b) na faixa etária com mais de 30 anos de idade, especialmente no caso das mulheres, o uso do pronome *tu* é usado para expressar desrespeito;
3. a freqüência de uso do *tu* está relacionada ao estilo de vida do falante; considerando-se os extremos alternativo/conservador, os falantes alternativos usam mais o *tu* que os conservadores.

Comparando essas hipóteses com os resultados demonstrados no Capítulo 4, podemos afirmar que a hipótese 1 foi confirmada: os falantes mais jovens de Brasília usam mais *tu* que os falantes mais velhos. A respeito do tipo de variação, encontramos evidências tanto de que se trata de uma mudança em curso como de gradação etária.

Quando observamos a frequência de uso de *tu* de forma geral, temos uma gradação etária: os falantes tendem a usar menos este pronome à medida que se inserem no mercado de trabalho e desenvolvem tipos diferentes de relacionamentos.

A variação de *tu* com *cê* e *você* é também uma mudança em curso quando analisamos os contextos em que o *tu* é usado. O uso deste pronome se ampliou e está passando de uma variante muito especializada – a que se usa em brincadeiras, deboches e ironias – para uma variante com usos mais gerais – além dos usos em brincadeiras, torna-se também a do uso íntimo e solidário.

Comprovamos a hipótese 2a: os fatores que condicionam a variação nas faixas etárias de 13 a 19 anos e de 20 a 29 anos indicam que o pronome *tu* é mais usado em relacionamentos íntimos e solidários. A hipótese 2b foi parcialmente confirmada: pode-se afirmar, com base em observações participantes, já que não capturamos nas gravações, que as mulheres de mais de 30 anos usam o *tu* especialmente para expressar desrespeito com o seu interlocutor. Esperávamos, no entanto, que os homens da faixa etária de mais de 30 anos usassem o *tu* também para o tratamento íntimo e solidário, assim como os informantes das outras faixas etárias. Observamos que, apesar de usarem *tu* com mais frequência que as mulheres desta faixa etária, os homens também usam este pronome principalmente como forma de fazer brincadeiras com seu interlocutor ou de demonstrar desrespeito.

A hipótese 3 também foi confirmada: as pessoas com estilo de vida alternativo usam mais *tu* que as pessoas com estilo de vida conservador, indicando que o pronome *tu* é uma das estratégias lingüísticas que podem ser usadas para revelar o grau de adesão dos falantes aos valores sociais mais aceitos na comunidade da qual fazem parte.

É interessante observar que o que Paredes Silva chamou de “retorno do pronome *tu*” acontece também em Brasília, não como um retorno, mas como parte do processo de focalização pelo qual passa o dialeto brasiliense. Assim como acontece no sueco e no inglês, o crescimento no

uso do *tu* pelos brasilienses vem preencher importantes funções que, para alguns falantes, já não estavam sendo propriamente cumpridas pelas variantes *cê* e *você*.

Ao descrevermos o uso do pronome *tu* no português falado em Brasília, comprovamos que este pronome faz parte do repertório lingüístico desta comunidade e que é usado pelo falante, em oposição às variantes *cê* e *você*, para indicar diferentes graus de intimidade e de respeito em relação a seus interlocutores. No entanto, nem todos os brasilienses têm o *tu* em seu repertório; o estudo aprofundado de outras variantes – *cê*, *você*, *o senhor* e a referência nula – poderá esclarecer quais as funções desempenhadas por cada uma delas na caracterização dos diferentes tipos de posicionamento que os falantes podem tomar no relacionamento com seus interlocutores.

## Bibliografia

- Adant, Josepha Alves da Silva (1988). *Difusão dialetal: o caso dos alagoanos em Brasília*. Dissertação de Mestrado em Lingüística, Brasília, UnB.
- Andrade, Adriana Lília V.S. (2004). *A variação você, cê e ocê no português brasileiro falado*. Dissertação de Mestrado em Lingüística, Brasília, UnB.
- Azevedo, Milton M. (1981). "Sobre o emprego de você no português brasileiro atual". *Hispania*, vol. 64, p. 273-278.
- Basto, Cláudio. (1931). "Formas de tratamento, em português". *Revista Lusitana*, vol. XXIX. Lisboa, Livraria Clássica Editora. p. 183-257.
- Bell, Allan (2001). "Back in style: reworking audience design". In: P. Eckert e J. Rickford (orgs). *Style and sociolinguistic variation*. Cambridge, Cambridge University Press. p. 139-169.
- Blom, J.P. e Gumperz, J.J. (1972). "Social Meaning in Linguistic Structure: Code-Switching in Norway". In: J.J. Gumperz e D. Hymes (eds.). *Directions in sociolinguistics: the ethnography of communication*. New York, Holt, Rinehart and Winston, Inc. p. 407-434.
- Bortoni-Ricardo, Stella Maris (1985). *The urbanization of rural dialect speakers: a sociolinguistic study in Brazil*. Cambridge, Cambridge University Press.
- Bortoni-Ricardo, Stella Maris (2000). "O falar candango: contato de dialetos no Distrito Federal, Brasil". In: S. Große e K. Zimmerman (eds.): *O português brasileiro: pesquisas e projetos*. Frankfurt am Main, TFM, p. 329-344.
- Bourdieu, Pierre (1998). *A economia das trocas lingüísticas*. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo.
- Brown, Penelope e Levinson, Stephen (1979). "Social structure and interaction". In: K.R. Scherer e H. Giles (eds.). *Social markers in speech*. Cambridge, Cambridge University Press. p. 291-342.
- Brown, Roger e Ford, Marguerite (1961). "Address in American English". *Journal of Abnormal and Social Psychology*, vol. 62 (2). p. 375-385.
- Brown, Roger e Gilman, Albert (1960). "The pronouns of power and solidarity". In: C. Brat Paulston e G.R. Tucker (eds.) *Sociolinguistics: the essencial readings* (2003). Oxford, Blackwell. p. 156-176.
- Buchler, Ira e Freeze, R. (1966). "The distinctive features of pronominal systems". *Anthropological Linguistics*, vol. 8 (8).
- Chambers, J.K. (1995). *Sociolinguistic Theory, linguistic variation and its social significance*. Oxford, Blackwell.

- Cheshire, Jenny (1982). "Linguistic variation and social practice". In: S. Romaine (ed.) *Sociolinguistic variation in speech communities*. Londres, Edward Arnold (Publishers) Ltd.
- Cintra, Luís F. Lindley (1972). *Sobre "formas de tratamento" na língua portuguesa*. Lisboa, Livros Horizonte.
- Clyne, Michael et alii (2003). *Address in some Western European languages*. Proceedings of the 2003 Conference of the Australian Linguistic Society.
- Clyne, Michael et alii (2006). *Perceptions of variation and change in German and Swedish address*. *Journal of Sociolinguistics* 10/3. p. 287-319.
- Corrêa, Cíntia da Costa (1998). *Focalização dialetal em Brasília: um estudo das vogais pretônicas e do /s/ pós-vocálico*. Dissertação de Mestrado em Lingüística, Brasília, UnB.
- Cunha, Celso (1981). *Gramática do português contemporâneo*. 9ª ed. Rio de Janeiro, Padrão – Livraria Editora Ltda.
- Douglas-Cowie, Ellen (1978). "Linguistic code-switching in a Northern Irish village: Social interaction and social ambition". In: P. Trudgill (ed.). *Sociolinguistic Patterns in British English*. Londres, Edward Arnold. p. 37-51.
- Duarte, Maria Eugênia L. (1996). "Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil". In: I. Roberts e M.A. Kato (orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. 2ª ed. Campinas, Ed. da Unicamp. p. 107-128.
- Eckert, Penelope (1981). "Notes on pronominal strategies in a bilingual community". In D. Sankoff e H. Cedergren (eds.), *Variation Omnibus*. Carbondale: Linguistic Research. p. 499-503.
- Eckert, Penelope (2000). *Linguistic variation as social practice*. Oxford, Blackwell.
- Ervin-Tripp, Susan (1972). "On sociolinguistic rules: alternation and co-occurrence". In: J.J. Gumperz e D. Hymes (eds.). *Directions in sociolinguistics: the ethnography of communication*. New York, Holt, Rinehart and Winston, Inc. p. 213-250.
- Faraco, Carlos Alberto (1996). *O tratamento de você em português: uma abordagem histórica*. Fragmenta, Curitiba, Ed. da UFPR, n. 13, p. 51-82.
- Ferguson, Charles A. (1996). *Sociolinguistic perspectives*. Oxford, Oxford University Press.
- Friedrich, Paul (1972). "Social context and semantic feature: the Russian pronominal usage". In: J.J. Gumperz e D. Hymes (eds.). *Directions in sociolinguistics: the ethnography of communication*. New York, Holt, Rinehart and Winston, Inc. p. 270-300.
- Givón, T. (1995). "Markedness as meta-iconicity: distributional and cognitive correlates of syntactic structure". In: T. Givón. *Functionalism and grammar*. Philadelphia: John Benjamins. p. 25-69.

- Gumperz, John J. (1982). *Discourse strategies*. Cambridge, Cambridge University Press.
- Gumperz, John J. (2003). "Contextualization conventions". In: C. Brat Paulston e G. Tucker (eds.). *Sociolinguistics – the essential readings*. Oxford, Blackwell. p. 139-155.
- Guy, Gregory R. (1998). "Varbrul: análise avançada". *Cadernos de Tradução* 1, 2ª ed. UFRJ.
- Hanna, Elizabeth Seixas (1986). *Difusão e focalização dialetal: o caso de Brasília*. Dissertação de Mestrado em Lingüística, Brasília, UnB.
- Hausen, Telma A. P. (2000). *Concordância verbal do pronome "tu" no interior do estado de Santa Catarina*. Dissertação de Mestrado em Lingüística, Curitiba, UFPR.
- Head, Brian F. (1978). "Respect degrees in pronominal reference". In: J.H. Greenberg. *Universals of Human Language*. Stanford, Stanford University Press. p.151-211.
- Head, Brian F. (1981). "Variation and rate of change in the diffusion of new patterns of address". In: D. Sankoff e H. Cedergren (eds.), *Variation Omnibus*. Carbondale: Linguistic Research. p. 489-498.
- Hymes, Dell (1977). *Foundations in Sociolinguistics*. Londres, Tavistock Publications.
- Hymes, Dell (2003). "Models of interaction of Language and Social Life". In: C. Brat Paulston e G. Tucker (eds.). *Sociolinguistics – the essential readings*. Oxford, Blackwell. p. 30-46.
- Ilari, R. et alii. (1996). "Os pronomes pessoais do português falado: roteiro para a análise". In: A.T. Castilho e M. Basílio (orgs), *Gramática do português Falado*. Volume IV - Estudos Descritivos. Campinas, Editora da Unicamp. p. 79-166.
- Ingram, David (1978). "Typology and universals of personal pronouns". In: J.H. Greenberg. *Universals of Human Language*. Stanford, Stanford University Press. p. 213-247.
- Jensen, John B. (1982). "Dona Flor and her five forms of address". *Luso-Brazilian Review*, vol. XIX (2). p. 251-266
- Labov, William (1974). "Estágios na aquisição do inglês *standard*". In: M. Fonseca e M. Neves (orgs.). *Sociolingüística*. Rio de Janeiro, Eldorado. p. 49-85.
- Labov, William (1972). *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press.
- Labov, William (1994). *Principles of Linguistic Change, Volume I: Internal Factors*. Oxford, Blackwell.
- Labov, William (2001). *Principles of Linguistic Change, Volume II: Social Factors*. Oxford, Blackwell.
- Labov, William (2003). "Some sociolingüistic principles". In: C. Brat Paulston e G. Tucker (eds.). *Sociolinguistics – the essential readings*. Oxford, Blackwell. p. 234-250.

- Lindley Cintra, Luís F. (1967). "Origens do sistema de formas de tratamento do português actual". *Brotería*, vol. LXXXIV (1).
- Lopes, Célia Regina dos Santos e Duarte, Maria Eugênia Lamoglia (2003). "De Vossa Mercê a você: análise da pronominalização de nominais em peças brasileiras e portuguesas setecentistas e oitocentistas". In: S. Brandão e M.A. Mota (orgs.). *Análise Contrastiva de Variedades do Português: Primeiros Estudos*. Rio de Janeiro, In-Fólio. p. 61-76.
- Loregian, Loremi (1996). *Concordância verbal com o pronome tu no sul do Brasil*. Dissertação de Mestrado em Letras/Linguística, Florianópolis, UFSC.
- Loregian-Penkall, Loremi (2004). *(Re)análise da referência de segunda pessoa na fala da região sul*. Tese de Doutorado em Letras/Linguística, Curitiba, UFPR.
- Lucca, Nívia Naves Garcia (2005). *A variação tu/você na fala brasiliense*. Dissertação de Mestrado em Linguística, Brasília, UnB.
- Luft, Celso Pedro (1957). "Tratamento depreciativo". *Revista Brasileira de Filologia*. Rio de Janeiro, Livraria Academia, v. 3, t. II, p. 193-207.
- Mattoso Câmara Jr, Joaquim (1970). *Estrutura da língua portuguesa*. 2ª ed. Petrópolis, Editora Vozes.
- Menon, Odete P. da Silva (2006). "A história de você". In: M. Guedes et alii (orgs.) *Teoria e análise linguísticas, novas trilhas*. São Paulo, Cultura Acadêmica Editora. p. 99-160.
- Milroy, Lesley (1987). *Language and social networks*. 2ª ed. Oxford, Basil Blackwell.
- Milroy, Lesley e Gordon, Matthew (2003). *Sociolinguistics: method and interpretation*. Oxford, Blackwell.
- Monteiro, José Lemos (1990). "Variação no uso dos pronomes pessoais no português do Brasil". *Separata da Verba (Anuário Galego de Filoloxia)*, vol. 17. Santiago de Compostela. p. 145-157.
- Naro, Anthony Julius (2003). "Modelos quantitativos e tratamento estatístico". In: M.C. Mollica e M.L. Braga (orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo, Contexto. p. 15-25.
- Nascentes, Antenor (1956). "O tratamento de "você" no Brasil". *Revista Letras*, vol. 5(6). Curitiba. p. 114-257.
- Nascentes, Antenor (1949). "Fórmulas de tratamento no Brasil nos séculos XIX e XX". *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. III (1). Coimbra, Casa do Castelo Editora. p. 52-68.
- Oliveira, Sandi Michele de (2006). *Identidade pessoal e a relevância da análise de "frames" (molduras) para um modelo da negociação de tratamento*. Universidade de Copenhagen. (versão eletrônica: [www.ruc.dk/isok/skriftserier/XIV-SRK-Pub/SMO/SMO03-Oliveira/](http://www.ruc.dk/isok/skriftserier/XIV-SRK-Pub/SMO/SMO03-Oliveira/), acesso em janeiro/2007).



- Oliveira e Silva, Giselle Machline (1974). *Aspectos sociolingüísticos dos pronomes de tratamento em português e francês*. Dissertação de Mestrado em Lingüística, Rio de Janeiro, UFRJ.
- Oliveira e Silva, Giselle Machline (1981). "Perspective sociolinguistique de la forme 'você' a Rio de Janeiro". In D. Sankoff e H. Cedergren (eds.), *Variation Omnibus*. Carbondale: Linguistic Research. p. 481-487.
- Paez Urdaneta, Iraset de Jesus (1980). *The use of 'tu' and 'usted': patterns in the middle class of Caracas*. Dissertação de doutorado, Universidade de Stanford.
- Paredes Silva, Vera Lúcia (1998). "Variação e funcionalidade no uso de pronomes de 2ª pessoa do singular no português carioca". *Revista de Estudos de Linguagem*, v. 7, n. 2, jul-dez, p. 121-138. Belo Horizonte, UFMG.
- Paredes Silva, Vera Lúcia (2003). "O retorno do pronome tu à fala carioca". In: C. Roncarati e J. Abraçado (orgs). *Português Brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro, 7Letras. p. 160-169.
- Pitombo, Eliana (1998). *TU e VOCÊ no português da Bahia no século XIX. Por uma lingüística sócio-histórica*. (mimeo).
- Romaine, Suzanne (ed.) (1982). *Sociolinguistic variation in speech communities*. Londres, Edward Arnold (Publishers) Ltd.
- Said Ali, Manuel (1966). *Gramática histórica da língua portuguesa*. 6ª ed. São Paulo, Melhoramentos.
- Sankoff, David (1978). "The Linguistic Market and the Statistical Explanation of Variability". In: D. Sankoff (ed.). *Linguistic Variation, Models and Methods*. Nova York, Academic Press Inc. p. 239-250.
- Sankoff, David (2001). "Statistics in sociolinguistics". In: Mesthrie, R (ed.). *Concise Encyclopedia of Sociolinguistics*. Amsterdã, Elsevier. p. 828-834. (versão eletrônica: <http://albuquerque.bioinformatics.uottawa.ca/Papers/stats.pdf>, acesso em abril/2007).
- Sankoff, David (1988). "Variable Rules", In U. Ammon, N. Dittmar & K. J. Mattheier (eds.), *Sociolinguistics: An international handbook of the science of language and society*. Nova York, Walter de Gruyter. p. 984-997.
- Sankoff, Gillian (2002). *Cross-Sectional and Longitudinal Studies in Sociolinguistics*. (versão eletrônica: <http://www.ling.upenn.edu/~gillian/LongitStudies.html>, acesso em março/2007).
- Seplan, Secretaria de Estado de Planejamento, Coordenação e Parcerias do Distrito Federal 2006. Coletânea de Informações Socioeconômicas das RAs I (Brasília), XVI (Lago Sul) e XVIII (Lago Norte).
- Scherre, Maria Marta Pereira (1998). "Paralelismo lingüístico". *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 7, n. 2, jul-dez, p. 29-59. Belo Horizonte, UFMG.

- Scherre, M. Marta Pereira (2002). "A norma do imperativo e o imperativo da norma. Uma reflexão lingüística sobre o conceito de erro". In: M. Bagno (org). *Lingüística da norma*. São Paulo, Loyola. p. 217-251.
- Scherre, M. Marta Pereira e Naro, Anthony Julius (1997). "A concordância de número no português do Brasil: um caso típico de variação inerente". In: D. da Hora (org.). *Diversidade Lingüística no Brasil*. João Pessoa, Idéia. p. 93-130.
- Scherre, M. Marta Pereira e Naro, Anthony Julius (2003). "Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul". In: M.C. Mollica e M.L. Braga (orgs). *Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo, Contexto. p. 147-177.
- Sette, Neide Durães (1980). *Formas de tratamento no português coloquial*. Dissertação de Mestrado em Lingüística, Recife, UFPE.
- Soares, Maria Elias (1980). *As formas de tratamento nas interações comunicativas: uma pesquisa sobre o português falado em Fortaleza*. Dissertação de Mestrado em Letras, Rio de Janeiro, PUC.
- Stevenson, W.J. (1981). *Estatística Aplicada à Administração*. São Paulo, Editora Habra Ltda.
- Tannen, Deborah (2003). "The relativity of linguistic strategies: rethinking power and solidarity in gender dominance". In: C. Brat Paulston e G. Tucker (eds.). *Sociolinguistics – the essencial readings*. Oxford, Blackwell. p.208-228.
- Trudgill, Peter (1995). *Sociolinguistics. An introduction to language and society*. London, Penguin Books.
- Velasco, Ana Maria M.S. e Magalhães-Almeida, Cirlene (2000). "O falar candango: versão preliminar da linguagem dos jovens candangos em uma abordagem semântico-lexical". In: Große, Sybille e Zimmerman, Klaus (eds.): *O português brasileiro: pesquisas e projetos*. Frankfurt am Main, TFM, p. 287-315.
- Wainerman, Catalina Haydée (1973). *Pronominal address rules: a sociolinguistic study of the structure and evolution of dyatic usages in the speech of Argentina*. Dissertação de doutorado, Universidade Cornell.
- Wales, Katie (2004). "Second Person Pronouns in Contemporary English: The End of a Story or Just the Beginning?". *Journal of Franc-British Studies* 33-4. p. 172-85. (versão eletrônica: [http://cvc.cervantes.es/obref/coloquio\\_paris/ponencias/pdf/cvc\\_wales.pdf](http://cvc.cervantes.es/obref/coloquio_paris/ponencias/pdf/cvc_wales.pdf), acesso em abril/2007)
- Weinreich, Uriel; Labov, William e Herzog, Marvin I (1968). "Empirical Foundations for a Theory of Language Change". In: W. Lehmann. e Y. Malkiel (eds). *Directions for Historical Linguistics: A Symposium*. Austin, University of Texas Press. p. 95-195.